

Universidade Federal de Ouro Preto

Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas

Programa de Pós-Graduação em Comunicação
PPGCOM

Dissertação

***SINALOA APRENDE EN CASA:
Educação pelo rádio durante
o período pandêmico da
Covid-19 nas comunidades
indígenas de Sinaloa,
México.***

Lorena Iliá Cenicerros Manjarrez

Ouro Preto
2022



UFOP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

LORENA ILIA CENICEROS MANJARREZ

SINALOA APRENDE EN CASA: Educação pelo rádio durante o período pandêmico da Covid-19 nas comunidades indígenas de Sinaloa, México.

Mariana
2022

LORENA ILIA CENICEROS MANJARREZ

SINALOA APRENDE EN CASA: Educação pelo rádio durante o período pandêmico da Covid-19 nas comunidades indígenas de Sinaloa, México.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Temporalidades.

Linha de pesquisa: Interações e emergências da comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Nair Prata

Mariana
Fevereiro/2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M278s Manjarrez, Lorena Iliá.

Sinaloa aprende em casa [manuscrito]: educação pelo rádio durante o período pandêmico da Covid-19 nas comunidades indígenas de Sinaloa, México. / Lorena Iliá Manjarrez. Lorena Manjarrez. - 2022. 183 f.: . + Quadros. + Figuras.

Orientadora: Profa. Dra. Nair Prata.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de PósGraduação em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação e Temporalidades.

1. Doenças transmissíveis emergentes. 2. Educação. 3. Indígenas Saúde pública - México. 4. Rádio. I. Manjarrez, Lorena. II. Prata, Nair. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 316.77



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lorena Ilia Cenicerros Manjarrez

Educação pelo rádio durante o período pandêmico da Covid-19 nas comunidades indígenas de Sinaloa, México

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2022

Membros da banca

Prof.(a). Dr.(a) Nair Prata Moreira Martins (Orientador(a) e Presidente) – Universidade Federal de Ouro Preto

Prof.(a). Dr.(a) Ismar Capsitrano - Universidade Federal Fluminense

Prof.(a). Dr.(a) Nélia Rodrigues Del Bianco - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof.(a). Dr.(a) Nair Prata Moreira Martins orientador(a) do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 13/06/2022



Documento assinado eletronicamente por **Nair Prata Moreira Martins, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/06/2022, às 15:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0348672** e o código CRC **52E220FB**.

Dedico esta dissertação à minha família, com todo o meu amor e admiração. Foram eles que me deram segurança para persistir e correr atrás, pois sei que não sigo sozinha nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão é tão grande que agradecer sem esquecer de citar alguém ou algo que me permitiu chegar onde estou tornou-se talvez a tarefa mais difícil em todo este processo, pois não gostaria de deixar nada nem ninguém de lado, porém, tentarei ser breve e abranger de forma ampla todos aqueles que estiveram comigo ao longo deste período e tornaram este trabalho possível.

Agradeço principalmente ao programa de Bolsas Brasil concedido pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pelo Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (CGUB), pois me deram a oportunidade de poder tornar essa experiência possível e me desenvolver como estudante e pessoa.

A todos meus professores do PPGCOM, por todos os ensinamentos, principalmente à Profa. Dra. Débora López e ao Prof. Dr. Frederico de Mello, pois sua disciplina de metodologia e o seu apoio facilitaram meu caminho. Quero, acima de tudo, agradecer à minha orientadora, a Prof. Dra. Nair Prata, pela grande paciência, colaboração e orientação desde o início do projeto até agora, e a ela expresse toda a minha admiração pelo seu trabalho, experiência e dedicação.

À minha família, porque foram eles os que mais me encorajaram a começar esta experiência, me deram o empurrão quando queria desistir, me apoiaram em cada uma das minhas decisões e estavam comigo sempre que eu precisava, do início ao fim.

Aos meus pais Renee Ceniceros e Lorena Manjarrez, minhas irmãs Nathaly, Kenia e Cinthia, aos meus tios Daniel Ceniceros, Rosana Cunha e Iliá Ceniceros, à minha prima irmã Sandra Romero e ao meu avô, Juan Ceniceros.

Assim como à minha agora família brasileira, a família Cunha, especialmente à Sra. Lelita e Rosangela Cunha, pela hospitalidade e atenção, porque me abrigaram quando eu estava sozinha durante este difícil processo que foi o surgimento da pandemia no primeiro mês após minha chegada a este país.

Aos meus amigos, porque ao longo deste processo eles estiveram comigo, apoiando-me e incentivando-me sempre que não me sentia capaz.

Agradeço imensamente a cada uma das pessoas que sempre estiveram comigo e com quem me deparei ao longo destes quase dois anos; a todos que tornaram possível chegar aqui onde estou e contribuíram de alguma para a conclusão deste trabalho, com todo o universo, pois pude viver uma das melhores experiências da minha vida, que no meio de um acontecimento inesperado me fez explodir mais, confiar mais em mim, e florescer coisas que nunca pensei serem possíveis.

Grata infinitamente, obrigada Brasil.

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a mostrar os movimentos que envolve o governo mexicano para garantir o acesso à educação e verificar, especificamente, se o programa *Sinaloa Aprende en Casa*, através do rádio, e enquanto ferramenta emancipatória, proporciona a universalização da educação, como estabelece a Constituição Federal do México na atenção às comunidades indígenas de Sinaloa, afetadas pela falta de recursos econômicos e digitais durante o período da pandemia da Covid-19 em 2020.

Para tanto, baseamo-nos no discurso emancipatório proposto por Paulo Freire (1978) para poder explicar as estratégias implementadas pelo governo do Estado de Sinaloa, México, em comunidades indígenas, como alternativa pedagógica durante o primeiro período escolar em 2020 durante a pandemia da Covid-19, reconhecer a teoria metodológica em relação a uma educação emancipatória e descrever a maneira como o programa *Aprende en Casa* constrói o conteúdo especificamente durante esse período de emergência.

Utilizaremos uma metodologia mista para uma melhor compreensão do nosso objeto de estudo, fazendo uso de métodos qualitativos que permitem a obtenção de dados descritivos, utilizando como instrumentos para construção de dados entrevistas semiestruturadas realizadas junto à agência encarregada de projetar e operar programas de educação para o Estado de Sinaloa e às rádios participantes do programa governamental *Sinaloa Aprende en Casa*.

ABSTRACT

This research aims to show the movements that the Mexican government involves and to verify whether the *Sinaloa Aprende en Casa* program, through the radio, and as an emancipatory tool, provides universal education, as established by the Federal Constitution of Mexico in terms of attention to communities indigenous people of Sinaloa, affected by the lack of economic and digital resources during the period of the Covid-19 pandemic in 2020.

Therefore, we based ourselves on the emancipatory discourse proposed by Paulo Freire (1978) in order to explain the strategies implemented by the government of the State of Sinaloa, Mexico, in indigenous communities as a pedagogical alternative during the first school period in 2020 during the Covid-19 pandemic, recognize the methodological theory in relation to an emancipatory education and describe how the *Aprende en casa* program builds content specifically during this period of emergency.

We will use a mixed methodology not to take advantage of the explanatory value and a better understanding of our object of study, making use of qualitative methods that will allow us to obtain descriptive data, using as instruments for the construction of data, semi-structured interviews, carried out at the agency in charge of projecting and operate education programs for the State of Sinaloa and the participating radios of the government program *Sinaloa Aprende en Casa*.

*“Nós somos todos constituídos de bocados,
de extratos de história, de literatura, de direito internacional. (...)
E se nos perguntarem o que fazemos, podeis responder: ‘Recordamo-nos’”*
Fahrenheit 451
Ray Bradbury

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Programação <i>Sinaloa Aprende en Casa</i>	32
Quadro 2. Avaliação dos pedidos de faixas de frequências, categorias, modalidades de utilização e cobertura geográfica apresentadas pelos interessados.....	63
Quadro 3. Emissoras de rádio pertencentes a <i>Ecos Indígenas</i>	66
Quadro 4. Educação mexicana.....	83
Quadro 5. Estatística Educativa do Estado de Sinaloa	84
Quadro 6. Indicadores Educativos de Sinaloa	85
Quadro 7. A mídia sinaloense.....	87
Quadro 8. Detalhamento da aplicação dos instrumentos de pesquisa	92
Quadro 9. Resumo da divulgação do programa <i>Sinaloa Aprende en Casa</i>	109

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Meu percurso metodológico	32
Figura 2. Coronavírus e suas estratégias de prevenção	49
Figura 3. Percentagem de domicílios com internet por Estado no ano 2020.....	58
Figura 4. Categorias do rádio no México	62
Figura 5. Acontecimentos importantes do rádio no México.....	71
Figura 6. Distribuição da população de falantes da língua indígena de acordo com o tamanho de sua localidade	78
Figura 7. Estrutura da população em domicílios indígenas por faixas etárias.....	79
Figura 8. Distribuição funcional de despesas	82
Figura 9. Percentagem da população que fala uma língua indígena por Estado	90

LISTA DE ABREVIACIONES

AM – Amplitude Modulada

BID – *Banco Interamericano de Desarrollo* (Banco Interamericano de Desenvolvimento)

BIT – *Banco de Información de Telecomunicaciones* (Banco de Informações de Telecomunicações)

CDI – *Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas* (Comissão Nacional para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas)

CEPAL – *Comisión Económica para América Latina y el Caribe* (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe)

CIRT – *Cámara Nacional de la Industria de Radio y Televisión* (Câmara Nacional da Indústria de Rádio e Televisão)

CONAFE – *Consejo Nacional de Fomento Educativo* (Conselho Nacional de Promoção Educacional)

CONAPO – *Consejo Nacional de Población* (Conselho Nacional de População)

CYE – *Cultura y Educación* (Cultura e Educação)

DGEI – *Dirección General de Educación Indígena* (Direção Geral de Educação Indígena)

DGGPYEE – *Dirección General de Planeación, Programación y Estadística Educativa* (Direção Geral de Planejamento, Programação e Estatística Educacional)

ENCOVID-19 – *Encuesta de Seguimiento de los Efectos del Covid-19 en el Bienestar de los Hogares Mexicanos* (Pesquisa de monitoramento dos efeitos da Covid-19 no bem-estar das famílias mexicanas)

ENDUTIH – *Encuesta Nacional sobre Disponibilidad y Uso de Tecnologías de la Información* (Pesquisa Nacional sobre Disponibilidade e Uso de Tecnologias da Informação)

ENOE – *Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo* (Pesquisa Nacional de Ocupação e Emprego)

FM – Frequência Modulada

IFT – *Instituto Federal de Telecomunicaciones* (Instituto Federal de Telecomunicações)

IMCINE – *Instituto Mexicano de Cinematografía* (Instituto Mexicano de Cinematografia)

IMER – *Instituto Mexicano de Radio* (Instituto Mexicano de Rádio)

IMERVISION – *Instituto Mexicano de Televisión* (Instituto Mexicano de Televisão)

INALI – *Instituto Nacional de Lenguas Indígenas* (Instituto Nacional de Línguas Indígenas)

INE – *Instituto Nacional Electoral* (Instituto Nacional Eleitoral)

INEA – *Instituto Nacional para la Educación de los Adultos* (Instituto Nacional de Educação para Adultos)

INEGI – *Instituto Nacional de Estadística y Geografía* (INEGI)

INPI – *Instituto Nacional de los Pueblos Indígenas* (Instituto Nacional dos Povos Indígenas)

OCDE – *Organización para la Cooperación y Desarrollo Económico* (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico)

OHCHR – *Office of the High Commissioner for Human Rights* (Escritório do Alto Comissariado para os Direitos Humanos)

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PACMYC – *Programa de Apoyo a las Culturas Municipales y Comunitarias* (Programa de Apoio às Culturas Municipais e Comunitárias)

SCT – *Secretaría de Comunicaciones y Transportes* (Ministério das Comunicações e Transportes)

SEN – *Sistema Educativo Nacional* (Sistema Educacional Nacional)

SEP – *Secretaría de Educación Pública* (Ministério da Educação Pública)

TDT – *Televisión Digital Terrestre* (Televisão Digital Terrestre)

UADEO – *Universidad Autónoma de Occidente* (Universidade Autônoma do Ocidente)

UAIM – *Universidad Autónoma Indígena de México* (Universidade Autônoma Indígena do México)

UNAM – *Universidad Nacional Autónoma de México* (Universidade Nacional Autônoma do México)

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura)

UNICEF – *United Nations International Children's Emergency Fund* (Fundo da Organização das Nações Unidas)

UPES – *Universidad Pedagógica del Estado de Sinaloa* (Universidade Pedagógica do Estado de Sinaloa)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1. Rádio como proposta educacional durante a pandemia	26
1.1. Problematização	26
1.2. Justificativa	28
1.3. Objetivos da pesquisa.....	29
1.3.1. Objetivo geral.....	29
1.3.2. Objetivos específicos	29
1.4. Marco contextual.....	29
1.5. Percurso metodológico.....	32
1.5.1. Metodologia	32
1.5.2. Método de pesquisa	33
1.5.2.1. A análises documental	33
1.5.2.2. A entrevista semiestruturada.....	34
1.5.2.1.1. Ficha técnica da entrevista	35
CAPÍTULO 2. Teorias sobre educação e paradigmas de comunicação	37
2.1. O campo da educação e da comunicação.....	37
2.2. Teoria da modernização e sua abordagem emancipatória	45
2.3. A educação mexicana: um direito consagrado na Constituição	47
2.4. A pandemia da Covid-19: um novo normal?	49
2.5. Estratégias educacionais durante a pandemia: uma realidade desigual	52
2.6. Uma educação digital no México.....	57
CAPÍTULO 3. O rádio: um meio tradicional em ação	60
3.1. O rádio: aliado em tempos de crise.....	68
3.2. Uma breve história do rádio no México.....	71
3.3. O rádio mexicano educativo	74

CAPÍTULO 4. As comunidades indígenas, a educação e o rádio	78
4.1. Sinaloa no contexto e suas comunidades indígenas.....	81
4.2. Governo e movimentos radiofônicos durante a pandemia para as comunidades indígenas do Estado de Sinaloa	91
4.3. Análise das informações obtidas: semelhanças e diferenças do programa de governo por meio das emissoras de rádio	109
CONCLUSÃO	115
ANEXOS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175

INTRODUÇÃO

Antes de desenvolver este trabalho e a proposta de pesquisa, gostaria de me apresentar e detalhar um pouco a minha trajetória até aqui. Dessa forma, será possível entender as imbricações entre a minha história e os pressupostos desta pesquisa.

Nasci na cidade de Culiacán, capital do Estado de Sinaloa, no noroeste do México, em 1992, uma cidade de pouco mais de um milhão de habitantes, reconhecida por sua economia forte, sua cultura, sua gastronomia, o calor humano e a alegria de seus habitantes.

Concluí a carreira técnica na área Contábil em 2010, daí nasceu o meu interesse pelas áreas administrativas e empresariais, razão pela qual decidi fazer o curso superior de Marketing, finalizando os meus estudos em 2014.

Aos 16 anos comecei a minha vida profissional, trabalhando em diferentes empresas como caixa ou vendedora, porém, poucos meses após terminar a licenciatura, iniciei a carreira profissional na área de Marketing e Publicidade como responsável de departamento em uma loja de móveis.

Mais adiante, trabalhei em uma emissora de rádio como responsável da área de Marketing, preparando, executando, distribuindo e supervisionando as ferramentas de trabalho para todo o pessoal do grupo nas diferentes emissoras radiofônicas, localizadas nos municípios de Culiacán, Mazatlán, Los Mochis, Guasave e Durango, com relação à imagem interna e externa da empresa, assim como a coordenação e supervisão dos eventos e transmissões realizadas ao vivo pela emissora de rádio localizada em Culiacán.

Porém, após alguns intervalos e situações pessoais, em 2018 comecei a trabalhar em eventuais projetos para um órgão público federal.

Desde 2014 tinha interesse em conhecer o Brasil, pois os Jogos Olímpicos se aproximavam e a mídia não parava de mostrar paisagens maravilhosas daquele país. Mas foi em 2016 que realmente tive a oportunidade de visitar o Brasil pela primeira vez, um país que me encheu de alegria e muitas expectativas.

Encantada por sua cultura, seu povo, seus lugares e o idioma, volto ao México depois de três meses de estada, cheia de aprendizados e novos objetivos, entre eles, um retorno que acontece em 2018, visitando, mais uma vez, por um mês.

Essas experiências de interação social, cultural e intelectual me permitiram ampliar minha visão de mundo. O Brasil me fez sentir em casa, e me perceber uma centelha especial no ar que me fez refletir e pensar sobre a vida, as competições e o futuro, meu futuro.

Embora fosse verdade que desde a universidade tinha minhas obrigações educacionais, trabalhava e tinha atividades extracurriculares como estudar inglês, ainda precisava de mais ferramentas que me permitissem enfrentar o mundo globalizado em que hoje a gente se encontra, sair da minha zona de conforto, aprender coisas novas e buscar novas paixões.

Foi assim que voltei com uma linha traçada que tinha que seguir. Primeiro, estudar o português, porque além do fato de gostar da língua, sua aprendizagem seria necessária para poder cumprir meus propósitos. Segundo, fazer o nivelamento pedagógico que me permitisse entrar no campo da docência, já que minha intenção era poder dar aulas de espanhol no ensino fundamental na minha cidade ou trabalhar no Brasil. Finalmente, fazer um mestrado no exterior, pois tenho que aceitar que vivemos em uma sociedade *malinchista*¹ onde fazê-lo fora do meu país poderia abrir um leque de probabilidades.

Pensei na possibilidade de voltar a visitar o Brasil, já que era o lugar onde me sentia em casa e foi um dos países que se destacou por ter os melhores centros educacionais da América Latina. Porém, para falar a verdade, fazer o mestrado depois de 6 anos de conclusão da faculdade já era um desafio pessoal que eu teria que enfrentar se quisesse melhorar minhas oportunidades.

Foi, então, quando já cursava o nivelamento pedagógico, que certa noite nas redes sociais, me deparei com a convocatória da Bolsas Brasil no Programa de Parceria para Educação e Formação - PAEC OEA-GCUB. Olhei os requisitos e o programa já havia

¹ Segundo o Dicionário mexicano de espanhol, é aquele que dá preferência a estrangeiros, costumes ou coisas em detrimento dos nacionais, principalmente se for branco, loiro e do tipo germânico (DÍAZ, 2021, tradução nossa).

encerrado as inscrições, porém, curiosamente, haviam prorrogado o prazo. Foi, então, que resolvi tentar participar como se fosse um ensaio, porque depois de terminar o curso de pedagogia voltaria a tentar com mais tempo.

Naquela época, eu já tinha um interesse especial por educação e tecnologia, portanto, foram os dois temas desenvolvidos no trabalho que participou dessa convocatória, que, em dezembro, encheu meu coração de alegria e muita emoção.

Embora minha linha deixou de ser tão reta, a organização colocou em minhas mãos a oportunidade de poder cumprir meu objetivo, de poder me desenvolver academicamente, de poder obter essa vantagem neste mundo competitivo e globalizado a que pertencemos, onde a especialização, experiência de vida e contato cultural são elementos cada vez mais valorizados.

Com as portas abertas em ambos os hemisférios, do México ao Brasil, esta jornada começou, cheia de expectativas e medos, mas com a mente sempre aberta para aprender, ao me deparar com uma nova cultura, um novo idioma, uma nova área, uma nova forma de aprender e o desafio de reaprender para aprender melhor.

Um mês depois da minha chegada, começaram novos desafios que não estavam no radar, e não só para mim, mas para a população em geral, pois uma nova doença se apoderava de todos os continentes, causando incerteza e medo do desconhecido: a Covid-19. Declarada pandemia pela OMS em março de 2020 devido ao seu rápido e elevado número de infecções, que faziam com que o bem-estar da população ficasse ameaçado, por isso, tiveram que cuidar de suas diferentes dimensões, tanto políticas como econômicas, culturais e educacionais.

A transmissão desta nova doença acontece quando se entra em contato com pessoas infectadas através do ar, tossindo ou espirrando, apertando a mão de uma pessoa infectada ou tocando em um objeto ou superfície contaminada e, em seguida, colocando as mãos sujas na boca, nariz ou olhos.

Dessa forma começamos com o uso de máscaras, desinfetantes, álcool, álcool em gel e lavagem adequada com água e sabão para desinfetar as mãos de forma preventiva, porque se alguns dos casos eram assintomáticos, outros mais tiravam a vida.

Como estudante estrangeira, através dos conhecimentos adquiridos, queria ser participante e poder dar ao meu país soluções para estas necessidades atuais de forma a fortalecer e ajudar de alguma forma nestas áreas de oportunidade.

Foi assim que a tecnologia e a educação foram os dois ramos que continuaram combinando o meu principal tema de interesse, e os que me fizeram abrir os olhos para as desigualdades e discriminações existentes, pois o confinamento social como estratégia de enfrentamento desta crise de saúde foi o estopim para estas questões, deixando à luz os temas de diferenças sociais.

O confinamento social durante a pandemia da Covid-19 gerou uma ruptura nos sistemas educacionais devido à mudança abrupta do presencial para o virtual neste período de emergência.

Essa inesperada e drástica mudança tem causado muitas complicações e grandes dificuldades, tanto para o professor quanto para o aluno, de forma generalizada, mas tem afetado de maneira ainda mais contundente e desafiadora às comunidades que não têm acesso a ferramentas digitais ou à internet.

No México, o principal componente do tecido social é a educação, por isso, na Constituição Federal, está estabelecido que todos os mexicanos devem ter uma educação moderna e de qualidade. Sendo assim, o objetivo do governo é criar as condições que garantam esse acesso à educação, no nível, língua, lugar e modalidade em que é exigida com base nos princípios da equidade, universalidade e integralidade (SECRETARÍA DE EDUCACIÓN PÚBLICA, 2020).

Nesse sentido, entendemos que, uma vez que a lei mexicana exige que toda a população receba educação pública para uma vida digna, e destacando os princípios de equidade e universalidade como seus objetivos fundamentais, as comunidades rurais e indígenas devem estar, igualmente, no centro das atenções das instituições governamentais.

Entretanto, devido a uma série de aspectos, tais como a desigualdade de conexão, a falta de ferramentas digitais e a escassez de recursos econômicos em que se encontram esses

núcleos populacionais, fica impossibilitada a realização de uma educação fora do formato presencial.

Dessa forma, faz-se necessário vislumbrar outras alternativas que caminham lado a lado com os recursos pedagógicos tradicionais como o rádio, a televisão ou o material impresso, de forma a poder cumprir com o propósito da Constituição Federal.

No Estado de Sinaloa, México, o acesso à educação virtual tem sido limitado, uma vez que existem comunidades rurais e indígenas que requerem outras alternativas que lhes permitam aos estudantes continuar seus estudos.

Nesse quadro, o rádio, por ser um meio de comunicação que sempre tem demonstrado ser o melhor veículo em tempos de crise, por ser um aparelho todo terreno, universal e de baixo custo (RODERO-ANTÓN; BLANCO-HERNÁNDEZ, 2020) tornou-se o aliado pedagógico capaz de mobilizar conteúdos educacionais através de seus programas específicos, viabilizando assim, o direito de acesso à informação e ao conhecimento.

A questão do rádio como meio educacional não é novidade. No México, a primeira estação de rádio educativa foi criada por José Vasconcelos, o então Secretário de Educação Pública em 1924, com o objetivo de “aproveitar o potencial do rádio em benefício das tarefas educacionais e culturais do país”² (GOBIERNO DE MÉXICO, s.p, [s.d.], tradução nossa).

Dito isso, esta pesquisa se propõe a mostrar os movimentos que envolve o governo mexicano para garantir o acesso à educação, e verificar se o programa *Sinaloa Aprende en Casa*, através do rádio e enquanto ferramenta emancipatória, proporciona a universalização da educação, como estabelece a Constituição Federal do México na atenção às comunidades indígenas de Sinaloa, afetadas pela falta de recursos econômicos e digitais durante o período da pandemia da Covid-19.

Para tanto, decidiu-se pela metodologia qualitativa e um estudo exploratório para a realização da pesquisa, e procedeu-se à coleta de dados de fontes atuais disponíveis na rede,

² No original: «aprovechar el potencial de la radio en beneficio de las tareas educativas y culturales del país.» (GOBIERNO DE MÉXICO, s.p, [s.d.]

como sites governamentais e institucionais, assim como materiais encontrados no site *Google Acadêmico* sobre os acontecimentos da pandemia e a educação na América Latina, como um todo, e mais especificamente em Sinaloa, México, além das alternativas para uma educação remota.

Dessa forma, buscaremos o aproveitamento do valor explicativo da experiência cotidiana, através da análise documental e a análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com instituições de ensino e rádios participantes do programa governamental, que permitirão uma melhor interpretação e leitura desta pesquisa.

Esta dissertação é composta por quatro capítulos. No capítulo 1, intitulado *Rádio como proposta educacional durante a pandemia*, são apresentados o problema, a justificativa, nossos objetivos e nosso quadro contextual do objeto de estudo, bem como o procedimento metodológico utilizado no desenvolvimento desta pesquisa.

No capítulo 2, intitulado *Teorias sobre educação e paradigmas de comunicação*, abordamos os diferentes tipos de educação, a questão do rádio como meio comunicacional e emancipatório, um pouco da origem e da teoria da modernização; a educação no México, como isso se enquadra na Constituição e como o rádio oferece esse direito; a pandemia da Covid-19 desde seu surgimento até suas estratégias de prevenção, impactos e desigualdades, principalmente na questão educacional após seu surgimento.

No capítulo 3, intitulado *O rádio: um meio tradicional em ação*, falamos sobre os conceitos do rádio, suas características, um pouco de sua história e a implantação do meio no México.

No capítulo 4, intitulado *Comunidades indígenas, a educação e o rádio*, abordamos as condições das comunidades indígenas no México, sua distribuição e características; os conceitos de *lugar* e *interior* para falar sobre o Estado de Sinaloa, colocando questões de economia, administração, conectividade, escolaridade e sistemas de comunicação no Estado, bem como as comunidades indígenas e línguas maternas da região. Também é detalhada a pesquisa, com as atividades realizadas por cada emissora radiofônica participante da proposta do governo com o programa *Sinaloa Aprende en Casa*.

Por fim, esta dissertação apresenta uma Conclusão, quando relacionamos os estudos teóricos com os achados da pesquisa.

Por meio da metodologia empregada, apontamos que o programa de *Sinaloa Aprende en Casa* promove a contextualização, o diálogo e os múltiplos saberes, como Freire menciona, não como autor, mas como coautor de suas condições, ao ser o corpo docente que, por meio da práxis, realizou essa leitura do mundo, colocando as necessidades dos povos indígenas e adaptando seus recursos didáticos à realidade de cada aluno nesse período de emergência sanitária, onde os recursos econômicos e a falta de tecnologias dificultaram o processo acadêmico dos alunos das comunidades mais marginalizadas.

Desta forma, o rádio destacou-se pelas suas características de ser todo terreno, ter baixo custo e por seu imediatismo, conseguindo posicionar-se nestes núcleos populacionais, como a ferramenta promotora do desenvolvimento nas áreas da informação e do conhecimento.

No entanto, embora o meio tenha sido selecionado com sucesso, as autoridades responsáveis negligenciaram esta grande oportunidade ao não se responsabilizarem por esta iniciativa e deixando tudo nas mãos do corpo docente, já desafiado pelo mesmo fenômeno social, deixando-lhes mais uma tarefa a cumprir e não um suporte que complementasse suas atividades como facilitadores.

Além de poder apontar que a maior parte das emissoras de rádio participantes utilizou majoritariamente o espanhol nos seus conteúdos, pois sinalaram que os novos processos de ensino para os povos indígenas dão mais importância ao espanhol.

Essa postura assume que as crianças e as novas gerações cada vez estão mais desinteressadas em aprender a língua indígena a que pertencem, e não questiona ou simplesmente ignora a importância de se preservar e manter esses idiomas.

CAPÍTULO 1. Rádio como proposta educacional durante a pandemia

1.1. Problematização

A América Latina é reconhecida por sua ampla diversidade cultural e por sua luta constante pelo reconhecimento de seus direitos, pela atenção às necessidades coletivas, por sua autonomia política e por sua busca constante pela valorização de sua identidade.

Um exemplo disso são as comunidades indígenas, pois elas também costumam se caracterizar por terem maior probabilidade de se encontrarem em situação de pobreza e extrema pobreza, independentemente de se encontrarem em áreas rurais, urbanas ou de fronteira, colocando-as como as comunidades mais desfavorecidas da região em relação ao restante da população (ALBERTOS, 2018; HERNÁNDEZ *et al.*, 2020).

O México não está imune a este problema, uma vez que esses povos são considerados grupos vulneráveis devido ao seu constante enfrentamento com discriminações, injustiças e desigualdades na tentativa de exercer seus direitos (HERNÁNDEZ *et al.*, 2020).

Esse problema de desigualdades, ao longo do tempo, tem se tornado cada vez mais evidente, destacando que, nesses setores, a maioria deles não possuem acesso à internet e que são setores marginalizados pelas empresas de telecomunicações devido à baixa rentabilidade e pouco interesse de investimento devido à escassez de recursos econômicos.

Atualmente, a pandemia da Covid-19 e seu confinamento social como principal estratégia de prevenção, trouxe desafios para diversos setores, mas sobretudo para a educação, pois tiveram que buscar alternativas para poder realizar uma educação à distância durante este período, com destaque para as aulas online como a primeira alternativa remota, o que revelou, mais uma vez, a luta constante das comunidades mais desfavorecidas, causando o abandono dos estudos por falta de ferramentas tecnológicas e recursos econômicos.

Desta forma, o rádio tem sido convocado, por ser o meio de comunicação que tem se destacado por demonstrar sua potência em situações de emergência, pois suas características permitem uma cobertura mais ampla em relação a outras mídias, tornando-se o principal

veículo de prevenção, divulgação, informação e questões de instrução. Por isso mesmo, pode oferecer um serviço público que ajuda a combater a desinformação e responde às necessidades das comunidades que se encontram nestas situações mais críticas como historicamente têm sido os desastres naturais, sociais ou epidemias.

Além disso, esse meio de comunicação tem funcionado como uma ferramenta educacional, proporcionando uma espécie de escola em áreas onde o governo não conseguiu estabelecer uma infraestrutura (ORTIZ, 2012).

No México, a Constituição estabelece que toda a população deve exigir uma educação digna, moderna e de qualidade, tendo como objetivo governamental criar as condições necessárias para garantir esse acesso à educação.

Além disso, as rádios comunitárias são de vital importância, pois é por meio delas que se expressa a vitalidade das culturas indígenas e a articulação do aspecto comunicativo e cultural da luta pelo direito à autonomia dos povos indígenas, direito formalmente reconhecido pela legislação internacional e mexicana, mas infelizmente violado por instituições e políticas estatais (GASPARELLO, 2012).

Dito isso, o *Instituto Nacional de los Pueblos Indígenas* (INPI) e os meios de comunicação sugeridos não forneceram os materiais oportunos em suas línguas nativas, pois as instituições não respeitaram as necessidades dessas populações, sendo que o México tem 865.972 falantes de alguma língua exclusivamente indígena, dos quais 10.392 pertencem ao Estado de Sinaloa, e onde apenas 4 das 30 línguas indígenas faladas no Estado são reconhecidas (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA, 2021a).

Daí o nosso interesse em estudar o programa oferecido pelo governo de Sinaloa que leva o nome de: *Sinaloa Aprende en Casa*, que, em teoria, busca nivelar as oportunidades e disponibilizar uma educação para todos em seus diferentes meios de comunicação que dependem das condições e realidades de cada aluno, combinando televisão, rádio e material impresso.

Portanto, buscamos saber se o programa governamental, através do rádio, cumpre uma verdadeira emancipação dessas comunidades que se encontram naquela lacuna digital

no Estado de Sinaloa, e se ele cumpre com a finalidade que o Governo Federal tem marcado em sua Constituição.

Desse modo, buscamos as diferentes teorias comunicacionais e educacionais para dar continuidade à nossa pesquisa, aderindo à proposta de Paulo Freire e de sua educação emancipatória, pois é a ferramenta que nos permitirá entender se o programa, através das ondas sonoras, promove a contextualização, o diálogo e os múltiplos saberes.

Assim, entendemos, em um primeiro diagnóstico, que estes processos educativos não respondem propriamente ao seu conceito de emancipação, já que dentro do programa oferecido, não se respeitam todas as línguas indígenas estabelecidas no Estado de Sinaloa, deixando ainda núcleos populacionais dentro de um espaço de luta e resistência contra a desigualdade e a colonização.

1.2. Justificativa

Diante do confinamento social durante a pandemia, milhares de alunos ficaram sem a oportunidade de continuar seus estudos porque não tinham os recursos materiais, tecnológicos ou econômicos para poder continuar com suas aulas fora do formato presencial e as salas de aula. Portanto, é de especial interesse conhecer o programa governamental *Sinaloa Aprende en Casa* como uma proposta alternativa que coloca materiais educativos para a população sinaloense em seus diferentes canais de comunicação em cumprimento ao direito constitucional.

Para isso, esta pesquisa surge da necessidade de estudar a educação emancipatória proposta por Paulo Freire (1978), com o objetivo de compreender se essa proposta governamental emergente, por meio de sua programação radiofônica – especificamente –, aproxima as comunidades indígenas de Sinaloa a uma educação e uma liberdade nesse espaço de opressão por meio da reflexão.

Por não haver estudos de extensão suficientes sobre o uso do rádio como ferramenta pedagógica durante a pandemia em Sinaloa, o presente trabalho é relevante para se ter conhecimento das experiências vividas nesse período.

Por outro lado, a pesquisa contribui para ampliar os dados sobre esse fenômeno e para poder contrastá-los com estudos semelhantes, e assim analisar possíveis variantes como a valoração da ferramenta no processo de aprendizagem ou como estratégia pedagógica fora da contingência.

É importante destacar que a finalidade deste trabalho não é discutir a qualidade da aprendizagem, mas sim como o rádio tem permitido que através das suas ondas sonoras possa se cumprir o direito ao acesso da informação e possa realizar-se uma educação à distância naquelas comunidades mais vulneráveis.

1.3. Objetivos da pesquisa

1.3.1. Objetivo geral

Verificar se o programa *Sinaloa Aprende en Casa*, enquanto ferramenta emancipatória, proporciona a universalização da educação, como estabelece a Constituição Federal do México durante o período da pandemia da Covid-19 nas comunidades indígenas do Estado de Sinaloa, México, através das ondas sonoras.

1.3.2. Objetivos específicos

- Explicar as estratégias implementadas pelo governo do Estado de Sinaloa, México, em comunidades indígenas como alternativa pedagógica durante o primeiro período escolar em 2020 durante a pandemia de Covid-19.
- Descrever a maneira como o programa *Sinaloa Aprende en Casa* constrói o conteúdo especificamente durante esse período de emergência.
- Buscar marcas dos princípios pedagógicos de Paulo Freire em relação a uma educação emancipatória nas produções emitidas.

1.4. Marco contextual

Nesta seção, vamos contextualizar o programa do governo mexicano: *Sinaloa Aprende en Casa* para a análise documental a ser realizada.

Este programa é fruto de uma estratégia governamental que dentro da sua programação disponibiliza material educativo através dos diversos meios de comunicação, no entendimento de que estes dependem da realidade de cada indivíduo nesse reflexo de desigualdades neste período de emergência no Estado de Sinaloa.

Em nível nacional, encontramos o programa de eixo que é intitulado *Aprende en casa*, onde se distribui conteúdo educacional por meio de plataformas digitais como YouTube e/ou sites institucionais como aprendeencasa.sep.gob.mx, televisão, rádio e material impresso.

No entanto, devido ao fato de que no México, de acordo com a pesquisa ENCOVID-19, há quase 364 milhões de crianças em idade escolar que tiveram alguma dificuldade para continuar seus estudos em casa na pandemia, e indicando que 48,5% dessa população foi devido à falta de computadores e internet (FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA MÉXICO, 2020) e que atualmente no país, 53,9% da população possui rádio (INSTITUTO FEDERAL DE TELECOMUNICACIONES, 2021), consideraremos essa opção radiofônica para esta pesquisa.

De acordo com o boletim nº 102 (SECRETARÍA DE EDUCACIÓN PÚBLICA, 2020b), a SEP começa com a estratégia de rádio para comunidades indígenas devido à emergência sanitária da Covid-19 no México com o programa *Aprende en casa*, integrando uma grade de programação de segunda a sexta-feira, através de 18 emissoras do INPI e da Rede de Radiodifusoras Comunitárias e Indígenas, além de um turno noturno em 7 emissoras FM.

Os materiais educacionais são compostos pelos seguintes 5 eixos: leitura e escrita; saúde; cultura cívica; meio ambiente e atividades práticas com relevância cultural e linguística.

Porém, como parte desse programa educacional, a SEP, por meio do INEA e em coordenação com as 18 emissoras de rádio do INPI, inicia a implementação da *Estrategia Radiofónica para Comunidades y Pueblos Indígenas* para falantes de 15 línguas diferentes, onde os programas terão conteúdo das comunidades da área de abrangência de cada emissora e serão veiculados em línguas indígenas, com abordagem intercultural para promover

aprendizagem colaborativa, respeito à opinião, desenvolvimento de habilidades cognitivas, disciplina para realização de atividades educacionais cotidianas e valorização da língua e cultura locais.

Essa estratégia integrará uma grade de programação com materiais auditivos elaborados pelo *Consejo Nacional de Fomento Educativo* (CONAFE); a *Dirección General de Educación Indígena* (DGEI); o *Instituto Nacional de Lenguas Indígenas* (INALI); a Direção-Geral de Culturas Populares, Indígenas e Urbanas e o INPI.

Os roteiros para a realização desses programas de rádio contam com a participação de falantes de línguas indígenas dos estados de Puebla, Hidalgo, Quintana Roo, Michoacán, Chiapas, Oaxaca, Nayarit, Veracruz, San Luis Potosí, Chihuahua e Guerrero, além de acadêmicos do INEA.

Para esta série de rádio, foram desenvolvidos 300 roteiros, com duração de 30 minutos, que contemplam atividades para grupos específicos como jogos e exercícios que promovem habilidades psicomotoras em crianças de 2 a 6 anos, além de orientações para mães e pais no aprimoramento dos seus hábitos alimentares.

Até 20 de abril de 2020, 20 guias foram preparadas para a realização de programas nas línguas nahuatl, hñahñú, maya e purépecha, porém foi a partir de 27 de abril que 70 guias por semana começaram a ser preparadas, concluindo-se a série aproximadamente em 18 de maio de 2020.

Além disso, o Sistema de Universidades Interculturais; as Secretarias de Educação locais e a Rede de Radiodifusoras Comunitárias e Indígenas, participam desse esforço interinstitucional para garantir a mais pessoas o acesso a esse serviço e ampliar sua cobertura.

No entanto, nossa análise a ser realizada se concentra na população de estudo de Sinaloa, México, cobrindo o período de agosto de 2019 a julho de 2020, marco temporal do primeiro ciclo escolar no nível básico onde deu início ao isolamento social gerado pela emergência sanitária e os seus primeiros 4 meses de atuação com atividades alternativas.

Este Estado mexicano passou a utilizar este programa como modalidade remota após o confinamento social pela pandemia da Covid-19 com uma modificação do programa, passando do nível nacional para o estadual, intitulado o programa como: *Sinaloa Aprende en Casa*.

Dito isso, o programa é implementado por meio das diferentes frequências moduladas através das suas ondas hertzianas e, simultaneamente, estão também disponíveis no site correspondente a cada emissora de rádio, com exceção da *Radio Inapo Yoreme* e da *Radio UPES*, sendo estas últimas que utilizam o rádio online e as plataformas digitais como meio de difusão, apresentando sua programação na tabela a seguir.

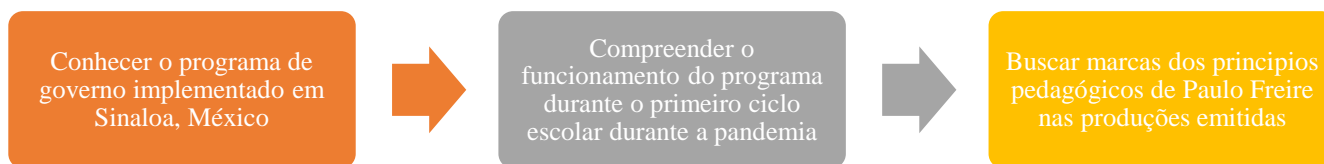
Quadro 1. Programação *Sinaloa Aprende en Casa*

Nome da emissora	Frequência	Horário	Nível escolar	Idioma	Localidades	Modalidade digital
Radio UAIM	95.7 FM	11 a 13h	Primária	Espanhol e Yoreme	Los Mochis, El Fuerte e Choix	uais.edu.mx
Radio INAPO YOREME	-	12 a 14h	Primária	Espanhol e Yoreme	-	YouTube e Redes Sociais
Radio UPES	-	15 a 16h e 16 a 18h	Secundária e primária	Espanhol e Yoreme	-	upes.edu.mx/radio
Radio UAdeO	89.3 FM	09 a 10h	Primária	Espanhol	Todo el Estado de Sinaloa	uadeo.mx/radio
Radio Sinaloa	94.5 FM 92.5 FM 93.9 FM	12 a 13h	Primária e secundária	Espanhol	Culiacán, Los Mochis e Mazatlán	sisirt.gob.mx

Fonte: Adaptado pela autora da grade de programação encontrada nas redes sociais de *Sinaloa Aprende en Casa*.

1.5. Percurso metodológico

Figura 1. Meu percurso metodológico



Fonte: Elaborado pela autora.

1.5.1. Metodologia

O presente trabalho será delineado sob uma abordagem mista, pois, lança mão de métodos qualitativos e quantitativos, com suas amostras estatisticamente representativas e seus questionários (DE MOURA, 2016).

Enquanto estudos quantitativos geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objeto de definição operacional), a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo (NEVES, 1996, p. 1).

Estes métodos misturam procedimentos racionais e intuitivos que permitem contribuir para uma melhor compreensão dos fenômenos (NEVES, 1996).

Para tanto, utilizaremos uma metodologia qualitativa no aproveitamento do valor explicativo da experiência cotidiana, enquanto o meio de análise quantitativa será utilizado para interpretação e melhor leitura desta pesquisa, visto que a complementaridade dessas duas linhas analíticas é importante para podermos dar melhor poder explicativo ao nosso objeto de estudo.

1.5.2. Método de pesquisa

O principal método de pesquisa deste trabalho será a análise documental e a análise de entrevistas semiestruturadas, como técnica de coleta de dados da política que foi executada durante o confinamento social da pandemia da Covid-19, que fez uso do rádio como ferramenta educacional nas comunidades indígenas de Sinaloa, México.

1.5.2.1. A análise documental

Compreendemos a análise documental como uma técnica que entende o documento como “tudo o que é vestígio do passado, tudo que serve de testemunho” (CELLARD et al., 2008, p. 296) e que permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. Encontramos entre estas fontes textos escritos, objetos do cotidiano, relatórios de entrevistas ou anotações feitas durante a observação realizada.

Em nosso caso, procedemos à análise das entrevistas semiestruturadas que foram realizadas durante o confinamento social implementado no primeiro período escolar de educação básica durante a crise sanitária da Covid-19, realizadas à SEPyC do Estado de Sinaloa, órgão governamental encarregado de proporcionar à sociedade serviços de educação de qualidade nas condições de equidade e às emissoras de rádio que participaram da emissão dos conteúdos do programa de *Sinaloa Aprende en Casa*, a fim de poder descrever a realidade e a implementação desta estratégia alternativa remota através do rádio durante o período de emergência.

1.5.2.2. A entrevista semiestruturada

A entrevista, “pode fornecer informação contextual valiosa para ajudar a explicar achados específicos” (W. BAUER; GASKELL, 2002, p. 66). Nas ciências sociais empíricas, a entrevista é uma metodologia que permite descobrir ou estabelecer perspectivas e pontos diferentes além daqueles da pessoa que dá início à entrevista sobre fatos específicos (FARR, 1982 *apud* W. BAUER; GASKELL, 2002).

Quer dizer, a entrevista é uma técnica que permite mapear o mundo a partir dos dados básicos fornecidos e assim poder compreender o desenvolvimento das relações entre os atores sociais e os seus comportamentos em contextos sociais específicos (BAUER; GASKELL, 2002).

As entrevistas semiestruturadas já possuem uma lista de tópicos e questões, mas existe a liberdade de variar assim como a ordem, uma vez que estas dependem do fluxo da conversa e é possível que seja necessário colocar questões adicionais para aprofundar um tópico em particular.

Desta forma, as nossas entrevistas semiestruturadas serão realizadas à agência encarregada de projetar e operar programas de educação para todo o Estado de Sinaloa e às rádios participantes do programa *Sinaloa Aprende en Casa* por se encontrarem na grade de programação desse programa governamental disponibilizada pelo site institucional do Estado (V. em anexo as entrevistas realizadas).

1.5.2.2.1. Ficha técnica da entrevista

Conforme indicado acima, utilizamos a entrevista semiestruturada como técnica de obtenção das informações aos responsáveis das rádios participantes desta iniciativa governamental. Tem-se inicialmente 7 questões principais e deixando uma participação ativa que nos ajudará a analisar e compreender esses movimentos radiofônicos e transmissões realizadas como apoio à educação básica das comunidades indígenas do Estado de Sinaloa, México, durante o primeiro período letivo em isolamento social por contingência sanitária da Covid-19.

Direção: As entrevistas foram realizadas por Lorena Iliá Cenicerós Manjarrez, autora deste trabalho e mestrandia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Técnica: O tipo de entrevista utilizada foi a entrevista semiestruturada juntamente com as informações fornecidas pela pesquisa-ação participativa para órgãos governamentais e rádios participantes, inicialmente composta por 7 questões para cada entrevistado mas deixando espaço para mais perguntas à medida que a entrevista avança.

Foi realizada uma abertura com algumas questões-chave para sensibilizar para as nossas principais preocupações, que incluíam o início, desenvolvimento, produção, distribuição e recepção do programa em estudo, bem como a formação em rádio-educação.

Data de realização: As entrevistas foram realizadas de 19 de agosto a 23 de novembro de 2021.

Modalidade de entrevista: Devido à crise sanitária da pandemia do coronavírus, as entrevistas foram adaptadas aos níveis de restrições estabelecidos no Estado e à disponibilidade do entrevistado, portanto, elas variam desde plataformas de videoconferência, presenças ou através de WhatsApp.

Lista de entrevistados: Carlos Carlos Parra – Coordenador Acadêmico da Subsecretaria de Educação Básica da SEPyc; Eliud Velázquez – Responsável pela Rádio UAIM; Martín Valenzuela Bacasegua – Chefe do Departamento de Educação Indígena; Nelsy Valenzuela – Responsável pela Rádio Inapo Yoreme; María Esther Briseño –

Responsável pela Rádio Sinaloa; Álvaro Robles – Responsável pela programação de Rádio UAdeO e Natanael Raya – Responsável pela Rádio UPES.

Os responsáveis acima mencionados foram selecionados por serem os responsáveis pelo planejamento e execução do programa de governo, o que nos permite um melhor entendimento de como essa atividade funciona na prática neste período de pandemia.

Adiante, abordaremos os diferentes tipos de educação e a questão do rádio como meio comunicacional e emancipatório, bem como abordaremos um pouco sobre a teoria da modernização, a questão da educação dentro da Constituição Federal Mexicana e um pouco sobre o rádio como alternativa de educação.

Explicaremos também o fenômeno da pandemia da Covid-19, sua origem, seu impacto, suas estratégias de prevenção e a notória desigualdade que evidencia, especialmente na questão educacional.

CAPÍTULO 2. Teorias sobre educação e paradigmas de comunicação

O objetivo proposto nesta dissertação é verificar se o programa de governo *Sinaloa Aprende en Casa*, como ferramenta emancipatória, através do rádio, proporciona a universalização da educação estabelecida pela Constituição Federal Mexicana nas comunidades indígenas de Sinaloa, México, durante o primeiro período escolar em situação de pandemia em 2020.

Para isso, é necessário apresentar uma teoria que subsidie a análise, que deve começar por abordar a questão da educação e da comunicação, para que a partir dessa delimitação seja possível identificar e selecionar as abordagens teóricas relevantes para os fins da pesquisa, neste caso, em torno da educação emancipatória.

Encontraremos autores que abordam a questão da comunicação e da educação tais como Paulo Freire, Cruz Aguilar, Boaventura de Souza, Mário Kaplún, González Rivero, Crovi Druetta, Garay Cruz e Galarza.

Nesse sentido, este capítulo começa falando sobre a teoria da educação com enfoque emancipatório, acentuando as perspectivas dos diversos autores no sentido de definir o rádio como uma ferramenta que propõe a transmissão de valores para o desenvolvimento integral das comunidades e do próprio homem, intervindo e transformando as condições de opressão e colocando ao alcance dos núcleos considerados oprimidos, a libertação da falta de oportunidades e políticas geradas.

2.1. O campo da educação e da comunicação

Quando falamos do campo da educação, nos referimos principalmente ao pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Freire e suas contribuições, por ser o especialista em questões educacionais e um dos mais influentes teóricos da educação do século XX.

Focaremos na educação libertadora, proposta pelo autor, como uma resposta à educação bancária clássica, sendo esta última aquela em que o aprendiz é o destinatário do saber do educador, ou seja, um ser passivo que apenas reproduz as condições vigentes na sociedade, permanecendo na “cultura do silêncio”.

O mesmo autor responde através de uma educação libertadora como contrapartida, onde encontramos a prática da liberdade, em que a palavra é falada ou escrita, é diálogo e o diálogo torna-se compromisso, criação e transformação, sendo o aluno e o educador duas personagens que aprendem simultaneamente.

Em outras palavras, educação bancária para Paulo Freire (1978) é a concepção de educação de forma tradicional e individualista, onde o processo indica uma comunicação vertical dicotômica entre educador-educando, onde o educador deposita conteúdos na mente do educando para que ele possa memorizá-los.

Há, portanto, dois papéis: o opressor e o oprimido, visto que este tipo de educação forma dóceis agentes dos opressores como forma de invasão cultural, pois quer fazer uma distinção entre quem tem poder e autoridade e quem está sujeito a ele, quem eles consideram sábios e aqueles que são considerados ignorantes.

Os opressores estarão sempre manipulando o pensamento autêntico dos oprimidos, pois quando os alunos descobrem sua própria realidade, isso representa um perigo para a sociedade tradicional e retarda a liberdade social superior, pois rompe com o propósito de domesticação social pela repetição mecânica dos conteúdos, a sua retenção e a memorização dos pensamentos e das palavras alheias e não do próprio pensamento ou da palavra em si.

O autor Pierre Bourdieu (2019 *apud* AGUILAR, 2020) denomina esse ato de influência entre educador e educando por meio dessa prática bancária de "violência simbólica", pois por meio dessa prática o educador subjuga, limita e mata de certa forma, a autonomia do aluno.

Paulo Freire nos diz com toda a razão, que “conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção” (FREIRE, 1983, p. 24).

Portanto, o pensador brasileiro nos fala de uma busca pela mudança, e não das situações que oprimem, mas de uma verdadeira busca pela transformação da mentalidade dos oprimidos. Exigindo para isso, de educadores comprometidos com a prática da libertação do homem e com uma relação dialógica de companheirismo, confiança e humildade, onde a

hierarquia não seja inculcada como ato educativo de depósito e a educação se inicie pela comunidade.

Ou seja, diante dessa formação bancária, o mesmo autor propõe uma educação libertadora ou problematizadora, que contraria a educação bancária tradicional e sua comunicação vertical, oferecendo uma formação gerencial onde o professor também é aluno, passando de uma vertical de comunicação para a construção de um diálogo pedagógico caracterizado pela horizontalidade de suas relações, deixando claro que um não é melhor que o outro, mas que compartilham saberes diferentes entre si, passando da transmissão de dados ao conhecimento no momento de poder descobrir e compreender a realidade.

Esta modalidade de educação promove o diálogo pela palavra e permite a socialização na partilha de ideias contrárias à educação bancária, permite a crítica reflexiva, desperta a criatividade e promove a mudança e a luta pela emancipação nessa compreensão do mundo e da sua realidade através de um ato de amor, fortalecendo assim o humanismo (FREIRE, 1978).

Porém, para se chegar a essa educação libertadora, é necessário antes de tudo reconhecer-se como oprimido e reconhecer que o opressor faz parte de sua consciência, ou seja, é impossível pensar que a classe dominante configure uma pedagogia para libertar a quem não tem consciência de que é oprimido.

Para isso, é necessário ler o mundo e a pronúncia da palavra de quem vive em um núcleo de opressão pela práxis e não de quem oprime, isso não significa que seja necessário negar determinismos biológicos, genéticos ou geográficos, mas reconhecer que, como seres condicionados, somos seres em constante formação (AGUILAR, 2020).

Ao mesmo tempo, a visão da alfabetização freiriana, respeita e dignifica a leitura do mundo para superá-lo com humildade, amor, fé nos homens e confiança, como é o ato de educar para Freire. Rompe-se com a ideia de dicotomizar o pensamento e caminha-se para a ideia de aprender e tentar dizer a própria palavra, palavra que problematiza, transforma e cria cultura a partir do processo dialético e da práxis na prática do contato e do conhecimento do mundo e não da repetição de palavras que mantém a opressão em vigor (AGUILAR, 2020).

Desse modo, podemos dizer que a leitura do mundo se faz por meio da observação do que a comunidade faz, descobrindo um universo temático a partir da posição que os homens assumem nas situações que surgem em seu meio, que por sua vez, eles são compostos por temas geradores que visam estruturar programas ou códigos de alfabetização pensados para eles, unindo ciências ou disciplinas que permitem compreender o contexto da alfabetização e, assim, realizar um ato de transformação neste encontro com a realidade e a sua compreensão (AGUILAR, 2020).

É importante mencionar que, quando nos referimos à leitura de mundo, estamos falando de uma leitura que considera os outros e não de uma leitura realizada individualmente (COVARRUBIAS, 1995 *apud* AGUILAR, 2020).

A palavra, seja escrita ou falada, é fundamental para enunciar o mundo de quem a pratica, considerando-a criadora de cultura, que através do diálogo melhora as condições do núcleo coletivo.

Quando falamos de diálogo, referimo-nos à troca de saberes que passa de quem sabe para quem não sabe, sem considerar qualquer hierarquia, transformando-se no exercício dialógico que mostra um ato de humildade e que pronuncia o mundo de duas consciências comunicantes que buscam a transformação e não o desejo de dominação.

Este ato deve ser caracterizado com elementos de colaboração, organização, união para a liberdade e síntese cultural, a fim de conduzir de forma revolucionária a busca da libertação com os mesmos homens e não sua adesão.

Ou seja, deve-se estabelecer uma relação que unifique as massas despojadas e despersonalizadas de sua palavra e ação por meio da unificação de seus interesses, promovendo assim a consciência de classe e o compromisso com a verdadeira libertação.

Isso permitiria a emancipação dos homens da realidade e da sua situação histórica, onde os oprimidos vivem cegos pelas aspirações a um estilo de vida burguês, compreendendo a emancipação na inversão de papéis e o desejo de deixar de ser oprimidos para se tornarem opressores (AGUILAR, 2020).

Por outro lado, a teoria antidialógica, que representa a opressão e o silêncio pela manipulação, conquista, divisão e invasão cultural, lança dois personagens: o conquistador, que impõe sua visão de mundo e o conquistado, que aceita tal visão determinada por diferentes recursos utilizados pelo opressor (AGUILAR, 2020).

O processo de conquista refere-se a um processo de reificação, pois o conquistador não precisa de sujeitos, mas busca objetos e coisas, consciências passivas e massas alienadas por uma falsa generosidade, por um paternalismo hipócrita e um assistencialismo que limita a organização e a luta.

A manipulação como característica de impor lideranças que favorecem a classe opressora ao invés de zelar pelos interesses da classe oprimida e a invasão cultural, que tem como objetivo a falsa atuação na perspectiva do ser que invade e não de uma perspectiva pessoal que depende do grau de mimetismo alcançado pelo invasor. Ou seja, o invadido é minimizado pelo reconhecimento de um ser superior no invasor (AGUILAR, 2020).

Boaventura de Souza (2000), menciona que não existe conhecimento ou ignorância em geral, todo ato de conhecimento parte de algo ignorado, construindo um caminho que parte de um ponto A até um ponto B, ou seja, partimos de um ponto de ignorância até o conhecimento.

Podemos distinguir dois tipos de conhecimento que emergem da matriz da modernidade eurocêntrica: conhecimento-regulação, que contempla um percurso que parte do ponto de ignorância que se denomina caos rumo à ordem como ponto de conhecimento, e conhecimento-emancipação, que parte do colonialismo como ponto de ignorância até o ponto de saber demolido como solidariedade.

No entanto, a ciência moderna se tornou e se institucionalizou no conhecimento hegemônico, o que fez com que a regulação do conhecimento dominasse a emancipação do conhecimento.

Esse conhecimento hegemônico parte do ponto de ignorância A, onde reside o colonialismo, ou seja, a concepção do outro como objeto, e não como sujeito, resultando em

uma forma de conhecimento onde “conhecer é reconhecer e progredir no sentido de elevar o outro da condição de objeto à condição de sujeito” (DE SOUZA, 2000, p. 30).

Nas ciências sociais, a emancipação do conhecimento envolve a jornada da monocultura ao multiculturalismo. Quando a solidariedade é vista como uma forma de conhecimento que se obtém no momento de querer reconhecer o outro, o outro só pode ser conhecido como produtor de conhecimento. É quando a emancipação do conhecimento tem uma vocação multicultural.

No entanto, esta construção de saberes multiculturais enfrenta dois desafios: o silêncio e a diferença, pois este domínio global da ciência moderna pela regulação do conhecimento, causou a destruição de muitos dos modos de saber, especialmente aqueles que eram típicos dos povos e grupos sociais que foram objetos do colonialismo ocidental, causando um silêncio de necessidades e aspirações dos núcleos que foram objeto de destruição. Em relação à diferença, devemos lembrar que sob o manto dos valores universais autorizados pela razão prevalecia a razão de raça, sexo e classe social (DE SOUZA, 2000).

O mesmo autor faz um apelo para poder passar das ações conformistas à ação rebelde, acabar com esse mundo capitalista fracionado em que vivemos, construído de limites simbólicos e tentar reconstruir através da teoria crítica pós-moderna a ideia e a prática de uma transformação social emancipadora.

Desse modo, ambos autores em suas críticas, referem-se à falta de contextualização e ao colapso das práticas hegemônicas, situando o conhecimento da realidade e sua desmistificação por meio da direção revolucionária, que por sua confiança no povo e fugindo da direção antidialógica, permite a denúncia da injustiça dos seres em opressão e poder trabalhar em uma libertação com eles e não por eles nessa acomodação das massas diante da situação que os oprime.

Desta forma, a alfabetização e a leitura do mundo são as ferramentas que permitem a libertação do homem para um mundo mais justo, equitativo e democrático, encontrando o diálogo através da reflexão e da proposta de ação da comunidade, embora esta não se encontre exatamente face a face.

Na prática educativa, os centros de ensino, tenham ou não conhecimento, têm permitido aos educadores continuar a utilizar técnicas e ferramentas que promovem a memorização de conteúdos para, posteriormente, realizarem provas passíveis de pontuação, tendo como principal finalidade terminar a programação dos seus conteúdos e limitando a análise crítica do aluno e a geração do seu próprio conhecimento.

Quando a classe dominante encontra os oprimidos querendo se transformar em um novo homem, ela busca silenciá-los usando sua violência simbólica baseada em sua falsa generosidade (AGUILAR, 2020).

A irradiação de mensagens sem retorno do diálogo atrapalha o objetivo libertador e o retarda em seu formato bancário e dominador.

E o rádio e o campo da comunicação?

Kaplún (2003 *apud* RIVERO, 2016) indica que os meios de comunicação e sua forma de atuação hoje não são considerados “meios de comunicação”, mas sim “meios de divulgação ou informação”. Entendendo, dessa forma, a comunicação como uma interdisciplina que perpassa todas as práticas sociais.

A comunicação ressignifica-se nas abordagens epistêmicas críticas e culturais, como ferramenta que liberta os povos, questiona e problematiza o papel dos meios de comunicação de massa que, estando a serviço do imperialismo e da oligarquia local, reproduzem o sistema capitalista e as suas desigualdades de poder econômico, de controle, político e educacional (MATTERLART, 1972 *apud* RIVERO, 2016).

Mario Kaplún (1998) promove a participação do coletivo através do esquema comunicacional onde emissores e receptores se combinam no processo de comunicação e a inclusão da participação das classes oprimidas, colocando o receptor no início e não no final da equação como tradicionalmente se faz.

Pode-se assim originar adequadamente as mensagens para que os públicos, neste caso as comunidades, se identifiquem com os conteúdos, mesmo que não tenham sido

participantes diretos da sua produção, pois de alguma forma eles são o co-autor da mensagem.

É importante mencionar que a intenção não é refletir a própria comunidade reproduzindo o que as pessoas falam, mas sim situar as experiências coletadas de forma que a comunidade veja os conteúdos de forma crítica, analítica e reflexiva.

Por sua vez, o autor menciona que a comunicação é um componente pedagógico e não apenas um instrumento midiático e tecnológico, portanto, desqualifica a educação à distância em seu modelo hegemônico e unidirecional e valida novas tecnologias na medida em que permitem uma construção comum do conhecimento.

Do ponto de vista tecnológico, não há dúvida de que a formação deste ‘ciberespaço educacional’ implica um avanço espetacular. Mas, a partir de uma racionalidade pedagógica, (...) não estaremos diante da velha ‘educação bancária’ tantas vezes contestada por Paulo Freire, mas agora em sua versão moderna de um caixa eletrônico?³ (KAPLÚN, 1998, p. 5, tradução nossa).

Ele também cita que a educação à distância por meio de ferramentas eletrônicas dá ao aluno a oportunidade de ter acesso às tarefas educativas, porém, do ponto de vista pedagógico, o autor defende que o ensino tem sido massificado, colocando a comunicação num espaço menor para a interação entre os alunos como propõe Freire, Bruner ou Vigosky, dando origem a uma composição de seres tecnologicamente hipercomunicados mas socialmente isolados.

Porém, essa revolução tecnológica e seu processo ascendente de individualização, permite ao aluno entrar no mundo da informação e ter a tarefa de se apropriar do conhecimento, o que substitui o contato com o orientador ou tutor pelo banco de dados informatizado (KAPLÚN, 1998).

“Se aspiramos a uma sociedade global humanizadora, não oprimida pelo mercado, competitividade e homogeneização cultural, mas construída no diálogo, na cooperação solidária e na reafirmação das identidades culturais, o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos atuantes surge como um fator altamente

³ No original: «Desde una mirada tecnológica, no hay duda de que la conformación de este ‘ciberespacio educativo’ implica un espectacular avance. Pero, desde una racionalidad pedagógica, (...) ¿No estaremos ante la vieja ‘educación bancaria’ tantas veces impugnada por Paulo Freire, sino que ahora en su moderna versión de cajero automático?» (KAPLÚN, 1998, p. 5).

necesário e fator gravitante; assim como para a participação política e social”⁴ (KAPLÚN, 1998, p. 8).

Resumindo, um modelo de comunicação emancipatório exige que os cidadãos decodifiquem criticamente as mensagens e desmontem os discursos dominantes para abraçar o público com novas subjetividades, exigindo, assim, que programas e professores revolucionários deixem de lado as manipulações realizadas ao longo do tempo e que de alguma forma, em muitos casos, eles foram até imperceptíveis.

É preciso a implementação de programas, bem como o esforço e a disposição dos professores para uma preparação constante em resposta às demandas da sociedade voltada para as necessidades básicas e democraticamente elaboradas, construídas dentro de uma realidade e leitura de mundo.

Isso inclui a educação através do rádio, como função básica que intervém e transforma as condições de opressão, seja em sua forma formal, seja como forma de transmissão de valores para o desenvolvimento integral da comunidade e da própria honra, gerando oportunidades de alcance a núcleos muitas vezes considerados oprimidos.

2.2. Teoria da modernização e sua abordagem emancipatória

Entre a década de 1950 e o final da década de 1970, começaram as pesquisas no campo da comunicação e educação em resposta ao surgimento dos meios de comunicação eletrônicos e outros suportes técnicos em processos educacionais presenciais e à distância, bem como ao uso frequente dos meios de comunicação como recurso auxiliar.

A partir da década de 60, dois temas se iniciaram: o conceito de comunicação educacional e o desenvolvimento de projetos institucionais que foram apoiados pela mídia, como a telesecundária (DRUETTA; CRUZ, 2009).

⁴ No original: «Si se aspira a una sociedad global humanizante, no avasallada por el mercado, la competitividad y la homogeneización cultural, sino edificada sobre el diálogo, la cooperación solidaria y la reafirmación de las identidades culturales, el desarrollo de la competencia comunicativa de los sujetos actuantes aparece como un factor altamente necesario y gravitante; como es así mismo para la participación política y social.» (KAPLÚN, 1998, p. 8).

A teoria da modernização prevaleceu durante as décadas de 50, baseada na relação entre causa e efeito e caracterizada pela polêmica existente sobre as relações causais de seus componentes.

Esses modelos causais estão associados à escola da "modernização" nos Estados Unidos, como o modelo de LERNER (1958), que sugere uma sequência de desenvolvimentos institucionais que levam ao crescimento e à modernização autosuficiente: urbanização, alfabetização, expansão dos meios de comunicação, maior renda per capita e participação política, afirmando desta forma, o crescimento neste processo de condução rumo à modernização, lutando contra um modelo ao estilo de desenvolvimento ocidental, onde a chave principal estava no conceito de empatia e onde os agentes indicadores de mudança foram encontrados na mídia de massa (UNESCO, 1990 *apud* GALARZA, 2003).

Na década de 1970, o modelo de difusão tão persuasivo quanto ao papel da comunicação no desenvolvimento atingiu o auge de sua hegemonia. Os Estados Unidos passaram a apoiar diversos projetos de radiodifusão durante esta década por meio de seus programas de cooperação internacional, citando assim o modelo de rádios educacionais com a implantação do Programa *Alianza para el Progreso*.

Este modelo foi orientado para poder difundir a inovação na maioria dos programas de desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo, relacionando-os não só com a comunicação social, mas também dentro dos temas da agricultura, saúde pública e vida social e política dos países mais pobres. Dessa forma, foram a mídia e a publicidade que produziram conhecimento e consciência (McQUAIL; WINDAHL, 1984 *apud* GALARZA, 2003).

Por outro lado, temos a abordagem emancipatória da comunicação e do desenvolvimento, que surgiu na década de 1990 como um movimento humanista e revolucionário que priorizou a qualidade sobre a quantidade, invocando a igualdade e o equilíbrio no sistema internacional.

Ou seja, esta abordagem deve ser adaptável a cada ambiente particular, social e culturalmente falando, promovendo assim, como todo modelo emancipatório, a autodeterminação como unidade social que engloba a sua totalidade, considerando a

comunidade como o mais importante. E não o estado ou nação; não nacionalismo e sim universalismo; diálogo ao invés de monólogo e emancipação em oposição à alienação (UNESCO, 1990 *apud* GALARZA, 2003).

Desta forma, podemos dizer que este paradigma tem permitido que a sociedade caminhe de alguma forma para uma mudança política e comunicacional, uma vez que a comunicação deve ser um processo de exercício com uma democracia autêntica, ampla e pluralista e não uma prática de comunicação unilateral e manipuladora.

2.3. A educação mexicana: um direito consagrado na Constituição

A *Secretaría de Educación Pública* (SEP) do México explica que o principal componente do tecido social é a educação, por isso, na Constituição, está estabelecido que todos os mexicanos devem ter uma educação moderna e de qualidade. Sendo assim, o objetivo do governo é criar as condições que garantam esse acesso à educação no nível, língua, lugar e modalidade em que é exigida com base nos princípios da equidade, universalidade e integralidade (SECRETARÍA DE EDUCACIÓN PÚBLICA, 2020).

É assim que, em nível nacional, existem as seguintes percentagens de crianças e jovens que frequentam a escola em função das diferentes faixas etárias: 63.3% de 3 a 5 anos, 93.8% de 6 a 14 anos e 46% de 15 a 24 anos de idade (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA, 2021b)

Além disso, encontram-se no quadro legal os artigos 6º e 7º da Constituição, que se referem aos direitos humanos de acesso à informação, aos serviços públicos de interesse geral das telecomunicações e radiodifusão e à liberdade de expressão, estabelecendo a obrigação para o Estado de gerar as condições favoráveis de qualidade e concorrência efetiva na prestação dos referidos serviços, bem como a pluralidade e integração da população na sociedade da informação e do conhecimento.

Nesse contexto, encontramos também o artigo 28, que menciona que o Estado, sujeito às leis, pode outorgar concessões por cessão direta ou licitação à prestação de serviços públicos e/ou o uso e exploração de bens de propriedade da Federação como o espectro radio-eletrônico (INSTITUTO FEDERAL DE TELECOMUNICACIONES, 2020).

O Estado deve assegurar uma utilização adequada das faixas de frequências do espectro radioelétrico para a prestação de serviços públicos de telecomunicações e radiodifusão de interesse geral, através de disposições, ou como instrumentos programáticos que garantam a sua utilização, exploração e/ou exploração de forma racional, equitativa, eficaz e eficiente (INSTITUTO FEDERAL DE TELECOMUNICACIONES, 2020, s.p.).

Assim, entendendo que a lei exige que todos os mexicanos recebam uma educação pública para uma vida digna e destacando os princípios de equidade e universalidade como objetivos fundamentais, as comunidades indígenas devem estar no centro das atenções, sobretudo neste período de emergência.

Devido à desigualdade de conexão, falta de ferramentas digitais e de recursos econômicos, é fundamental tirar essas comunidades vulneráveis do espaço de opressão, falta de privilégios e proximidade que os faz sentir como “estrangeiros de dentro”, que, como Collins (2016) menciona, “é influenciado pela sua localização como parte de um grupo social num contexto histórico específico de desigualdade de raça, gênero e classe” (CORRÊA *et al.*, 2018, p. 158).

A Lei Federal do Rádio e da Televisão, em seu artigo 5º, afirma que “o rádio e a televisão têm a função social de contribuir para o fortalecimento da integração nacional”⁵ (GASPARELLO, 2012, p. 149, tradução nossa), com base na visão de igualdade homogeneizadora que está na base do Estado-Nação liberal que o México segue.

Dito isso, o governo cria um programa que equilibra a desigualdade e abre fronteiras, promove a empatia pelo outro, pela justiça, pelo direito e pelo combate ao capitalismo, criando condições para sair das fronteiras do antidiálogo e para poder emancipar as comunidades da brecha comunicativa.

Para tanto, reconvoca o rádio como uma alternativa que, além de permitir o acesso ao entretenimento e à informação, servirá como ferramenta pedagógica, considerando este meio como um dispositivo de grande cobertura, que tem sido útil em diversas situações de

⁵ No original: «la radio y la televisión tienen la función social de contribuir al fortalecimiento de la integración nacional» (GASPARELLO, 2012, p. 149)

emergência por ser universal, de baixo custo, de grande cobertura e popular entre essas comunidades.

2.4. A pandemia da Covid-19: um novo normal?

Desde 2020, o mundo enfrenta um novo vírus, onde o rádio tem sido um dos melhores aliados nessa época, pois tem atuado como veículo de informação sobre questões de saúde, com medidas de prevenção, número de infecções, continuidade do desenvolvimento do vírus e monitoramento do sistema de vacinação.

Além disso, o rádio tem servido de ferramenta educacional, haja vista a necessidade de continuar uma educação para fazer frente à desigualdade de oportunidades, usando, assim, seus diferentes formatos, seja através de podcast ou em sua programação regular, buscando conectar a sociedade no cumprimento da solidariedade e do equilíbrio.

Figura 2. Coronavírus e suas estratégias de prevenção



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de INEGI (2020); BBC NEWS MUNDO (2020); LAFUENTE (2020).

Em dezembro de 2019, o primeiro caso de um novo vírus surgiu na cidade de Wuhan, na República Popular de China. Trata-se do coronavírus SARS-COV2 que desenvolve a

doença denominada Covid-19, declarada pandemia global pela Organização Mundial da Saúde (OMS) após os altos casos de contágio em março de 2020.

O primeiro caso de Covid-19 na América Latina foi detectado oficialmente no Brasil no dia 26 de fevereiro de 2020 (BBC NEWS MUNDO, 2020); o primeiro caso no país mexicano acontece no dia 27 de fevereiro na Cidade do México e, no Estado de Sinaloa, ocorre em 28 de fevereiro de 2020 na cidade de Culiacán (BBC NEWS, 2020; LAFUENTE; CAMHAJI, 2020). A partir de então, o número de infecções por coronavírus aumentou em cada um dos municípios.

A transmissão desse novo vírus se espalha quando as pessoas entram em contato com objetos contaminados e, a seguir, colocam as mãos em contato com os olhos, boca e/ou nariz ou, ao entrarem em contato com outra pessoa já contaminada por meio, por exemplo, de um aperto de mão, ou gotículas de saliva que se propagam por meio de espirros, tosses ou conversas.

Uma vez que a pessoa não tenha os cuidados previstos como o uso de máscaras faciais, uso de álcool, ou lavagem adequada com água e sabão para desinfecção das mãos e distanciamento social, aumenta o risco de contágio, podendo os casos serem assintomáticos em 80% ou com sintomas respiratórios graves em 20% (BRASIL, 2020; SENHORAS, 2020b *apud* DOS SANTOS JUNIOR; MONTEIRO, 2020).

Em decorrência disso, surge uma incerteza e uma tarefa fundamental a ser cumprida, qual seja, poder proteger o bem mais importante da humanidade: a saúde. Por isso, começaram a ser implementadas estratégias de prevenção para evitar a propagação do vírus, assim como também, cuidar de outras dimensões de importância para o bem-estar da população, como a política, economia, cultura e educação (CORDEIRO; COSTA, 2020).

Ao final de outubro de 2020, já havia 45 milhões de infectados e mais de um milhão de mortes em todo o mundo, de modo que a principal medida preventiva para tentar conter a disseminação desse vírus foi o distanciamento social e o confinamento, que por sua vez ocasionaram a suspensão das atividades econômicas e educacionais (HERNÁNDEZ *et al.*, 2020, p. 13).

Nesse sentido, o governo mexicano considera que a melhor forma de evitar a transmissão do vírus, mitigar seu impacto e poder oferecer melhor assistência médica, evitando a saturação dos sistemas de saúde, seria realizar o que conhecemos como *isolamento social*, que entrou em vigor em março de 2020.

Isso fez com que, no setor da educação, as escolas tivessem que fechar as suas portas, ficando impossibilitadas de realizar suas atividades presenciais, tendo como nova tarefa a busca de alternativas para realizar educação à distância neste período de emergência.

No México, os programas com fins educacionais começaram um pouco antes da década de 1950. Foi em 1945 que surgiram os cursos por correspondência; em 1951 começou a ser usado equipamento de televisão; em 1966 começou a estratégia de telesecundaria; em 1972 a modalidade aberta; na década de 70, o ensino era por meio de multimídia ou modular, que combinava a mídia impressa com outros materiais como mídia impressa, vídeos, áudios ou com a ajuda de tutores locais; em 1980 busca-se o despertar das TIC e em 1990 busca-se a incorporação da informática nas instituições de ensino (DRUETTA; CRUZ, 2009).

Em relação ao emprego, a pesquisa ENCOVID-19, correspondente ao mês de março de 2021, menciona que 4,2 milhões de pessoas estão desempregadas, assim como 64% das famílias declararam ter menos renda do que antes da pandemia (IBERO, 2021).

O México era o único país que não tinha um esquema universal de retenção de empregos e teve uma das maiores quedas na renda familiar entre os países da *Organización para la Cooperación y Desarrollo Económico* (OCDE) durante o pico da pandemia da Covid-19.

Em fevereiro de 2020, pouco antes do início da pandemia, a taxa de desemprego no México era de 3,6% e em junho, no auge da crise, aumentou para 5,5%. Em maio de 2021, a taxa permanecia em 4,2% e as projeções sugerem que no quarto trimestre de 2022 será 0,5 ponto maior do que antes do início da pandemia (HERNÁNDEZ, 2021).

O Coordenador de Ação Cidadã contra a Pobreza, Rogelio Gómez Hermsillo, conclui que a pobreza no país aumentou devido à pandemia e que sua devastação ainda não terminou, afetando mais poderosamente as famílias de menor renda.

No país existem programas sociais que têm ajudado a população antes desta crise de saúde: pensões *Bienestar* e bolsas *Benito Juárez*, que foram reforçadas em resposta à crise atual além do abastecimento de alimentos em espécie fornecido por outras instituições, sendo que 4 em cada 10 famílias receberam algum tipo de apoio durante este período no México.

Mesmo assim, embora esses programas sociais tenham ampla presença, pouco mais da metade das camadas inferiores não recebe esse apoio social (IBERO, 2021).

Foi também neste período de confinamento social que o mundo reafirmou seu impulso para a revolução tecnológica devido às constantes transformações no campo da informação e comunicação, impactando diversas atividades humanas com grande potencial e apresentando maiores possibilidades de seu desenvolvimento nas diversas áreas citadas acima (econômico, social, cultural, ambiental, de saúde, científico e educacional).

Entretanto, ficou mais evidente a dependência em maior proporção das TIC, por seu potencial de viabilizar serviços fundamentais, como trabalho em casa, educação à distância ou ser capaz de dar continuidade às atividades que foram restringidas por essas medidas preventivas estabelecidas. Todas essas circunstâncias evidenciaram as desigualdades no acesso à conectividade e lacunas produtivas e tecnológicas existentes (ZIEGLES *et al.*, 2020).

2.5. Estratégias educacionais durante a pandemia: uma realidade desigual

Cirlene Sousa, inspirada em Paulo Freire (1983), assinala que o processo de educação-comunicação, ocorre na interação com o mundo em uma determinada realidade e temporalidade (SOUSA, 2020).

Nesta *nova normalidade*, ao serem necessários mecanismos novos para a disponibilidade de aulas fora do formato presencial e, considerando a nova era digital, se tomou como principal alternativa pedagógica a administração de aulas de forma virtual, que, por meio de plataformas digitais, deram continuidade ao processo educativo.

Essa alternativa pedagógica foi entendida por meio de ideias de como deveria funcionar o novo mundo, qual é o nosso lugar nele e o que deveria ser feito, considerando

esta era digital como um grande potencialidade para a circulação de informações em âmbito global ao ter inúmeras redes ativadas por diversas e novas tecnologias de comunicação, o que permite uma circulação infinita de informações pelo mundo (GASPARELLO, 2012), sendo que, neste momento de confinamento social e na nova era moderna e digital que vivemos, esta alternativa ajudaria na continuidade educacional neste período de emergência.

No entanto, ficou demonstrado que essa não era uma estratégia essencialmente viável, pois “existem muitos lugares ao redor do mundo onde o acesso às tecnologias da informação e à internet é um luxo”⁶ (NÚÑEZ, 2021, s.p., tradução nossa).

Segundo dados da UNESCO, no mundo, foram mais de 1.200 milhões de alunos que deixaram de ter o ensino presencial em meados de maio de 2020, destacando-se que, desse valor, mais de 160 milhões eram estudantes da América Latina e do Caribe (UNESCO, 2020a).

O contexto socioeconômico é um fator de relevante importância no acesso dos estudantes latino-americanos à tecnologia. Segundo dados proporcionados por um estudo da OCDE (2020, *apud* ZIEGLES *et al.*, 2020) cerca de 18% dos jovens de 15 anos oriundos de contextos socioeconômicos desfavorecidos, carecem de conexão à internet, dos quais, 24% aproximadamente não têm acesso a dispositivos com tecnologia, o que demanda a intervenção de políticas que consigam atender uma inclusão digital efetiva para todos os jovens.

Na América Latina foram aproximadamente 244 milhões de habitantes que não tiveram acesso a serviços de internet em 2020 (CAF, 2020 *apud* ZIEGLES *et al.*, 2020).

O mundo já enfrentava conflitos no contexto da aprendizagem ainda antes da pandemia de Covid-19, com 258 milhões de crianças e jovens em idade escolar fora das escolas, descobrindo-se que a razão para isso era a crise que se distribuía de forma desigual, pois tinham menos acesso à escola, detinham os maiores défices de aprendizagem e uma taxa de abandono mais elevada.

⁶ No original: «Existen muchos lugares alrededor del mundo donde el acceso a tecnologías de información e Internet son un lujo.» (NÚÑEZ, 2021, s.p.)

Tem sido demonstrado, ao longo da história, que as crises são “momentos em que as comunidades de interesse mostram resiliência, estabelecendo inovações rápidas e localizadas”⁷, pelo que apoiar, aprender e promover essas inovações é de vital importância (ROGERS; SABARWAL, 2020, p. 38, tradução nossa).

Uma das questões que é relevante entender é a conectividade, pois não se trata apenas de se as pessoas podem acessar a internet por meio de um dispositivo, mas também que vários fatores devem ser considerados para serem avaliados, como o uso regular da internet, os dispositivos adequados para seu uso, a quantidade de dados, a velocidade de conexão e verificar se as necessidades básicas estão atendidas de acordo com os padrões da era digital em que vivemos (ZIEGLES *et al.*, 2020).

Na América Latina, apenas 33% das escolas têm banda larga ou rede de internet disponível para os alunos que oferece velocidade de conectividade suficiente para poder realizar as atividades escolares (BID, 2020, *apud* ZIEGLES *et al.*, 2020).

Também a UNICEF indica que cerca de 463 milhões de crianças no mundo em idade escolar não tinham condições de acompanhar educação remota, dos quais três quartos vivem na zona rural, o que, em geral, inviabiliza o acesso a uma modalidade digital (FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA MÉXICO, 2020).

Entre as comunidades rurais e urbanas da América Latina e do Caribe, há uma diferença significativa na conectividade. Segundo dados da CEPAL (2019 *apud* ZIEGLES *et al.*, 2020), 67% dos domicílios com conexão à internet pertencem à zona urbana, enquanto os 23% restantes pertencem à zona rural.

Existem aproximadamente 77 milhões de residentes rurais em 24 países pertencentes à América Latina e Caribe que não têm acesso a uma conectividade que atenda aos padrões mínimos de qualidade exigidos. 71% da população urbana possui serviços de conectividade significativos e os 36,8% restantes representam a população rural. É importante indicar que

⁷ No original: «momentos donde las comunidades y grupos de interés muestran resiliencia, estableciendo innovaciones rápidas y localizadas.» (ROGERS; SABARWAL, 2020, p. 38)

não é suficiente ter ou não conectividade, mas que esta tenha a qualidade necessária para poder prestar os serviços de qualquer serviço público (ZIEGLES *et al.*, 2020).

Sem dúvida, a falta de conectividade, as condições de habitação e os equipamentos de comunicação fazem com que as desigualdades aumentem e que meninos e meninas de regiões rurais ou indígenas se dispersem, vendo seu direito à educação distante por não dispor de um meio digital para poder se conectar e ser capaz de continuar aprendendo.

É imprescindível falar em conectividade, pois é de vital importância poder avançar no desenvolvimento social e econômico de todas as pessoas de forma a ajudar a resolver a situação atual vivida promovendo conectividade de qualidade em todas as áreas.

Um caso dessa realidade e experiência da exclusão digital é o de uma pequena família da Cidade do México, constituída por Rosa María, uma mulher de 29 anos e mãe de Juan Carlos, um menino de 7 anos (NAVARRO, 2020).

Esta família não dispõe de recursos financeiros, internet, computador ou tablet e os desafios para eles partem desde o processo de inscrição de Juan Carlos, já que se tratava do envio de documentação em formatos PDF que Rosa María ainda desconhecia. Uma vez iniciado o ano letivo, a formação de Juan Carlos depende de programas de TV aberta.

Além disso, os alunos devem estar conectados ao aplicativo WhatsApp para ver as tarefas a serem realizadas e também devem enviar as provas por e-mail, mais uma dificuldade presente para Juan Carlos e sua mãe, que resolvem com o apoio de um poste com Wi-fi gratuito fornecido pelo governo localizado na esquina de sua casa.

“Ou você come ou põe dinheiro no telefone”⁸ - Rosa María García Martínez (NAVARRO, 2020, s.p., tradução nossa).

É essencial priorizar os alunos desfavorecidos para, assim, ser capazes de apoiá-los financeiramente em suas novas necessidades, porém, crises anteriores já mostraram que, à medida que os orçamentos do governo sofrem um forte impacto, o gasto per capita por aluno diminui (ROGERS; SABARWAL, 2020).

⁸ No original: «o comes o le metes dinero al teléfono.» (NAVARRO, 2020, s.p.).

O exposto indica que a crise provocada pela pandemia e seu prolongado confinamento social expõem as profundas desigualdades históricas acentuadas em setores de desvantagem econômica e social, como os povos indígenas e as comunidades rurais.

Isso nos leva a sugerir que as consequências da falta de serviços básicos, desvantagem tecnológica e de conectividade para poder participar da educação virtual prestada, dependem das condições dos espaços familiares em áreas onde a pobreza se destaca, o que impossibilita a continuação de uma educação exigida pelo governo federal em sua constituição.

Porém, as crises dentro do próprio fatalismo podem ser uma grande oportunidade para traçar novos rumos que possibilitem novas tarefas empreendidas pelos próprios povos e novas políticas públicas voltadas para corrigir as omissões e critérios existentes de discriminação e racismo (HERNÁNDEZ *et al.*, 2020).

Ou seja, a crise da Covid-19 evidenciava anteriormente demandas de busca de iniciativas que contribuíssem para a redução do hiato digital existente.

No México, assim como em muitos outros países de América Latina, alguns dos problemas do hiato digital nas comunidades rurais se devem à situação econômica, distâncias geográficas, altos custos de investimento e seus limites de lucratividade, já que tanto as comunidades rurais quanto indígenas pertencem a áreas com altos índices de pobreza, baixo poder aquisitivo da população, gerando exclusão por falta de infraestrutura e desinteresse das empresas em realizar investimentos nessas áreas, já que seu retorno econômico seria baixo aliado à falta de incentivos ao investimento e de políticas públicas (ZIEGLES *et al.*, 2020).

É importante ter em mente que os sistemas de ensino devem atuar de forma proativa na questão do abandono escolar a fim de evitá-la, bem como disponibilizar ferramentas para a educação à distância, tudo isso por meio da comunicação e do auxílio financeiro específico aos alunos mais vulneráveis (ROGERS; SABARWAL, 2020).

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) leva em consideração o enfoque Desenvolvimento Territorial com Identidade, o que implica aprender com essas comunidades para conhecê-las e, assim, poder dialogar com elas, identificar suas expectativas de desenvolvimento de forma participativa para, deste modo, poder contar com entidades

governamentais na concepção e implementação de intervenções eficazes e adequadas a cada realidade cultural (ALBERTOS, 2018).

Dessa forma, os diretores de escolas buscam alternativas que gerem novas oportunidades de transmissão de aulas à distância e levem conhecimento a bilhões de alunos por meio de diferentes canais de comunicação como internet, rádio e TV aberta, promovendo assim, o processo educativo (MARANHÃO, 2020 *apud* DOS SANTOS JUNIOR; MONTEIRO, 2020).

Sendo assim, entendemos que conhecer as lacunas existentes na questão da conectividade digital entre as áreas urbanas e rurais é o ponto de partida para estabelecer ações e ampliar serviços de qualidade que garantam o patrimônio digital.

Os países estão enfrentando e aprendendo ao longo desse caminho, entendendo que as possibilidades não são equitativas e que o uso de diferentes plataformas é o que permitirá poder atingir o maior número possível de alunos neste momento, conhecido como o novo normal. Portanto, se não houver políticas que permitam chegar a esses locais mais vulneráveis, apenas famílias com altos recursos econômicos e bom nível educacional poderão enfrentar este novo mundo.

2.6. Uma educação digital no México

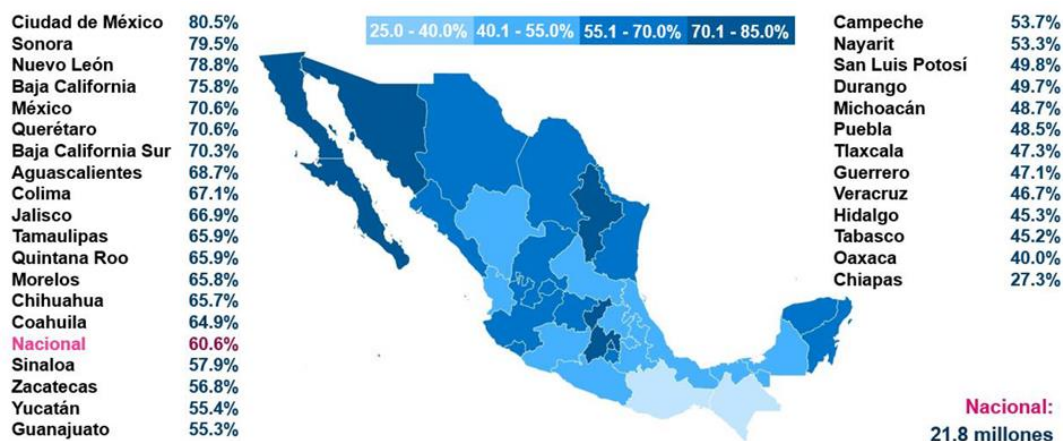
No México, de acordo com a pesquisa ENCOVID-19, dos 463 milhões de crianças em idade escolar, 78,6% tiveram alguma dificuldade em continuar seus estudos em casa, destacando que 48,5% desses se deveu à falta de computadores e internet, o que reflete as limitações da educação remota devido à desigualdade de acesso à informação e falta de recursos tecnológicos e ferramentas necessárias para uma educação à distância em tempos de pandemia (FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA MÉXICO, 2020).

Atualmente, o México tem pouco mais de 126 milhões de habitantes (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA, 2021c), dos quais, segundo dados fornecidos por ENDUTIH em colaboração com a *Secretaría de Comunicaciones y Transportes* (SCT) e IFT, considerando uma população a partir dos 6 anos de idade e a nível

nacional, 24,5% não possuem telefone celular, 62% não possuem computador e 23,4% não possuem televisão digital.

Este mesmo relatório também menciona que 28% da população não possuem internet, sendo destes 21,7% pertencentes a uma comunidade urbana e 49,6% à comunidade rural, das quais se destacam os Estados de Chiapas, Oaxaca e Tabasco com o menor percentual de domicílios com acesso à Internet.

Figura 3. Percentagem de domicílios com internet por Estado no ano 2020



Fonte: *Encuesta Nacional sobre Disponibilidad y Uso de Tecnologías de la Información* (2021).

O país mexicano tem uma taxa de analfabetismo de 4,7%, uma média de 9,7 anos de escolaridade até 2020 e uma população de 126.014.024 habitantes, dos quais 6,1% falam uma língua indígena (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA, 2021c).

Esses dados indicam que, diante dessas dificuldades de acesso, as áreas indígenas foram as primeiras a serem afetadas, uma vez que os alunos não possuem esses recursos tecnológicos devido à localização geográfica que impede uma cobertura de rede de internet ou em razão da falta de recursos econômicos, o que impossibilita o acesso a tais informações, ocasionando o abandono dos estudos como reflexo de uma desigualdade de oportunidades e lacuna digital.

Em 2020, os lares do México tinham uma penetração da internet de 69.79% (ZIEGLES *et al.*, 2020), situando-se em 60% nos lares urbanos e apenas 19% nos lares rurais.

Este dado pode ser entendido como um terço da população no México encontra-se com problema de marginalização, e revela a carência existente de dispositivos para a realização das diversas atividades digitais neste período de confinamento social pela pandemia da Covid-19.

A falta de conectividade se deve à falta de bandas largas e não à cobertura 4G. Há que se levar em consideração não só o desenvolvimento dessas estratégias digitais, mas também o treinamento para o seu uso, pois é isso que trará os efeitos significativos na conectividade de qualidade.

Levando em consideração a exclusão digital e a situação econômica no México de que falamos anteriormente, o governo implementa outras alternativas que vão de mãos dadas com os métodos tradicionais de educação, como as aulas pela televisão e pelo rádio “a fim de potencializar dimensões do desenvolvimento educacional, que vão poder despertar habilidades e competências cognitivas, afetivas e sociais” (DOS SANTOS JUNIOR; MONTEIRO, 2020, p. 14).

Em resumo, podemos dizer que há um consenso sobre a importância do acesso à internet, que foi superexposta neste período de emergência causado pela pandemia e seu confinamento social, o que indica que quem mora em área rural ou indígena e quem mora num contexto socioeconômico desfavorecido, se encontram evidentemente em situação de desvantagem para poder ter acesso aos serviços oferecidos pelas novas tecnologias, o que aponta as desigualdades de desconexão existentes não só para uma educação digna e na modalidade exigida, mas também para a informação em geral, que restringe as possibilidades de trabalho online, alimentação e serviços de saúde.

Desta forma, passaremos a falar um pouco sobre o rádio, pois é a ferramenta que alcança a população que não tem outros meios de comunicação por perto, abordando seu conceito, sua história, suas características e como este meio de comunicação se implantou nos momentos mais críticos e difíceis e nas questões educacionais através do tempo.

CAPÍTULO 3. O rádio: um meio tradicional em ação

Podemos dizer que o rádio foi o resultado de diferentes experimentos científicos dedicados ao estudo dos fenômenos de comunicação eletromagnética realizados em diferentes partes do mundo durante anos (ORTIZ, 2012).

Salmerón (2017), inspirado na obra de Romo Gil, define o rádio como o meio de comunicação que, através do planejamento, pode alcançar o que conhecemos como radiodifusão, uma dinâmica informativa alcançada entre os ouvintes no processo em que os transmissores podem interagir com a sociedade por meio das ondas hertzianas.

Além disso, é considerado o veículo que aparece como uma solução para o impulso da educação e da cultura popular por ser o meio de maior penetração em nossos países além de favorecer às comunidades mais vulneráveis devido a suas características de ser todo terreno, de baixo custo e de grande cobertura, razão pela qual tem sido o dispositivo utilizado como ferramenta de produção de material educacional, artístico e cultural (KAPLÚN, 1999).

Um das características deste meio de comunicação tem a ver com o seu próprio valor comunicacional, como ele impacta os sentidos de forma psicológica e como atua na ausência da rede de trocas através da internet, assim como a ausência de dispositivos digitais e conectividade.

Entre as vantagens que o rádio oferece, podemos destacar o imediatismo, eficácia, custo de uso, segmentação, penetração, oportunidade, onipresença, percepção de amizade, segurança, estímulo à imaginação e uso alternativo de meio como alternativa das TIC (NÚÑEZ, 2021).

Falamos de imediatismo, visto que o rádio é um meio que atua tão rápido quanto informar a notícia ao mesmo tempo em que acontece.

Há uma eficácia no que se refere à relação entre custo e repetição, uma vez que o rádio é um serviço totalmente gratuito para o ouvinte, sem exigir uma subscrição como nos demais serviços atuais.

A segmentação indica o alcance das pessoas certas em função do público-alvo a que se destina, considerando idade, sexo e nível socioeconômico.

Dentro da característica de penetração, o rádio pode ser ouvido em qualquer lugar, devido à grande cobertura que este meio tem, permitindo-lhe chegar onde os outros meios não conseguem.

Outra de suas características é a onipresença, ou seja, permite ao ouvinte ir a qualquer lugar e ouvir os conteúdos ao mesmo tempo, já que o rádio é um meio portátil.

O rádio também pode atuar como amigo, pois dá a impressão de que sempre há alguém atrás do microfone que acompanha os ouvintes e estimula a imaginação, conseguindo refletir e nos transportar para outros lugares e situações de forma mental.

Por fim, esse meio se caracteriza por ser uma alternativa às TIC, pois pode ser ouvido por meio de plataformas de internet para quem tem a possibilidade, e também, pode ser acessado pelo celular, além de sua forma clássica (NÚÑEZ, 2021).

A finalidade do rádio destaca-se em três vértices: a informativa, a de entretenimento e a educativa, das quais deriva-se a classificação das programações radiofônicas informativas, de entretenimento, educativas e culturais (KAPLÚN, 2017 *apud* PRATA; CAMPELO; PESSOA, 2020). Entretanto, estas não devem ser independentes ou diferenciadas, visto que a programação deve conter todas as funções.

A permanência do rádio tem sido ameaçada por outras inovações e outras tecnologias: primeiro, a chegada da televisão e depois a chegada da internet e as redes sociais.

Entretanto, por suas características abrangentes, sua versatilidade de tamanho e sua forma de produzir energia, tem permitido que seja o meio de comunicação que soube manter-se em vigor e se reinventar, continuando a transmitir e ecoar o que acontece no mundo de hoje apesar dos avanços tecnológicos e dos modos de consumo.

Sendo o rádio “uma voz que parece conversar com cada um de nós individualmente” (UNESCO, 2020b, s.p.).

Além disso, devido à sua proximidade, simplicidade e baixo custo, o rádio é também um veículo que promove o reforço dos vínculos sociais e assegura a participação dos povos nos programas humanitários e nas discussões que os sustentam, tendo as rádios comunitárias como o claro exemplo do exposto e as que precisam de ser apoiadas (UNESCO, 2016a).

Na América Latina, o rádio perdeu parte da sua audiência com a chegada da televisão, por isso, teve que buscar novos caminhos. Surgiram alternativas que respondessem às necessidades da sociedade, dando origem à rádio comunitária, gratuita e informal, como meio alternativo aos monopólios exclusivos das rádios estatais e comerciais.

No México, os diferentes usos aplicáveis ao espectro de rádio estão enquadrados no artigo 76 da Lei de Telecomunicações e Radiodifusão, dividindo-os nas seguintes quatro categorias:

Figura 4. Categorias do rádio no México



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado do IFT (2020).

O rádio de *uso comercial* confere às pessoas físicas e jurídicas o direito de usar e explorar as faixas de frequência do espectro radioelétrico com fins lucrativos.

O de *uso público* confere aos Órgãos de Governo do Distrito Federal, dos Estados, dos Poderes da União, dos órgãos constitucionais autônomos e das instituições de ensino superior de natureza pública, o direito de prestar serviços que possibilitem o cumprimento de suas obrigações fins e atribuições sem fins lucrativos.

O rádio para *uso privativo* confere o direito de fazer uso e aproveitar as faixas de frequência de determinado uso ou para a exploração e ocupação de recursos orbitais para experimentação, verificação de viabilidade técnica e econômica de tecnologias em desenvolvimento, testes temporários de equipamentos ou para satisfazer as necessidades de comunicação das missões diplomáticas que visitam o país ou embaixadas, bem como a comunicação privada.

Por fim, o *uso social* confere o direito de aproveitamento e utilização de bandas de frequência de recursos orbitais ou do espectro radioelétrico para a prestação de serviços de radiodifusão ou telecomunicações com fins culturais, educacionais, científicos ou comunitários, sem fins lucrativos, estando incluída nesta categoria as instituições de ensino superior e mídia comunitária e indígena (INSTITUTO FEDERAL DE TELECOMUNICACIONES, 2020).

Por sua vez, o artigo 60 indica que a utilização e o programa anual de utilização das faixas de frequência devem cumprir os três critérios seguintes:

- I. Avaliar os pedidos de faixas de frequências, categorias, modos de utilização e cobertura geográfica apresentados pelos interessados;
- II. Promover o uso eficiente do espectro radioelétrico, o benefício do público usuário, o desenvolvimento da competição e diversidade e a introdução de novos serviços de telecomunicações e radiodifusão, e
- III. Promover a convergência de redes e serviços para alcançar eficiência no uso de infraestrutura e inovação no desenvolvimento de aplicações (INSTITUTO FEDERAL DE TELECOMUNICACIONES, 2020).

Dito isto, as solicitações de permissão nas datas de 2 de novembro de 2019 a 30 de junho de 2020 para inclusão são as seguintes:

Quadro 2. Avaliação dos pedidos de faixas de frequências, categorias, modalidades de utilização e cobertura geográfica apresentadas pelos interessados

Serviço Público de Radiodifusão			
Serviço	Modo de uso	Inscrições para inclusão no programa 2021	Total
AM (Amplitude Modulada)	Comercial	12	25
	Público	0	
	Social	13	
FM (Frequência Modulada)	Comercial	117	350
	Público	38	
	Social	191	
	Inconsistências	4	
TDT (Televisão Digital Terrestre)	Comercial	2	95
	Público	62	
	Social	31	
TOTAL			470

Serviço Público de Telecomunicações			
Serviço	Modo de uso	Inscrições para inclusão no programa 2021	Total
Acesso sem fio fixo	Comercial	3	6
	Privado	1	
	Público	1	

	Social	1	
Banda estreita de acesso móvel sem fio	Comercial	1	2
	Privado	1	
Acesso de banda larga móvel sem fio	Comercial	2	3
	Público	1	
Transporte sem fio	Privado	1	1
TOTAL			12

Fonte: Adaptado pela autora do Programa anual de uso e utilização de faixas de frequência 2021 (2020).

As primeiras emissoras comunitárias em América Latina apareceram nos anos 1940 na Colômbia, e desde então, multiplicaram-se em diversos países de América Latina (GALARZA, 2003).

Tinham como objetivos principais a educação popular e a alfabetização dos camponeses e eram denominadas Rádio Escolas.

Nessa mesma época, as rádios mineiras nasceram como instrumento de luta dos mineiros por suas reivindicações e direitos sindicais na Bolívia, tornando-se rapidamente “meio de resistência e afirmação cultural dos setores populares”⁹, falando línguas nativas e veiculando música autóctone, por sua vez, era também o meio de comunicação interpessoal e de atendimento à comunidade, prestando assistência social e jurídica (LAMAS, 2013).

As rádios comunitárias devem colocar seus ouvintes como sujeitos participantes e são eles que detêm o controle de sua própria cultura e identidade e é a comunidade que participa da tomada de decisões sobre a gestão do meio, seu funcionamento, programação e produção (LEWIS E BOOTH, 1992 *apud* GALARZA, 2003).

Isso significa que este tipo de rádio surge da realidade, necessidade e interesse dos membros da comunidade, permitindo que qualquer cidadão da comunidade possa emitir opiniões sobre os assuntos abordados na programação da emissora, podendo expressar as suas ideias de forma livre.

Ao contrário do comercial, estes tipos de emissoras não têm fins propagandísticos ou lucrativos, pois são uma experiência que parte da comunidade para a comunidade e se mantém pelos estabelecimentos locais ou seus próprios associados.

⁹ No original: «medio de resistencia y afirmación cultural para los sectores populares.» (LAMAS, 2013, p. 5)

As estações licenciadas estão quase exclusivamente ligadas a universidades e órgãos governamentais, representando menos de 20% do número total de estações (SCT, 2010).

Porém, após intensa luta, emissoras desse perfil, reconhecidas pela Lei Federal do Rádio e da Televisão como inclusivas, passaram a operar, sendo no Estado de Veracruz o local das duas rádios pioneiras nesta classificação com a Rádio Teocelo, a primeira estação constituída legalmente no país e a Rádio Huayacocotla.

Esta última nasceu em 1965 como rádioscola, localizada em uma área composta pelos mestiços Nahuas e Otomi, transformando-se logo numa radiodifusora cultural e educativa.

Gasperello (2012) considera que o uso da língua dos povos indígenas e sua revitalização, a participação ativa dos jovens na produção e reprodução cultural e a importância para a informação local e a defesa do território, são alguns dos elementos que se destacam em estações de rádio comunitárias indígenas.

Desta forma, é importante considerar o rádio indígena e o rádio indigenista, como uma outra classificação do rádio.

Nas experiências de comunicação indígena no México, o rádio tem sido a ferramenta privilegiada como função social e participativa dos povos, contrapondo-se ao rádio indigenista, projeto do Estado voltado para os povos indígenas (GASPARELLO, 2012).

No México, não há classificação como tal de emissoras indígenas ou comunitárias, seja legal ou conceitualmente falando, porque as organizações de bases indígenas não queriam legitimar algumas emissoras que pertencem ao governo federal como indígenas, e o governo queria deixar claro quem eram os proprietários.

Encontrando assim no México, o agrupamento sob este conceito de 22 emissoras de rádio em um projeto da Comissão Nacional para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas, denominado *Ecos Indígenas* (CONSEJO NACIONAL DE POBLACIÓN, 2016; ECOS INDÍGENAS, 2022).

Quadro 3. Emissoras de rádio pertencentes a *Ecos Indígenas*

Emissora	Distintivo	Emissora	Distintivo
La voz de las Huastecas	XEANT	La voz de la Sierra Tarahumara	XETAR
La voz de los Vientos	XECOPA	La voz de la Mixteca	XETLA
La voz de la Sierra Norte	XECTZ	Las tres voces de Durango	XDETPH
La voz de los Tres Ríos	XEETCH	La voz de la Frontera Sur	XEVFS
La voz de la Sierra Juárez	XEGLO	La voz del corazón de la Selva	XEXPUJ
La voz de la Costa Chica	XEJAM	La voz de la Sierra Zongolica	XEZON
La voz de los Cuatro Pueblos	XEJMN	La voz de la Montaña	XEZV
La voz de la Chinantla	XEOJN	La voz del Pueblo Hñähñu	XECARH
La voz de los Mayas	XEPET	La voz de los Chontales	XHXPBS
La voz de los Purépechas	XEPUR	La voz del Gran Pueblo	XHNKA
La voz del Valle	XEQIN	La voz de la Sierra Oriente	XHTUMI

Fonte: Adaptado pela autora de *Ecos Indígenas* (2022).

Por outro lado, por motivos semelhantes aos citados para o termo *indígena*, nem um nem outro quiseram tratar essas rádios como *comunitárias*, uma vez que as organizações indígenas não queriam que o conceito de rádios comunitárias se aplicasse a uma rádio com estrutura vertical e controlada pelo Estado, e o governo, também não tinha interesse em ter suas rádios designadas como *comunitárias*, pois havia o medo de que fosse sugerido que a gestão deveria ser assembleia e propriedade da comunidade (CASTELLS-TALENS, 2011 *apud* MORENO, 2012).

A rádio indígena é o meio de comunicação que visa preservar a cultura de suas comunidades por meio de transmissores (não mais que 10 quilômetros de rádio), porém, atualmente estão sendo ampliados os canais de comunicação com a internet e as redes sociais, transmitidas das comunidades indígenas e em suas línguas maternas.

No entanto, embora seja generalizado que as transmissões nas comunidades sejam de baixa potência, podemos dizer que essa potência depende inteiramente do contexto e da realidade do projeto, bem como da localização onde se encontra a antena de radiodifusão, por isso não é possível determinar uma potência única.

É importante destacar que no México, além da rádio indígena, existe a rádio indigenista, que tem o mesmo objetivo, mas há uma diferença importante: a rádio indígena é uma rádio independente, enquanto a rádio indigenista é aquela que conta com o apoio do Estado (DÍAZ GV, 2017).

Por isso, a partir da luta dos povos indígenas para reivindicar e exercer seu direito à comunicação, eles se diferenciaram nesses dois conceitos.

Estas rádios, que diferem daquelas controladas com frequência pelo poder político, como as rádios comerciais e as públicas, têm várias características próprias, entre as quais, destacamos: (1) têm um perfil comum, ou seja, sua organização, sua programação e suas teorias operacionais foram relativamente homogeneizadas, (2) não são comerciais, seus recursos vêm da CDI, garantindo a independência dos interesses comerciais e pressões políticas locais, pelo menos em tese, (3) suas transmissões são em línguas indígenas e em espanhol, dividindo sua programação e utilizando a língua conforme o domínio ou sua necessidade, (4) suas funções são inspiradas na mídia comunitária e (5) têm grande popularidade nas comunidades onde operam (CASTELLS; TALENS, 2011).

Em 2014, no México, a Reforma das Telecomunicações e Radiodifusão viabiliza concessões para uso público onde podemos encontrar essas mídias indigenistas, o uso social com mídias indígenas e comunitárias (CULTURAL SURVIVAL, 2018).

Esse tipo de rádio é público, portanto, no México, depende do *Instituto Nacional de los Pueblos Indígenas* (INPI).

O país possui 21 rádios dirigidas aos povos indígenas localizadas em 17 Estados diferentes, além de abrigar o site da *Ecos Indígenas*, que disponibiliza um canal adicional para os ouvintes dessas estações e permite ampliar os horizontes de transmissão das 35 diferentes línguas indígenas mexicanas, levando mensagens a partes remotas do país e ao redor do mundo através de suas emissões diárias (ZAMORA, 2020).

Essas rádios, como já foi mencionado, são operadas, criadas e administradas pela *Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas* (CDI) que contrata os locutores, decide o tempo do contrato e o número de comunicadores que serão necessários, porém, será o contexto político e governamental que definirá as mudanças internas, bem como seus cortes de empregos.

A equipe da rádio é formada por pessoas que pertencem à comunidade onde as emissoras estão localizadas e que falam suas línguas indígenas locais.

Essas estações são transmitidas em AM e FM na língua majoritária da área de cobertura, localizadas em várias regiões do México como nos Estados de Chihuahua, Jalisco, Sonora, Nayarit e Baja California, nas línguas mayo, yaqui, guarijío, rarámuri, ódami, pima, cora, huichol, mexicanero, tepehuano, tének, mam, popotí, chinanteco, mazateco e cuicateco, ou seja, 16 dos 68 idiomas oficiais no México (CULTURAL SURVIVAL, 2018).

3.1. O rádio: aliado em tempos de crise

Segundo a UNESCO, o mundo está sofrendo com um número crescente de conflitos, guerras, enchentes, erupções vulcânicas, terremotos, incidentes nucleares e epidemias. A entidade explica que o rádio tem demonstrado o seu poder nestas situações imediatas, pós-desastres e nas operações de preparação e recuperação, pois para este organismo o rádio é um meio acessível, disponível em todas as partes e que oferece uma cobertura e reportagem em tempo real dos acontecimentos, quer dizer, que o rádio tem um papel crucial na prevenção e mitigação de desastres e nos custos humanos por ser o veículo que, em meio a ruínas e emergências, geralmente se torna o meio principal para a sobrevivência (UNESCO, 2016b).

Como exemplo, durante o terremoto no Haiti, em 2010, as televisões ficaram sem serviço por cerca de um mês e os jornais, mesmo que existissem, não eram de muita ajuda pois as pessoas no lugar não sabiam ler.

Por tanto, o rádio atuou naquela informação imediata para passar informações de sobrevivência como o que fazer em caso de réplicas, onde encontrar água e comida e onde depositar os corpos encontrados nas ruas, pois esse acontecimento trouxe mais de 200 mil mortes, o que criou também questões de saúde pública, por tanto, foi também através do rádio que se passaram informações para a prevenção de doenças (UNESCO, 2016b).

O México possui território com área de 1.964.375 km², e uma população que ultrapassa os 120 milhões de habitantes (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA, [s.d.]), caracterizado por suas riquezas naturais e considerado mundialmente como um dos cinco países com maior variedade de ecossistemas (PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO, [s.d.]).

Tudo isso gera grande potencial econômico para a região, mas ao mesmo tempo, traz outros problemas, como os derivados de desastres naturais, como terremotos, atividades vulcânicas, tsunamis, geadas, ciclones tropicais, inundações, secas, incêndios, tempestades e furacões.

Destes, podemos destacar alguns desastres naturais mais marcantes da história mexicana como a atividade constante dos vulcões Popocatepetl e Colima e a erupção do vulcão Chichonal, em 1982; o terremoto na Cidade do México, em 1985; o furacão Pauline, em 1997; os extensos incêndios florestais, de 1998; ou as graves inundações que ocorreram nos Estados de Tabasco, Veracruz, Puebla e Hidalgo, em 1999; para citar alguns exemplos (CENTRO NACIONAL DE PREVENCIÓN DE DESASTRES, 2014).

Exemplificando o exposto, pode-se mencionar o terremoto ocorrido na manhã de 19 de setembro de 1985, um fenômeno natural de intensidade de 8,1 graus na escala de Richter, que devastou a Cidade do México e causou um grande desastre material, com intenso trauma emocional, mas acima de tudo, com enorme perda de vidas humanas (MADRID, 1989).

O terremoto fez com que as redes de transmissão de televisão caíssem e não pudessem transmitir durante cinco horas, deixando uma difícil tarefa para a mídia na divulgação do que estava acontecendo.

O jornalista Jacobo Zabudovsky foi o único que conseguiu narrar e transmitir informações sobre o que estava acontecendo a cada momento na Rádio XEW, através de um telefone que tinha em seu carro (BBC NEWS MUNDO, 2015).

Outro exemplo são as temporadas de furacões que ocorrem entre junho e novembro na península de Yucatán. Assim, em 22 de setembro de 2002 surgiu o furacão Isidoro, fenômeno natural que afetou quatro comunidades pertencentes à microbacia Chambihau: Dzilam de Bravo, com 2.292 habitantes; San Crisanto, com 561; Chibahau, com 326 e Santa Clara, com 53 habitantes (INEGI, 2000 *apud* CASTILLO TZAB; MARTÍNEZ LÓPEZ; BATLLORI SAMPEDRO, 2008).

Essas comunidades rurais, quando atingidas pelo furacão, ficaram sem canais nacionais e estrangeiros de divulgação, deixando-a a cargo dos meios de comunicação locais

que se encarregaram de informar o que acontecia em todos os momentos e, sobretudo, serviram como canais de instrução, pois, por meio deles, foi-se indicado às comunidades rurais o que deveriam fazer em face desta catástrofe.

As comunidades tinham acesso à televisão, rádio e imprensa, apenas em Dzilam. Havia internet, serviço de cabo e adicional de rádio banda larga, no entanto, nas quatro comunidades, o rádio ocupava o segundo lugar, com 28% da preferência como canal de difusão, devido à sua credibilidade e ao acesso que se tinha, um por cento abaixo da televisão, que tinha 29% (TZAB; LÓPEZ; SAMPEDRO, 2008).

Portanto, dentro desse quadro, pode-se entender que a sociedade precisa da mídia, da qual destacamos o rádio, por ele ser um meio simples e barato, que tem desempenhado um papel protagonista em tempos de crises e catástrofes.

Isso porque pode ser usado em qualquer lugar e em qualquer momento, inclusive em situações de ausência de eletricidade, quando não deixa de emitir e pode continuar informando à população devido à sua infraestrutura técnica para funcionar, que consiste em um transmissor, uma antena, um ordenador e um microfone (SAVAGE; SPENCE, 2014).

Como já exposto, o rádio pode ser poderoso em questões preventivas, de disseminação, informação e instrução.

O rádio oferece um serviço público que ajuda a combater a desinformação e a responder às necessidades das comunidades e sociedades que se encontram em situações de emergência, como desastres naturais, crises sociais ou epidemias.

Com base nessas características e definições que o rádio representa, pode-se concluir que se trata de um meio que funciona como alternativa necessária para informar a população em geral e, mais especialmente, os que estão mais marginalizados, pois consegue estar onde outros meios de comunicação não conseguem, logrando entreter, informar e permitir um equilíbrio que garanta o acesso à informação.

3.2. Uma breve história do rádio no México

O rádio nasce da necessidade de comunicação dos sujeitos que se encontravam nos navios em alto mar e que passavam por circunstâncias particulares que precisavam ser retroalimentadas, e não visando enviar mensagens às massas (ROMO, 1982).

Por tanto, a seguir, se analisará desde uma perspectiva histórica o desenvolvimento da radiodifusão no México para que, dessa forma, se possa averiguar a utilidade que esse meio de comunicação tem desempenhado no país.

Figura 5. Acontecimentos importantes do rádio no México



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Plata (2016), Barquera (2007) e a *Cámara Nacional de la Industria de Radio y Televisión* (CIRT) ([s.d.]).

No México, o rádio chegou a partir de 1919 como projeto experimental pela antes chamada *radiotelefonía* ou *telefonía sem fio*, a qual, começa a replicar-se nas diferentes cidades do país, principalmente na Cidade do México, Monterrey e Córdoba, cidades onde se conseguiram transmissões de maneira formal em 1921.

Porém, existem diferentes versões sobre quem foi o pioneiro da transmissão radiofônica no país, e se põe em dúvida sobre a cidade específica onde aconteceu a primeira emissão (PLATA, 2016).

Um dos possíveis pioneiros foi Constantino de Tárnava, que, em 1919, instalou uma estação experimental na cidade de Monterrey, Nuevo León, denominada *Tárnava Notre*

Dame (TND) (GUTIERREZ, 2004), mas foi até 27 de outubro de 1921, que Tárnava transmitiu pela primeira vez de forma regular, das 23 às 24 horas (BARQUERA, 2007).

Felipe Gálvez (1984 *apud* LÓPEZ, 2021) assinala que Constantino estudava na Universidade de Notre Dame nessa época, e que foi apenas em junho de 1923 que ele se formou, o que indica que Tárnava não estava no México no dia da primeira transmissão.

Por outro lado, encontram-se os irmãos Pedro e Adolfo Gómez Fernández, que iniciaram um programa musical de uma hora, em 27 de setembro de 1921, aos sábados e domingos, no Teatro Ideal, o que se conhece hoje em dia por *Bellas Artes*, na Cidade do México, mas o programa só durou até janeiro de 1922, de modo que, após treze dias, iniciou-se a transmissão de Tárnava. Gálvez (1975 *apud* LÓPEZ, 2021) supõe que, em razão de os irmãos não terem dado continuidade ao projeto, o crédito foi atribuído a Constantino.

Diz também que as primeiras transmissões radiofônicas aconteceram em agosto de 1921, em Veracruz, quando o Presidente da República, Álvaro Obregón, visitava o Estado de Veracruz, no festejo do centenário da assinatura dos *Tratados de Córdoba*, que oficializa a independência do país (BARQUERA, 2007).

Porém, a *Cámara Nacional de la Industria de Radio y Televisión* (CIRT), coloca o engenheiro Constantino de Tárnava como o precursor oficial do rádio no México em 1919, e o início do rádio em 1921, quando foi inaugurada a estação CYO, posteriormente identificada como XEH (CÁMARA NACIONAL DE LA INDUSTRIA DE RADIO Y TELEVISIÓN, [s.d.]).

Em 1922, na necessidade de regulamentar o meio, nasce a *Liga Mexicana de Radio*, já que se estavam efetuando experimentos em diferentes Estados da república, de forma livre (BARQUERA, 2007).

Em março de 1923, aparecem as emissoras 1J e JH, esta última como a primeira estação oficial do país, adquirida pela *Secretaría de Guerra y Marina*¹⁰ (BARQUERA, 2007).

¹⁰ “(...) Formada pelo Exército e Força Aérea Mexicanos, instituição comprometida com a defesa da integridade, independência e soberania da nação, além de garantir a segurança interna e atender a população em casos de necessidades públicas, além de prestar socorro para manter a ordem.” (SECRETARÍA DE LA DEFENSA NACIONAL, 2021, tradução nossa)

Já em maio do mesmo ano, o rádio passou do experimental ao comercial, operando com empresas nacionais e internacionais dedicadas a anunciar seus próprios produtos, como a estação CYB, da empresa de cigarros *El Buen Tono* (VELÁZQUEZ, 1983 *apud* LÓPEZ, 2021).

Em 1930, se marca uma nova etapa na indústria do rádio com o surgimento de *La Voz de la América Latina desde México*, XEW, uma empresa precursora de rádios comerciais do país mexicano que, ao contar com 5.000 watts de potência, conseguia cobrir todo o território nacional e transfronteiras (BARQUERA, 2007).

Em 1941, aparece *Radio Programas de México*, uma nova estrutura radiofônica que une diversas estações de rádio com fins comerciais (CÁMARA NACIONAL DE LA INDUSTRIA DE RADIO Y TELEVISIÓN, [s.d.]).

A radiodifusão mexicana iniciou-se na década de 20, mas foi em 1950, com a chegada da televisão que, em princípio, fez com que o rádio começasse a decair, porém, nesse processo de adaptação e transformação, se transformou em um dos mais rentáveis veículos publicitários (DE ROSELL, 1985) nessa finalidade comercial.

Já em 1985, na Cidade do México, cada casa contava com três aparelhos de rádio, o que resultava em mais de 6 milhões de receptores que escutavam esse meio de comunicação, numa média de três horas e meia por dia.

Em 1997, o rádio passou por um importante processo quando as emissoras tiveram o primeiro processo de eleição direta de seus governadores, com a participação ativa e responsável das na Cidade do México (CÁMARA NACIONAL DE LA INDUSTRIA DE RADIO Y TELEVISIÓN, [s.d.]).

Foi em 1999, quando o rádio se consolida como o meio de comunicação por excelência no país, penetrando em mais de 90% dos lares e participando cada vez mais em programas, espaços e campanhas com causas sociais de forma gratuita.

Por fim, em 2011, teve início a digitalização das frequências, a migração da frequência AM para FM e a união dos meios de comunicação na promoção de projetos

mexicanos de responsabilidade social (CÁMARA NACIONAL DE LA INDUSTRIA DE RADIO Y TELEVISIÓN, [s.d.]).

O objetivo foi melhorar a qualidade na prestação do serviço público de radiodifusão promovendo uma maior eficiência na utilização do espectro radioelétrico, visando a implementação da radiodifusão sonora digital.

De acordo com a Provisão Técnica IFT-002-2016, os requisitos para a instalação e operação de emissoras de rádio passam a ser em FM na faixa de 88 MHz a 108 MHz, ou seja, são contemplados parâmetros técnicos para uma operação híbrida de acordo com a convivência com estações analógicas e o padrão digital adotado no México (INSTITUTO FEDERAL DE TELECOMUNICACIONES, 2020).

3.3. O rádio mexicano educativo

O rádio tem sido uma conquista da política educacional que disponibiliza uma espécie de escola dentro das comunidades onde o governo não tem conseguido estabelecer uma infraestrutura, sendo este meio de comunicação o único canal que permite o contato com estas comunidades em alguns dos casos (ORTIZ, 2012).

É também o veículo mais adequado para atender às necessidades da comunidade escolar e gerar um impacto concreto na construção da aprendizagem em razão de poder disponibilizar maior aproximação, ser ágil e de baixo custo (RODRIGUES, TEBALDI E ROSA, 2011 *apud* DOS SANTOS JUNIOR; MONTEIRO, 2020).

A radiodifusão educacional visa promover a mudança social, sendo para Thomas La Belle (1960 *apud* ORTIZ, 2012), uma modificação do comportamento do homem em relação à interação com seu meio, sua interconexão com a sociedade e os meios de comunicação.

De 1924 a 1930, os objetivos de ensino e a ideia de formar um país moderno e homogêneo começaram a ser veiculados por meio de emissoras estatais e seus programas de rádio em países onde o nacionalismo tinha ampla influência, como o nascente governo da União Soviética, o governo nazista na Alemanha, o governo fascista de Mussolini na Itália ou os revolucionários no México, onde além de apoiar, complementar ou substituir as

atividades acadêmicas, a comunicação poderia ser estabelecida entre o corpo acadêmico e os camponeses (ORTIZ, 2012).

Entre os projetos bem-sucedidos realizados em matéria educacional, está o das *Casas do Povo* - denominação dada às escolas primárias localizadas no setor rural - que buscavam se estabelecer em todo o país e nas quais o rádio se consolidou como o meio de comunicação que sanou a falta de professores e prédios escolares nas comunidades rurais, principalmente nas mais distantes (ORTIZ, 2012).

A questão do rádio como meio educacional, como temos visto, não é novidade. No México, a primeira estação de rádio educativa foi criada por José Vasconcelos, o então Secretário de Educação Pública em 1924, com a finalidade de difundir materiais educativos, com o objetivo de “aproveitar o potencial do rádio em benefício das tarefas educacionais e culturais do país”. A estação de rádio então conhecida como CYE (Cultura e Educação), iniciou suas emissões com a posse do presidente Plutarco Elías Calles (GOBIERNO DE MÉXICO, [s.d.], s.p.).

Em 14 de junho de 1937, apareceu a primeira rádio universitária na *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM) como um projeto educacional e cultural, operada pelos mesmos estudantes universitários, e que trazia a sigla de XEXX (RADIO UNAM, [s.d.]).

Durante o governo de Adolfo López Mateos, em 1960, foi criada a *Unidad de Grabación de la Secretaría de Educación Pública* (SEP), que visa produzir materiais audiovisuais que auxiliem os professores rurais no ensino, originando, assim, a estação *Radio Educación*, com as siglas XEEP (BARQUERA, 2007).

Porém, por um período, a emissora passou por vários contratemplos derivados de acontecimentos políticos e administrativos, e foi apenas em 1968 que retomou suas emissões (GOBIERNO DE MÉXICO, [s.d.]). Possuía equipamento técnico precário, dificuldade de sintonia e falta de pessoal, mas mesmo assim, transmitia em dois horários, um das 7h às 14h e outro das 18h às 22h. (BARQUERA, 2007).

Em 1965, surgiu a XEYT, a primeira estação de rádio de cunho cultural, operada por uma organização criada pela própria comunidade, o *Centro de Promoción Social y Cultural A.C.* de Teocelo em Veracruz e, posteriormente, aparece a estação XEJN em Huayacocotla, Veracruz, uma rádio escola que, mais tarde, foi transformada em uma estação de ondas curtas, captadas por receptores que estavam em cidades próximas e em alguns pontos específicos da comunidade, visando à alfabetização de camponeses adultos.

Essa estratégia de alfabetização foi complementada com material impresso e com o auxílio de coordenadores comunitários para esclarecimento de dúvidas dos alunos. Cabe destacar que a rádio escola teve sucesso na Serra Tarahumara, em 1955, através da estação de ondas curtas XEUNT (MEJÍA BARQUERA, 2007).

Foi por meio dos eventos mencionados que o rádio de ondas curtas se tornou um dos métodos de vital relevância no seu uso educacional, pois contribuiu para a redução da exclusão digital ao beneficiar as sociedades mais desfavorecidas e marginalizadas, atingindo longas distâncias por meio de múltiplos reflexos nas camadas da atmosfera terrestre.

Ademais, por ser um meio que possui receptores baratos e não exige o pagamento de taxas de acesso, torna-se um veículo poderoso e mais acessível em comparação com os dispositivos eletrônicos.

Finalmente, é através deste tipo de rádio que o serviço de radiodifusão pode continuar funcionando quando as transmissões de satélite, FM ou internet entram em colapso ou não estão disponíveis devido ao seu alto custo, localização geográfica, falta de infraestrutura ou por estarem passando por algum momento catastrófico. Sendo assim, o rádio propicia, além de informações sobre questões de saúde, a igualdade de alfabetização entre jovens e adultos e o empoderamento de mulheres e meninas nas sociedades em que o direito à educação é negado por razões de gênero (UNESCO, 2013).

Em 1972, a *Radio Educación* passou por um importante processo pois, durante o governo de Luis Echeverría, foi construída uma estação de transmissão, permitindo que a potência da emissora aumentasse dos 10 mil para os 50 mil watts de potência. Em novembro de 1978, a *Radio Educación* tornou-se órgão público ao se desconcentrar da *Secretaría de*

Educación Pública (SEP) por meio do *Acuerdo 21*, que estabelecia que a XEEP também poderia operar em outras frequências.

Finalmente, em 1983, os meios de comunicação foram convocados pelo Ministério do Interior para integrar o Sistema de Comunicação Social do Governo Federal, cujo objetivo era reestruturar os recursos de comunicação social do Estado, e transformá-los em órgãos públicos descentralizados, surgindo, assim, o *Instituto Mexicano de Radio* (IMER), o *Instituto Mexicano de Televisión* (IMEVISION) e o *Instituto Mexicano de Cinematografía* (IMCINE) (BARQUERA, 2007).

Conforme apontado, hoje em dia a *Radio Educación* é conhecida como um órgão descentralizado do Ministério da Cultura e tem a tarefa de promover e divulgar as expressões educacionais, culturais e artísticas do México, através de suas ondas sonoras.

Vale destacar que, em suas últimas quatro décadas, a emissora foi considerada uma instituição radiofônica de vanguarda, gerando propostas inovadoras dentro da sua programação e formatos radiofônicos que promovem diversas iniciativas culturais (GOBIERNO DE MÉXICO, [s.d.]).

O exposto leva a compreender que o rádio deixou de ser um impulso experimental para se tornar um meio de comunicação que, além de ter fins lucrativos, tem sido colocado a serviço de projetos do Estado, que põe à disposição conteúdos culturais e educacionais àquelas comunidades que, devido à sua localização geográfica ou situação econômica, estão excluídas do acesso à informação em comparação com o resto da população em situações mais favorecidas.

Dessa forma, a seguir abordamos as condições das comunidades indígenas no México, sua distribuição, características, os conceitos de *lugar* e *interior* para falar sobre o Estado de Sinaloa, abordando questões de economia, administração, conectividade, escolaridade e sistemas de comunicação no Estado, bem como as comunidades indígenas e línguas maternas da região.

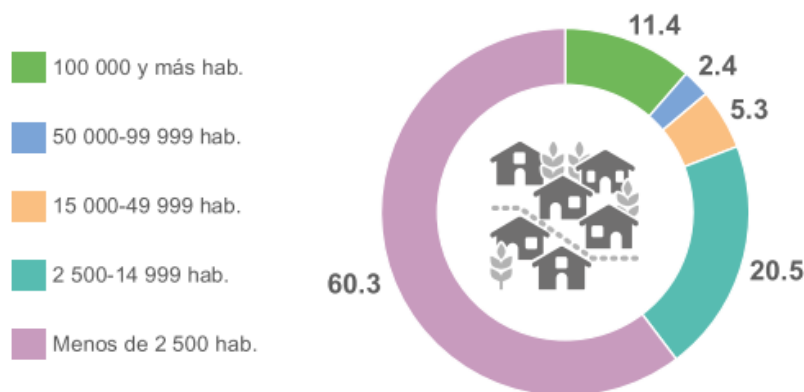
CAPÍTULO 4. As comunidades indígenas, a educação e o rádio

Na América Latina existem mais de 500 povos indígenas em 21 países; cerca de 50 milhões de pessoas que falam mais de 420 línguas nativas. Estes povos têm uma imensa diversidade cultural que vem avançando em aspectos como o reconhecimento de seus direitos, a atenção às suas necessidades coletivas e sua autonomia política, devido à busca constante pela valorização de sua identidade e do direito sobre seus territórios e seus recursos naturais.

Porém, a pobreza nessas comunidades continua presente, já que esses núcleos populacionais contemplam 14% dos pobres e 17% dos extremamente pobres, o que coloca essas comunidades entre as populações mais desfavorecidas e vulneráveis da região, afetando 43% das famílias indígenas, 2,7 vezes o número de famílias de comunidades indígenas que vivem em condições de extrema pobreza em comparação com o resto da população (ALBERTOS, 2018).

Para o *Instituto Nacional de Estadística y Geografía* (INEGI), são consideradas comunidades rurais aquelas com população inferior a 2.500 habitantes, concentrando assim a maioria das comunidades indígenas nessas áreas.

Figura 6. Distribuição da população de falantes da língua indígena de acordo com o tamanho de sua localidade



Fonte: Resumen ejecutivo del Censo de población y vivienda 2020 (2021b).

Desta forma, podemos dizer que os povos indígenas têm maior probabilidade de viver na pobreza do que aqueles que não pertencem a este tipo de núcleo, representando 19% dos que vivem em extrema pobreza, independentemente de estarem em áreas rurais, urbanas ou

nas fronteiras internacionais. No México, isso representa 60,3% da população indígena que se encontra dentro destas localidades com menos de 2500 habitantes.

Deste modo, também no México, esses povos são considerados grupos vulneráveis visto que em seu dia a dia se deparam com discriminações, injustiças e iniquidades, que se refletem na hora de querer exercer seus direitos (HERNÁNDEZ *et al.*, 2020).

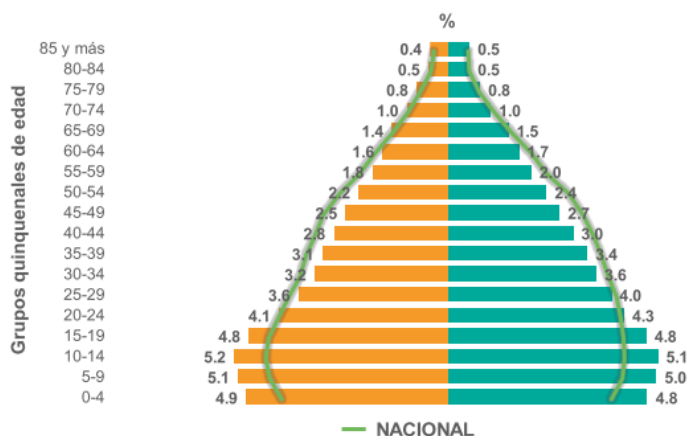
Este país é definido como uma nação multicultural já que nele habitam mais de 68 culturas indígenas. Povos indígenas que são a base da cultura desta nação (CULTURAL SURVIVAL, 2018).

Porém, apesar de ser um dos países com maior diversidade e ser rico culturalmente, algumas dessas 68 línguas indígenas encontram-se ameaçadas (ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA EDUCACIÓN LA CIENCIA Y LA CULTURA, [s.d.]

No México, existem mais de 7 milhões de pessoas que falam uma língua indígena, representando 6,1% da população em 2020, porém 8,1% (865.972) da população refere-se a falantes de alguma língua exclusivamente indígena, ou seja, eles não falam espanhol (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA, 2021b).

A figura seguinte mostra-nos que as maiores percentagens nas respectivas turmas quinquenais pertencem às turmas mais jovens, o que indica que são os estudantes mais afetados pela falta de ferramentas para poderem levar a cabo uma educação em outro formato fora do presencial devido à falta de conteúdo em suas línguas maternas num nível básico.

Figura 7. Estrutura da população em domicílios indígenas por faixas etárias



Fonte: *Resumen ejecutivo del Censo de población y vivienda 2020* (2021b).

Foi desde o início da pandemia que, no México, segundo o escritório do OHCHR, pelo menos 70% dos indígenas que por algum motivo viviam fora do país, tiveram que retornar às suas comunidades, sendo 56% trabalhadores temporários, 36% estudantes e 17% pessoas que perderam seus empregos na cidade, de forma que a chegada de pessoas às suas comunidades de origem constituem uma situação de vulnerabilidade, sendo desta forma, 56,52% as comunidades que não tomam medidas de prevenção do isolamento para viabilizar espaços para aqueles que voltaram (HERNÁNDEZ *et al.*, 2020).

O autor Manuel Castells (2011) esclarece que, tanto a informação como a comunicação, sempre foram o espaço essencial que permite a construção de relações de poder tanto para a dominação como para a mudança social, sendo estes meios os que participam na construção do consenso e da hegemonia.

Dessa forma, podemos dizer que as mídias indígenas fazem parte de um espaço de luta pela (re)apropriação do espaço de poder dentro da sociedade e reconhecimento de direitos coletivos destes povos.

Ginsburg (1993, p.558 *apud* GASPARELLO, 2012) afirma que a circulação global da tecnologia comunicativa, das políticas internacionais e dos governos nacionais no relacionamento entre si, ainda que de forma complexa, desenvolve a mídia indígena.

Portanto, vários são os pesquisadores que alertam para a necessidade de analisar a mídia indígena em relação às políticas de governo e suas mudanças, uma vez que o discurso do Estado e as políticas públicas discriminatórias podem ser o gatilho para novas formas de comunicação, como meio de resistência e de afirmação de direitos, assim como o caso das rádios indígenas, que, por meio de instituições governamentais, na promoção de experiências de comunicação indígena, mantêm certo controle sobre esses núcleos populacionais (GASPARELLO, 2012).

Mesmo assim, entendemos que o rádio tem sido o meio de comunicação imposto como a melhor alternativa de comunicação, visto que se aproxima e penetra efetivamente nas populações mais remotas do país, mas com conteúdo que depende das suas condições

geográficas e culturais, mantendo-se vinculado ao Estado através de diferentes projetos que de alguma forma impossibilitam o uso ativo do meio.

Martín-Barbero (1997) faz menção que a realidade latino-americana é pensada através do localismo, indicando a cultura, a reconfiguração de hábitos e as sociabilidades exigidas pelas tecnologias de informação e comunicação.

Aguiar (2016, p. 42) entende a palavra *lugar* na exploração de algumas variáveis tais como: “estruturas, organização, ordenamento [territorial], causalidade, contexto, singularidades, identidade, conexões, ações, movimentos, velocidade, sujeitos e atores implicados”.

Já De Assis (2013) fala do *interior* como um cenário que vai além de uma demarcação territorial, senão do sentido do *interior* como um lugar configurado por meio de uma lógica cultural e social própria e particular que a própria geografia condiciona.

Isso nos leva a pensar que a mídia, em geral, não deve focar em condições ou estratégias nacionais ou internacionais, mas deve atuar de acordo com cada realidade que se encontra, ou seja, levar em consideração as características que tornam um site único ou particular tais como estruturas, agendamentos, rotinas, percepções até os efeitos provocados pela informação da atualidade.

Nesse sentido, a seguir, citaremos o Estado de Sinaloa e suas generalidades, a fim de situar e contextualizar a realidade apresentada pelas comunidades às quais este trabalho de pesquisa é direcionado.

4.1. Sinaloa no contexto e suas comunidades indígenas

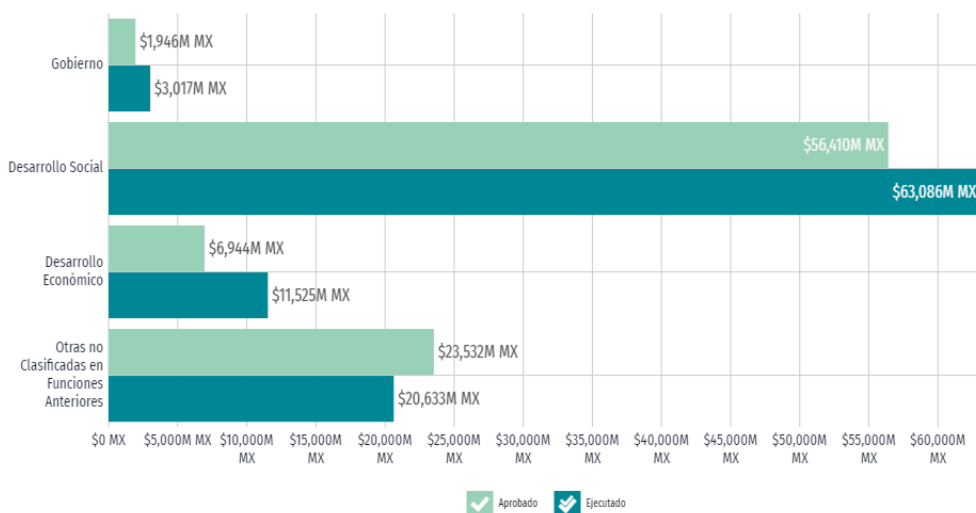
Sinaloa é um estado mexicano com uma população de 3.026.943 habitantes, tendo Culiacán (1.003.530), Mazatlán (501.441) e Ahome (459.310) como os municípios com maior número de habitantes (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA, 2021b).

O Estado concentra sua economia na agropecuária e pesca. Entre seus primeiros produtos de vendas internacionais, em 2020, estiveram tomates, carne bovina e outros

vegetais, em seus formatos frescos ou refrigerados, para os Estados Unidos, Espanha e Japão como principais destinos de vendas, gerando uma venda total de pouco mais de 3 milhões de dólares, sendo Culiacán (US\$2.106 milhões), Ahome (US\$303 milhões), Navolato (US\$248 milhões), Mazatlán (US\$209 milhões) e Guasave (US\$141 milhões) os municípios com maior nível de vendas internacionais (SECRETARÍA DE ECONOMÍA, 2021).

Falando da distribuição funcional da despesa que corresponde aos fins e objetivos socioeconômicos perseguidos pelos diferentes entes públicos, constatamos que, em 2020, em Sinaloa, esta distribuição era para o desenvolvimento social com 63,5% do orçamento total, 26,5% para outras funções não classificadas anteriormente, 7,82% para o desenvolvimento econômico e 2,19% do orçamento para o governo, que se observam na figura a seguir (TRANSPARENCIA PRESUPUESTARIA *apud* SECRETARÍA DE ECONOMÍA, 2020).

Figura 8. Distribuição funcional de despesas



Fonte: *Data México* (2021).

A mesma entidade também aponta que 6,3% da distribuição administrativa dos gastos foram destinados à educação pública em Sinaloa.

Em 2015, 29,8% da população sinaloense encontravam-se em situação de pobreza moderada, enquanto 2,49% em situação de pobreza extrema. A população vulnerável por renda era de 5,81% enquanto a privação social era de 35,7%, encontrando aqui a falta de acesso à segurança, alimentos e atraso educacional.

Em 2020, 2,99% dessa população não tinham acesso à rede de esgoto, 1,52% não tinha rede de abastecimento de água, 1,93% não tinha banheiro e 0,55% não tinha luz elétrica (SECRETARÍA DE ECONOMÍA, 2021).

Dados da ENOE em seu último período, que se referem ao segundo trimestre de 2021, indicam que Sinaloa tem uma taxa de desemprego de 2,6% e que é um dos Estados que está dentro das taxas de condições críticas de ocupação, com 13,5% em termos de rendimento e horas trabalhadas (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA, 2021d).

Em relação à escolaridade, neste Estado concentra-se entre 94,8% e 95,1% de alunos pertencentes a um nível de ensino fundamental, considerando-se crianças de 6 a 14 anos. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA, 2021b).

A contingência de saúde causada pela Covid-19 atrapalhou grande parte dos sistemas educacionais, de forma que o ano letivo encerrado em 2020 foi afetado pela suspensão das atividades presenciais nas escolas de todo o Sistema Educacional Nacional (SEN), desde o nível inicial ao nível superior, independentemente de a escola ser pública ou privada.

Tal situação exigiu medidas excepcionais para poder terminar este ano letivo à distância, exigindo o enorme esforço de todos os professores, para poder mitigar o impacto da pandemia nos 36,5 milhões de alunos e mais de 2 milhões de professores envolvidos neste período, assim como os pais que enfrentaram este novo desafio junto com seus filhos para a continuidade de uma educação (DIRECCIÓN GENERAL DE PLANEACIÓN, 2020).

A educação no México consiste em três níveis educacionais, que se apresentam a seguir, colocando a educação básica como o trecho formativo que inclui o maior número de anos de escolaridade.

Quadro 4. Educação mexicana

Tipo educativo no SEN	Nível escolar	Faixa etária
Educação Básica	Inicial (geral e indígena),	De 45 dias a 2 anos 11 meses
	Pré-escolar (geral, indígena, cursos comunitários)	De 3 a 5 anos
	Primária (geral, indígena, cursos comunitários)	De 6 a 11 anos
	Secundária (geral, técnica e telesecundária)	De 12 a 14 anos

Educação Media Superior	Bacharelado, profissional técnico de ensino médio e equivalentes	De 15 a 17 anos
Educação Superior	Técnico universitário ou profissional associado, bacharelado, especialidade, mestrado e doutorado	De 18 a 23 anos

Fonte: Principales cifras del Sistema Educativo Nacional (2020).

Em nível Estatal, a seguir apresentaremos as estatísticas educacionais, apresentando o número de alunos, professores e escolas nos diferentes níveis educacionais existentes na modalidade escolarizada, compreendendo esta como os serviços educacionais implementados em instituições de ensino presencial, e na modalidade não escolarizada ou sistema aberto, sendo este o ensino dirigido a alunos que realizam a sua formação à distância, bem como os indicadores educacionais referentes aos períodos letivos 2019-2020 e 2020-2021 de Sinaloa em comparação com o indicador nacional.

Quadro 5. Estatística Educativa do Estado de Sinaloa¹¹

Nível (modalidade escolarizada)	Alunos			Docentes	Escolas
	Total	Mulheres	Homens		
Total Sistema Educativo	1,029,298	525,726	503,572	55,137	6,876
Público	917,988	467,925	450,063	46,496	6,006
Privado	111,310	57,801	53,509	8,641	870
Educação Básica	596,080	292,078	304,002	31,880	6,038
Público	521,625	255,383	266,242	27,585	5,413
Privado	74,455	36,695	37,760	4,295	625
Educação Inicial	10,197	5,011	5,186	263	175
Geral	8,218	4,020	4,198	164	107
Indígena	1,979	991	988	99	68
Público	4,255	2,118	2,137	170	103
Privado	5,942	2,893	3,049	93	72
Educação Pré-escolar	110,783	54,131	56,652	5,834	2,333
Geral ^{1/}	102,577	50,137	52,440	4,959	1,612
Indígena	1,058	513	545	57	32
Cursos comunitários	7,148	3,481	3,667	818	689
Público	93,675	45,708	47,967	4,965	2,079
Privado	17,108	8,423	8,685	869	254
Educação Primária	320,593	156,643	163,950	12,688	2,508
Geral	315,149	153,985	161,164	12,152	2,154
Indígena	2,322	1,129	1,193	157	34
Cursos comunitários	3,122	1,529	1,593	379	320
Público	285,012	139,264	145,748	11,067	2,334
Privado	35,581	17,379	18,202	1,621	174
Educação Secundária	154,507	76,293	78,214	13,095	1,022
Geral ^{2/}	93,963	46,174	47,789	8,638	560
Telesecundária	12,727	6,113	6,614	948	333

¹¹ Para leitura da tabela: ^{1/} Inclui serviço CENDI; ^{2/} Inclui serviços para trabalhadores, comunitária e migrante;

^{3/} O somatório das escolas por serviço pode diferir do total, pois existem algumas que prestam mais de um serviço; - A entidade não possui o serviço ou suporte.

Técnica	47,817	24,006	23,811	3,509	129
Público	138,683	68,293	70,390	11,383	897
Privado	15,824	8,000	7,824	1,712	125
Educação Média Superior^{3/}	142,524	72,796	69,728	11,239	558
Bacharelado geral	113,806	59,361	54,445	7,635	492
Escola técnica	19,292	9,487	9,805	1,902	34
Bacharel Profissional Técnico	8,646	3,527	5,119	1,417	19
Profissional técnico	780	421	359	285	13
Público	127,361	64,866	62,495	9,433	439
Privado	15,163	7,930	7,233	1,806	119
Educação Superior	130,393	66,823	63,570	9,778	141
Licenciatura	126,296	64,788	61,508	9,078	139
Normal	1,836	1,620	216	302	4
Universitária e tecnológica	124,460	63,168	61,292	8,776	135
Pós-graduação	4,097	2,035	2,062	700	44
Público	115,699	58,196	57,503	7,668	95
Privado	14,694	8,627	6,067	2,110	46

Nível (modalidade não escolarizada)	Alunos		
	Total	Mulheres	Homens
Educação Média Superior	10,251	5,543	4,708
Bacharelado geral	10,251	5,543	4,708
Bacharelado tecnológico	-	-	-
Público	5,826	3,023	2,803
Privado	4,425	2,520	1,905
Educação Superior	27,580	17,499	10,081
Licenciatura	24,029	15,130	8,899
Pós-graduação	3,551	2,369	1,182
Público	21,138	13,780	7,358
Privado	6,442	3,719	2,723

Fonte: SEP/DGPPyEE. *Sistema de Estadísticas Continuas. Formato 911 apud Principales cifras del Sistema Educativo Nacional* (2020).

Quadro 6. Indicadores Educativos de Sinaloa¹²

Nível educativo / indicador	2019-2020		2020-2021	
	%	Nacional %	%	Nacional %
Educação Básica				
Cobertura ^{1/}	91.2	94.0	91.2	93.9
Taxa Líquida de Escolarização ^{1/}	90.4	93.1	90.4	93.0
Educação Pré-escolar				
Atenção de 3 anos ^{1/}	49.6	48.8	49.9	49.9
Atenção de 4 anos ^{1/}	93.9	88.7	93.7	89.1
Atenção de 5 anos ^{1/}	68.3	76.7	68.7	77.0
Atenção de 3, 4 e 5 anos ^{1/}	70.7	71.4	70.8	72.0
Cobertura ^{1/}	71.0	71.7	71.2	72.3

¹² Para leitura da tabela: ^{1/} Calculado com projeções populacionais no meio do ano, CONAPO, versão setembro 2018; ^{2/} Estimativas com base na Pesquisa Intercensal 2015 (unidade de medida: graus); ^{3/} Estimativas em 31 de dezembro de cada ano, INEA; ^{4/} Inclui modalidades escolarizada e não escolarizada; ^p Dados preliminares para o ano letivo 2019-2020.

Educação Primária				
Abandono escolar ^{p/}	0.9	0.7	1.0	0.7
Reprovação ^{p/}	0.9	0.8	0.9	0.8
Eficiência Terminal ^{p/}	96.3	95.6	95.4	95.9
Taxa de Término ^{1/p/}	97.8	101.7	94.9	101.4
Cobertura ^{1/}	99.8	104.2	98.9	103.6
Taxa Líquida de Escolarização ^{1/}	94.4	98.3	93.5	97.7
Educação Secundaria				
Absorção	100.1	96.9	100.3	97.5
Abandono escolar ^{p/}	3.8	4.2	3.2	3.7
Reprovação ^{p/}	8.3	5.0	8.3	4.9
Eficiência Terminal ^{p/}	86.8	86.5	87.7	87.2
Taxa de Término ^{1/p/}	83.5	87.3	85.5	86.8
Cobertura ^{1/}	93.4	95.7	95.0	95.8
Taxa Líquida de Escolarização ^{1/}	81.4	83.8	82.3	83.6
Educação Média Superior				
Absorção	114.6	102.1	114.8	102.3
Abandono escolar ^{p/}	10.0	10.2	9.8	10.1
Reprovação ^{p/}	14.4	12.8	14.3	12.7
Eficiência Terminal ^{p/}	70.0	66.1	70.8	68.8
Taxa de Término ^{1/p/}	75.3	65.0	69.3	65.7
Cobertura ^{1/}	85.6	77.2	84.3	77.6
Cobertura ^{1/4/}	91.8	83.2	90.9	84.1
Taxa Líquida de Escolarização ^{1/}	70.9	63.2	70.2	62.7
Educação Superior				
Absorção	105.3	72.2	105.5	73.2
Abandono escolar ^{p/}	12.0	7.4	11.8	7.0
Cobertura (com Pós-graduação) ^{1/}	39.8	31.0	42.7	32.1
Cobertura (sem Pós-graduação) ^{1/}	46.1	34.9	49.4	36.0
Cobertura (sem Pós-graduação) ^{1/4/}	54.9	41.6	59.2	43.5
Outros Indicadores				
Esperança de vida escolar	14.4	14.0	14.5	13.9
Média de Escolaridade ^{2/}	10.0	9.6	10.1	9.7
Analfabetismo ^{3/}	3.1	3.8	2.8	3.5

Fonte: SEP/DGPPyEE *apud Principales cifras del Sistema Educativo Nacional* (2020).

Por outro lado, observamos que, enquanto a sistemas comunicacionais, em 2020, 51,7% das residências em Sinaloa tinham acesso à Internet, 38,3% tinham computador e 92,3%, telefone celular (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA, 2021b).

Constatamos que os principais municípios onde se concentram os meios de comunicação do Estado são Culiacán, Mazatlán e Los Mochis, encontrando assim as seguintes informações.

Quadro 7. A mídia sinaloense

IMPRESA	
Nome comercial	População principal para atender
Noroeste	Culiacán e Mazatlán
La I	Culiacán, Guamúchil, Guasave, Los Mochis e Mazatlán
El Debate	Culiacán, Mazatlán, Guasave, Guamúchil e Los Mochis
Río Doce	Culiacán e Mazatlán
El Sol de Sinaloa	Culiacán e Mazatlán

INTERNET			
Nome da companhia	Internet com fio	Internet sem fio	Internet via satélite
Megacable		X	
ON Internet de Dish	X	X	
Blue Telecomm de SKY	X	X	
Totalplay		X	
Telmex	X	X	
AT&T	X		
Netwey	X		
Ultranet	X		
Go Wireless	X		
WIR-NET	X		
Woww Internet		X	
Viasat			X
Star Go			X
HughesNet			X
Jaba Satélite			X

TELEVISÃO ABERTA					
Concessionária / Permissionário	Grupo	Canais na programação	Distintivo	População principal para servir	Tipo de uso
Cadena Tres I, S.A. de C.V.	Grupo Imagen	2	XHCTCI-TDT	Culiacán e Cosalá-San Ignacio	Comercial
		2	XHCTLM-TDT	Los Mochis, Guasave e Guamúchil	
		2	XHCTMZ-TDT	Mazatlán	
Radiotelevisora de México Norte, S.A. de C.V.	AEPR	2	XHCUI-TDT	Culiacán	
		2	XHLMIT-TDT	Los Mochis	
		2	XHMAF-TDT	Mazatlán	
Televisión Azteca, S.A. de C.V.	Tv Azteca	2	XHDO-TDT	Culiacán	
		2	XHCUA-TDT		
		2	XHMSI-TDT	Los Mochis	
		2	XHMIS-TDT		
		2	XHLSI-TDT	Mazatlán	
2	XHDL-TDT				
Televisión del Pacifico, S.A. de C.V.	AEPR	3	XHMZ-TDT	Mazatlán	
T.V. de Culiacán, S.A. de C.V.	AEPR	3	XHQ-TDT	Culiacán	
T.V. de Los Mochis, S.A. de C.V.	AEPR	2	XHBT-TDT	Culiacán	
		1	XHBS-TDT	Los Mochis	
		1	XHOW-TDT	Mazatlán	

Instituto Politécnico Nacional	IPN	2	XHSIN-TDT	Culiacán	Público
		2	XHSIM-TDT	Los Mochis	
Sistema Público de Radiodifusión del Estado Mexicano	SPR	6	XHSPRMS-TDT	Mazatlán	

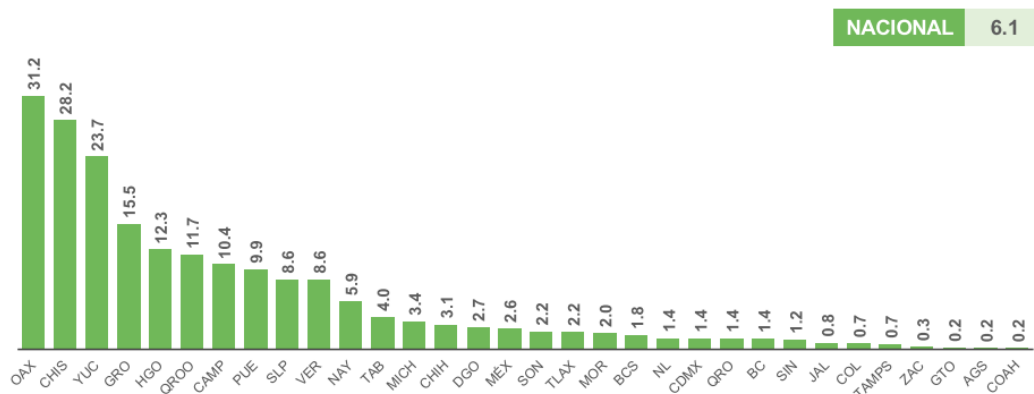
RÁDIO					
Concessionaria / Permissionario	Frecuencia e banda		Distintivo	Populación principal para atender	Tipo de uso
Amplitud Modulada 710, S.A.	91.9	FM	XHBL	Culiacán	Comercial
Centrado Corporativo, S.A. de C.V.	91.3	FM	XHPGSS	Guasave	
Energía Radial en Comunicación, S.A. de C.V.	95.3	FM	XHPFRT	El Fuerte	
	94.1	FM	XHPNAS	Navolato	
Escápate al Paraíso, S.A. de C.V.	1230	AM	XECSEP	Culiacán	
Fórmula Radiofónica, S.A. de C.V.	88.7	FM	XHEX	Culiacán	
	1470	AM	XEACE	Mazatlán	
	91.3	FM	XHACE		
GPM Grupo Promomedios Mazatlán, S.A. de C.V.	88.9	FM	XHPGVS	Guasave	
Grupo Nueva Radio, S.A. de C.V.	93.1	FM	XHMZT	Mazatlán	
Grupo RSN de Guasave, S.A. de C.V.	93.7	FM	XHEORO	Guasave	
	98.1	FM	XHGSE		
Guasigua Radio, S.A. de C.V.	99.3	FM	XHJL	Guamúchil	
La Regional del Évora, S.A. de C.V.	92.1	FM	XHGML	Guamúchil	
Manuel Francisco Pérez Muñoz	600	AM	XEHW	Chametla	
	102.7	FM	XHHW		
Mega Frecuencia, S.A. de C.V.	103.3	FM	XHNW	Culiacán	
México Radio, S.A. de C.V.	98.7	FM	XHVOX	Mazatlán	
	104.3	FM	XHENX		
Radio 65, S.A.	100.5	FM	XHTNT	Los Mochis	
Radio Alar, S.A. de C.V.	98.5	FM	XHCLI	Culiacán	
Radio CQ de Culiacán, S.A. de C.V.	104.1	FM	XHECQ	Culiacán	
Radio Informativa, S.A. de C.V.	92.1	FM	XHPMAZ	Mazatlán	
Radio Mil De Mazatlán, S.A. de C.V.	97.9	FM	XHMMS	Mazatlán	
Radio Mil Sinaloense, S.A. de C.V.	90.1	FM	XHMIL	Los Mochis	
Radio OPE De Mazatlán, S.A. de C.V.	89.7	FM	XHOPE	Mazatlán	
Radio RJ de Mazatlán, S.A. de C.V.	105.1	FM	XHERJ	Mazatlán	
Radio Topolobampo, S.A. de C.V.	98.9	FM	XHMMPM	San Blas	
Radio XEFIL, S.A. de C.V.	88.9	FM	XHFIL	Mazatlán	
Radio XEVU, S.A. de C.V.	97.1	FM	XHVU	Mazatlán	
Radio XHCNA Culiacán, S. de R.L. de C.V.	100.1	FM	XHCNA	Culiacán	
Radio XHMAT, S. de R.L. de C.V.	99.5	FM	XHMAT	Mazatlán	
Radio XHVQ, S. de R.L. de C.V.	96.9	FM	XHVQ	Culiacán	
Radio XHZS-FM, S.A. de C.V.	100.3	FM	XHZS	Mazatlán	

Radio y Televisión de Sinaloa, S.A. de C.V.	91.7	FM	XHECU	Los Mochis		
	96.5	FM	XHCW			
Radiodifusora XEHS, S.A. de C.V.	540	AM	XEHS	Los Mochis		
	90.9	FM	XHHS			
Radiodifusora XHMSL-FM, S.A. de C.V.	101.3	FM	XHMSL	Los Mochis		
Radiodifusores por Tradición, S.A. de C.V.	610	AM	XEGS	Guasave		
	104.7	FM	XHGS			
Radiosistema de Culiacán, S.A. de C.V.	101.7	FM	XHESA	Culiacán		
Roque de Jesús Chávez López	102.5	FM	XHMAX	Los Mochis		
Somos Radiodifusores, S.A. de C.V.	104.3	FM	XHREV	Los Mochis		
Sucn. de Francisco Millán Ramos	94.3	FM	XHQE	Escuinapa		
XECF Radio Impactos 14-10, S.A.	93.3	FM	XHCF	Los Mochis		
XECSI-AM, S.A. de C.V.	750	AM	XECSI	Culiacán		
	89.5	FM	XHCSI			
XEORF, S.A. de C.V.	99.7	FM	XHORF	Mochicahui		
XHIN-FM, S.A. de C.V.	95.3	FM	XHIN	Culiacán		
XHWS, S.A. de C.V.	102.5	FM	XHWS	Culiacán		
Gobierno del Estado de Sinaloa	94.5	FM	XHGES	Culiacán		Pública
	93.9	FM	XHMZS	Los Mochis		
	93.9	FM	XHMZS	Mazatlán		
Sistema Público de Radiodifusión del Estado Mexicano	103.5	FM	XHSPRM	Mazatlán		
Universidad Autónoma De Occidente	89.3	FM	XHUDO	Los Mochis		
Universidad Autónoma de Sinaloa	1150	AM	XEUAS	Culiacán		
	96.1	FM	XHUAS	Los Mochis		
	102.9	FM	XHMSA			
Universidad Autónoma Intercultural de Sinaloa	95.7	FM	XHMFS	Mochicahui		
Universidad Pedagógica del Estado de Sinaloa	89.9	FM	XHUPES	Culiacán		
Fomento Educativo y Cultural Francisco de Ibarra, A.C.	93.7	FM	XHCUAD	Culiacán	Social	
	97.3	FM	XHHIS	Los Mochis		
	106.7	FM	XHTLAN	Mazatlán		
Fundación Cultural para la Sociedad Mexicana, A.C.	90.3	FM	XHFCS	Culiacán		
	90.5	FM	XHAVE	Guasave		
Fundación Radiodifusoras Capital Jalisco, A.C.	104.9	FM	XHCUL	Culiacán		
Radio Agricultores del Valle de Sinaloa, A.C.	90.1	FM	XHLCE	La Cruz de Elota		
Sinaloa Arte y Gloria, A.C.	94.5	FM	XHGVE	Guasave		
	88.5	FM	XHSIG	Los Mochis		

Por outro lado, falando de comunidades indígenas, Sinaloa, ao contrário de outras comunidades em nível nacional, está entre os últimos 10 Estados da República com a menor proporção de falantes indígenas, concentrando 1,2% de seus habitantes maiores de 3 anos

que falam uma língua indígena, porém, esse número faz referência a mais de 10 mil pessoas que precisam de uma oportunidade para continuar seus estudos e preservar sua cultura.

Figura 9. Porcentagem da população que fala uma língua indígena por Estado¹³



Fonte: *Resumen ejecutivo del Censo de población y vivienda 2020* (2021b).

As 10 principais línguas indígenas faladas no Estado são mayo, náhuatl, zapoteco, mixteco, tarahumara, tlapaneco, tepehuano del sur, otomí e totonaco. No entanto, as línguas maternas mais faladas no Estado foram mayo (7.723 habitantes), náhuatl (5.464 habitantes) e zapoteco (3.876 habitantes).

Todas essas informações em conjunto nos levam a pensar nas possibilidades para estas comunidades no enfrentamento desta crise de saúde, pois, embora os percentuais do Estado não sejam tão elevados como em outros territórios, ainda é importante ter alternativas que se adaptem às condições desses núcleos populacionais ao se encontrar como os menos favorecidos, principalmente durante a contingência.

Nesse sentido, é importante buscar iniciativas e alternativas governamentais que abranjam essas comunidades e que prestem serviços básicos e universais como o acesso à

¹³ Para leitura do gráfico: OAX- Oaxaca; CHIS- Chiapas; YUC- Yucatán; GRO- Guerrero; HGO- Hidalgo; QROO- Quintana Roo; CAMP- Campeche; PUE- Puebla; SLP- San Luis Potosí; VER- Veracruz; NAY- Nayarit; TAB- Tabasco; MICH- Michoacán; CHIH- Chihuahua; DGO- Durango; MÉX- Estado de México; SON- Sonora; TLAX- Tlaxcala; MOR- Morelos; BCS- Baja California Sur; NL- Nuevo León; CDMX- Ciudad de México; QRO- Querétaro; BC- Baja California; SIN- Sinaloa; JAL- Jalisco; COL- Colima; TAMPS- Tamaulipas; ZAC- Zacatecas; GTO- Guanajuato; AGS- Aguascalientes; COAH- Coahuila.

informação e uma educação digna, nas modalidades e características exigidas conforme estabelecido pela Constituição.

Está evidenciado que, embora a maioria da população possua telefone celular, apenas a metade tem acesso à internet, sem considerar também que não só ter uma conexão oferece a possibilidade de prosseguir com uma educação através de sua primeira alternativa, que foram as plataformas digitais.

É imprescindível considerar mais questões como a qualidade da rede de conexão que permita o download adequado dos conteúdos, o acesso à aula virtual ou a contratação de pacotes de internet que fiquem avulsos para este tipo de consumo de informação, ficando mais uma vez evidenciada a importância do rádio para essas comunidades durante esta pandemia global, pois facilitaria o acesso nestas áreas devido às suas características.

Seguimos para o desenvolvimento do próximo tópico, falando sobre as experiências das rádios participantes do programa de governo *Sinaloa en Casa* como uma alternativa que, por meio de ondas sonoras, dá acesso à educação a essas populações mais vulneráveis.

4.2. Governo e movimentos radiofônicos durante a pandemia para as comunidades indígenas do Estado de Sinaloa

Para entender melhor a funcionalidade do rádio dentro do programa governamental de *Sinaloa Aprende en Casa* durante este período de pandemia em comunidades indígenas, compilamos as experiências que foram realizadas pelas estações de rádio que levantaram a mão para apoiar esses centros populacionais e foram capazes de dar-lhes uma voz e uma opção adicional para continuar sua educação remotamente, quando seus níveis econômicos e digitais não estavam ao alcance.

Esta coleta de dados foi obtida por meio de entrevistas com os responsáveis da *Secretaría de Educación Pública y Cultura* (SEPyC) de nível básico e responsáveis pelas 05 rádios que decidiram participar do apoio às comunidades indígenas do Estado de Sinaloa, viabilizando educação através de suas ondas sonoras.

As informações referentes aos entrevistados e os cargos que ocupam, além das informações sobre as entrevistas, como data, modalidade, local e horário são apresentadas a seguir, no Quadro 1.

Quadro 8. Detalhamento da aplicação dos instrumentos de pesquisa

Instituição	Nome do entrevistado	Cargo	Data da entrevista	Modalidade da entrevista	Local e horário
SEPyC	Martín Valenzuela Bacasegua	Responsável do Departamento de Educação Indígena	19-08-2021	WhatsApp	Culiacán, Sinaloa, México, 10h
	Carlos Carlos Parra	Coordenador Acadêmico da Subsecretaria de Educação Básica da SEPyC	30-09-2021	Presencial nas instalações da SEPyC	Culiacán, Sinaloa, México, 10h
Radio UAIM	Rosario Eliud Velázquez Barba	Responsável pela estação de rádio	06-10-2021	Videoconferência	Culiacán, Sinaloa, México, 18h30
Radio Inapo Yoreme	Nelsy Valenzuela	Diretora da estação de rádio	09-10-2021	Videoconferência	Culiacán, Sinaloa, México, 11h
Radio UPES	Natanael Raya	Responsável pela estação de rádio	17-11-2021	Videoconferência	Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 19h30
Radio UAdeO	Álvaro Robles	Responsável pela programação da estação de rádio	17-11-2021	WhatsApp	Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 17h
Radio Sinaloa	María Esther Briseño Cortés	Responsável pela estação de rádio	23-11-2021	Videoconferência	Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 22h

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A pandemia começou em março de 2020, porém, o programa *Sinaloa Aprende en Casa* entra nas ondas sonoras em maio de 2020 e termina de forma variada, já que as rádios que participaram deste trabalho encerraram esta transmissão por diversos motivos.

Alguns dependeram das decisões do próprio governo, o início das eleições, a falta de material por não encontrarem quem pudesse colaborar voluntariamente com as traduções na língua materna, ou simplesmente a falta de continuidade dos mesmos professores ou os responsáveis das emissoras de rádio que por iniciativa própria decidiram participar neste trabalho.

O professor Carlos Parra, Coordenador Acadêmico da Subsecretaria de Educação Básica da SEPyC, menciona que o programa do governo nasceu principalmente com o nome

de *Aprende en casa*, programa criado no início da pandemia pela *Secretaría de Educación Pública* através de uma diretriz nacional.

Os responsáveis pela Educação Básica da SEPyc do Estado de Sinaloa estavam muito otimistas e achavam que essa doença seria tão temporária quanto o AH1N1 e nunca imaginaram que o impacto seria o que enfrentamos hoje em dia.

Entretanto, com o passar do tempo, perceberam que a situação era mais grave do que o esperado e resolveram aguardar a proposta do CONAFE para ter conhecimento de como iria funcionar a partir daquele momento.

Assim que a informação chegou, o maestro Carlos Parra percebeu que o conteúdo oferecido a partir das centrais consistia apenas em uma guia adaptada para a educação à distância, como se fosse uma cartilha que oferecia trabalhos extraescolares e um infográfico com a programação do novo programa a ser implantado no âmbito do nome *Aprende en Casa*.

Foi nesse momento que começaram a questionar-se se esses recursos iriam ser úteis e funcionais no meio rural, por isso era necessário ver as opiniões da direção acadêmica com o intuito de conceber materiais especiais para serem utilizados à distância.

O Governo Federal e o presidente Andrés Manuel López Obrador foram muito bombásticos ao afirmarem que a televisão seria a solução e a salvação para poder continuar com a educação nesse período emergencial, sem considerar que esse meio de comunicação não tem o alcance em todos os lugares.

O mesmo informativo também levantou rádios educacionais, porém, as emissoras contempladas tinham alcance muito curto em áreas metropolitanas ou muito próximas ao centro do país, o que indicava que no Estado sinaloense aquele sinal de rádio simplesmente não chegava, o que significava que ali não havia ponte que permitisse trabalhar o conteúdo acadêmico.

No início do projeto, a educação televisiva de acordo com a programação compartilhada pelo CONAFE funcionava em áreas conurbadas, áreas urbanas, porém ainda havia uma grande área de oportunidade que eram as montanhas; a Sierra de Badiraguato, a

Sierra de San Ignacio, a Sierra de Choix, a Sierra del Fuerte, porque eram lugares onde o sinal não chegava e onde não havia televisão.

Apenas filhos de famílias com poder aquisitivo superior poderiam continuar seus treinamentos através da antena Sky, já que as antigas antenas do que antes era *telesecundaria*, chamada de *Red Edusat*¹⁴ pararam de funcionar, pois não existe uma dependência ou área de tecnologia educacional que possa manter essas antenas a fim de poder dar continuidade a este processo de Televisão Educacional.

Voltamos a essa situação para contextualizar que, então mais uma vez, houve a necessidade de criar condições que permitissem esse acesso à educação, já que apenas o informativo de uma grade de programação com horários, canais e frequências estava obsoleto para a situação encontrada no Estado.

Seria necessário organizar uma mesa de análise e buscar soluções alternativas, levando primeiro o transporte dos professores às comunidades ou às casas dos alunos para poderem levar cadernos que permitissem ao aluno estudar por conta própria, o que abriu as portas para a decisão de fazer uma aliança com o Departamento de Tecnologia Educacional através do Chefe desse Departamento, o Sr. Daniel Calderón Orduño.

Foi assim que o rádio foi convocado, pois o Secretário de Educação estadual, ao visitar o município de Ahome, percebeu que o meio televisivo não chegava às áreas indígenas, portanto, elas consumiam principalmente o serviço do rádio.

A atual coordenação da SEPyc também considerou começar a trabalhar com *podcast*, atendendo a essa necessidade de adaptação, mas apenas como um projeto embrionário que estava mal sendo trabalhado.

¹⁴ RED EDUSAT é um sistema de televisão com sinal digital comprimido que é transmitido via satélite, utilizando o padrão internacional DVB-S com formato MPEG-2 para digitalização, compressão e multicanalização em um único sinal através de seus 16 canais de televisão com programação educacional via satélite, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino e diminuir o atraso educacional com programas que servem de apoio didático aos docentes em serviço, programas curriculares que são transmitidos para os níveis de ensino fundamental, médio e superior e cursos de formação completa para instituições de ensino e dependências oficiais, o que constitui um importante precedente no uso das tecnologias de informação e comunicação na educação a distância (COORDINACIÓN GENERAL, [s.d.]).

Desta forma, todos os acadêmicos iniciaram com a elaboração do material sonoro, partindo de um roteiro e vinhetas, além de terem uma mesa de análise que realizava os conteúdos e programava os horários e a duração do material em conjunto com as rádios que decidiram participar neste trabalho.

A seleção das rádios que participaram da divulgação do programa de governo como alternativa remota, neste período de crise sanitária, deu-se por meio de um convite geral e da iniciativa de cada responsável pela emissora, já que cada coordenador aderiu ao projeto como um tema de interesse próprio e em solidariedade.

Desta forma, a *Radio UAIM*, da *Universidad Indígena de México*, a *Radio UAdeO* da *Universidad Autónoma de Occidente*, a *Radio Sinaloa*, a *Radio UPES* e a *Radio Inapo Yoreme* (esta última por meio de uma plataforma digital) participam do programa como emissoras difusoras do conteúdo emitido pelo governo.

A SEPyC não soube lidar com a situação e com a tradução literal do conteúdo do programa para poder levá-lo às comunidades indígenas, porém, dentro destas comunidades a maioria é falante da língua espanhol, principalmente no nível escolar básico que é para o qual se dirige este projeto governamental.

É por esta razão que seus conteúdos são majoritariamente em espanhol e mesclam informações gerais como saudações, números, horas, ocupações, entre outros temas de interesse geral na língua yoreme.

Embora no Estado sejam faladas mais de 30 línguas indígenas, o yoreme é a língua original do Estado de Sinaloa e o idioma mais falado.

As demais línguas existentes no Estado foram originadas pelos migrantes que deixaram suas comunidades e se estabeleceram em Sinaloa, por isso as rádios participantes deste projeto governamental tinham como foco a preservação da língua principal, como atualmente, o sistema de escolas indígenas de educação o implementa.

Infelizmente, por falta de financiamento, iniciativa, continuidade do projeto, apoio acadêmico e administrativo e atividades políticas, essas participações foram suspensas logo após o início de seu ciclo.

Martín Valenzuela Bacasegua, Chefe do Departamento de Educação Indígena, por meio de entrevista realizada pelo WhatsApp, em meio às dificuldades de atendimento devido à pandemia e motivos ocupacionais, informou que a Educação Indígena do Estado de Sinaloa não possui programa de televisão ou qualquer programação radiofônica própria.

Assim, o ensino da Educação Indígena se vale dos programas televisivos do programa nacional de *Aprende en Casa*, arquivos que vêm sendo preparados pela equipe da Coordenação Acadêmica Estadual da SEPyc e outros por um colegiado de professores indígenas, que também estão utilizando cadernos de atividades elaborados pela Coordenação Acadêmica da SEPyc e que são entregues aos alunos um dia por semana pelos professores.

Ele citou, também, que algumas escolas atuam voluntariamente como Centros Comunitários de Aprendizagem, que consiste no atendimento aos alunos presencial e remotamente de forma escalonada e com a aplicação de protocolos de higiene como opção adicional implementada pela SEPyc estadual.

A *Radio UAIM* é uma estação de rádio jovem, com apenas 2 anos de atividade através da frequência 95,7 FM no norte de Sinaloa, estação que atualmente abriga cerca de 4 trabalhadores, devido ao fato de que durante este período de crise sanitária, a estação de rádio teve que dispensar alguns dos seus funcionários, já que os estúdios são uma grande fonte de infecção.

Esta estação tem como condição primária a sua concessão de ser um canal intercultural e de funcionar em pequena área, ou seja, uma estação de rádio com 3 mil watts de potência, o que a coloca em categoria duplo A, destinada à comunidade de Mochicahui.

Essa região é conhecida como o coração da etnia por ter um grande número de falantes da língua yoreme mayo, que residem na Rivera das margens do Rio Fuerte e do Rio Mayo em Sonora, abraçando as comunidades encravadas ao norte de Sinaloa como Los Torres, El Ranchito, Las Higueras de los Natoches, El Teroque, Mochicahui, El Poblado, 5 de Mayo e

El Carrizo, porém, também chega a Los Mochis, Topolobampo, Guasave e San Blas em direção a El Fuerte, quanto mais ao norte o sinal começa a se perder devido às colinas.

A programação está atualmente vinculada por meio de uma plataforma digital e é dirigida por Rosario Eliud Velázquez Barba, graduado em Ciências da Comunicação e trabalhador com experiência em rádio há mais de 23 anos.

Velázquez é responsável pela programação da rádio, hora nacional, hora estadual, pontos de identificação universitária, anúncios do INE, anúncios de campanha e também esteve a cargo do material enviado pela SEPyc e a programação do programa *Sinaloa Aprende en Casa*.

Esta frequência resolveu participar do programa *Sinaloa Aprende en Casa*, proposto pela SEPyc como meio de divulgação durante o período pandêmico como apoio às crianças na educação básica e forma de continuação da educação remotamente, cedendo assim suas instalações e recebendo o material elaborado por professores de todo o Estado de Sinaloa para poder transmiti-los dentro de sua programação durante as três primeiras temporadas, período que reflete o início do mês de maio e o final de julho de 2020.

Esta participação surge a partir do convite da SEPyc, em contato com Velázquez e a seguir apresentada por Daniel Calderón e o professor Carlos Parra, representantes da SEPyc, perante a reitoria da *Universidad Autónoma Indígena de México*.

Essa emissora conseguiu oferecer um total de 2 horas contínuas para o nível fundamental, dividindo diferentes notas escolares a cada hora, abordando, assim, diferentes temas de educação, porém, cada temporada variava em função do número de suas emissões.

O programa foi lançado das 11h às 13h com temas focados no conhecimento das tradições e continuando com um programa musical de música yoreme.

A *Radio UAIM* recebia através do *Google Drive* os conteúdos que os professores do ensino básico preparavam voluntariamente. Cada bloco tinha a duração de 12 minutos visto que, sendo uma rádio com concessão, tinha a obrigação de se identificar a cada 30 minutos

para fazer a ligação entre duas séries de 12 minutos cada e em duas séries de 3 minutos para poder entrar nos pontos desde o posto de identificação.

Esses conteúdos elaborados pelo corpo acadêmico foram gravados de forma bilíngue, contemplando o idioma espanhol com a língua yoreme mayo, já que seu principal público-alvo eram as crianças da região de Mochicahui, uma das regiões mais vulneráveis do Estado de Sinaloa e local onde está localizada a estação de rádio universitária.

Os conteúdos foram produzidos majoritariamente em espanhol e têm alguns momentos de spots, *breakcut*¹⁵, *trampolins*¹⁶ e identificação na língua yoreme.

De acordo com a Lei Federal de Telecomunicações e Radiodifusão de 2015, segundo Velázquez, as rádios públicas e comerciais são obrigadas a transmitir também de forma online, pelo que a *Radio UAIM* disponibiliza os conteúdos simultaneamente, uma vez que não existe uma biblioteca que retransmita o material sonoro ou que disponha de uma vinheta de identificação que permita que os referidos materiais não sejam liberados em tempo indevido.

No entanto, as atividades tiveram de ser suspensas durante a última semana de julho de 2021, visto que o INE, através de uma Medida Cautelar, solicitou a suspensão da emissão do programa em nível Nacional ou Estadual para poder dar lugar a uma série de spots do Governo Federal e incentivar à população a participar das eleições eleitorais, ao mesmo tempo que a área do nível primário que colaborava com a rádio deixou de criar conteúdo para poder focar no nível secundário, o que fez terminar com a iniciativa do programa através desta emissora.

Valenzuela, destacou que a escolha da rádio para a implementação do programa se deu pela sua característica de imediatismo, uma vez que o processo de produção de conteúdo nas demais mídias era mais lento, posicionando o rádio como o meio mais rápido de divulgação de conteúdo.

¹⁵ Pequenos segmentos de 10 a 30 segundos que permitem identificar o início do programa, a mudança de seções, a entrada e saída de comerciais ou o fechamento.

¹⁶ Pequeno recurso gravado em voz off ou seco que pode separar, ou pode pisar em um tema, identificando o programa.

Ele também destacou que, no Estado de Sinaloa, o rádio era um meio "fundamental", citando que, em Los Mochis, existiam 20 rádios – considerando a *Radio UAIM*, porque, embora esta última não estivesse localizada na cidade, ela poderia penetrá-la – para meio milhão de habitantes, resultando em um consumo per capita muito grande.

Esclarece ainda que não foi possível medir o impacto do programa porque os custos deste serviço costumam ser muito elevados e que a Universidade não tem condições de pagar, no entanto, sabem que o programa foi eficaz visto que o mesmo pessoal da comunidade mencionou que o estavam ouvindo.

Anteriormente não tinham um programa semelhante, mas que por se tratar de uma escola intercultural, está focada em fazer uma pequena escola de rádio como iniciativa de projeto, mas que os seus conteúdos eram diferentes, pois a intenção era de que os alunos que vivem nessa comunidade pudessem se aproximar do rádio para contar histórias que preservassem sua cultura, mas nada semelhante ao conteúdo elaborado pelos professores da educação básica nesse período, o que foi uma iniciativa que deve ser reconhecida.

A *Radio Universidad Autónoma de Occidente (UAdeO)*, é uma estação universitária que tem a responsabilidade de fornecer o que é necessário para a divulgação da cultura, ciência e manifestações artísticas através da frequência 89,3 FM. A instalação desta rádio foi uma tarefa iniciada pelo primeiro reitor da instituição de ensino, Julio Alberto Ibarra Urrea.

Este projeto existe desde 1982 quando foi inaugurado o Bacharelado em Ciências da Comunicação na cidade de Los Mochis, Sinaloa, mas a rádio começou a funcionar em 1992 dentro e fora da Universidade através da produção e difusão de vários programas radiofônicos.

Este projeto foi administrado pela *Secretaría de Comunicaciones y Transportes*, para o qual este órgão federal concedeu permissão para que *Radio Universidad de Occidente, A.C.* se estabelecesse em Culiacán, Sinaloa, sob o distintivo: XECUL a 1040 Khz, amplitude modulada, com 1000 watts de potência.

No entanto, foi feito um novo pedido à SCT para que a estação se mudasse para Los Mochis, Sinaloa, devido ao fato de a maior parte dos alunos de Ciências da Comunicação se

encontrarem nesta cidade, para além de outros motivos técnicos, e que a sede da Reitoria se encontra nesta cidade, autorizando esta instalação com a insígnia XEUDO no município de Ahome, com autorização definitiva para seu funcionamento em 1994.

Desde então, projetos acadêmicos têm sido desenvolvidos de acordo com as necessidades da comunidade universitária e da população, como a instalação de Centros de Comunicação Integral, onde alunos e professores terão mais suporte para produção com qualidade de transmissão na *Radio UAdeO*.

Essa rádio aderiu ao projeto do governo de *Sinaloa Aprende en Casa* através da SEPyC, pois a Secretaria contactou o diretor geral da rádio e foi criado um grupo de WhatsApp onde era feito o upload do conteúdo do programa e o download podia ser feito para transmiti-lo.

Álvaro Robles, Chefe de Produção da emissora, se encarregou dessa atividade de download e programação do material, além da publicidade, já que ao longo do dia os ouvintes eram convidados a sintonizar o programa de *Sinaloa Aprende en Casa* mencionando os dias e horas de transmissão.

Os materiais sonoros do programa eram produzidos pela SEPyC, portanto a emissora apenas os transmitia na íntegra, sem qualquer tipo de edição. Iniciou suas emissões em maio de 2020 e terminou em janeiro de 2021, uma vez que não receberam mais nenhum material. A *Radio UAdeO* atendia as comunidades indígenas de Yoreme-Mayo, Tarámaris e Tepehuanes.

Ele também cita que, até há algum tempo tinham um programa de nome *Voces Indígenas*, que era veiculado por meio de convênio com uma comunidade indígena yoreme-mayo, sendo eles que se aproximaram desta emissora e conseguiram o espaço com a finalidade de poder preservar sua cultura.

O programa consistia em falar sobre suas tradições e tudo o que é relevante para sua comunidade por meio de uma transmissão semanal de uma hora com conteúdo 70% na língua materna e 30% em espanhol. O programa tinha cerca de 20 anos, até que finalmente parou em 2019.

Além disso, eles também tinham um programa semelhante ao programa de *Sinaloa Aprende en Casa*, mas com foco no ensino médio, que se chamava *Cobaes Estudia en Casa*, onde eram realizadas duas transmissões por semana.

Este programa teve início há cerca de três anos e abrangia alguns temas de interesse geral dos alunos e realizações da instituição. Eventualmente, eles começaram a dar orientações para as aulas e até mesmo uma novela de rádio foi produzida.

A organização deste programa é alheia à *Radio UAdeO*, pelo que só participou na emissão do material sonoro às terças e quintas-feiras às 9 da manhã e às 4 da tarde com uma duração aproximada de 25 minutos.

Radio Sinaloa é uma emissora pública descentralizada que funciona há 15 anos e se dirige aos municípios de Culiacán na 94,5 FM, Mazatlán na 93,9 FM e Los Mochis na 92,5 FM, além de ter o site www.sisirt.gob.mx.

Esta emissora depende diretamente da Secretaria de Educação Pública e Cultura do Estado de Sinaloa e tem como objetivo a produção e transmissão de conteúdos que contribuam para o fortalecimento do exercício dos Direitos Humanos, liberdade de expressão, formação cidadã, informação e acesso às tecnologias, respeitando os princípios de convivência social, vínculo familiar, desenvolvimento da infância e adolescência, disseminação de valores, uso correto da linguagem e disseminação do conhecimento e informação.

Foi a partir da pandemia e do confinamento social, que a diretora geral da rádio, Diana Ochoa del Toro, iniciou conversações com o Secretário da SEPyC, Alfonso Mejía, concordando em ser a *Radio Sinaloa* o meio que oferece sua frequência, produção e todo o trabalho que tem como sistema de rádio em apoio à educação de crianças e adolescentes.

Assim, começam a participar do projeto *Sinaloa Aprende en Casa* em maio de 2020, como subproduto do programa nacional *Aprende en Casa*, que busca unir esforços e poder trazer educação por meio de um produto local com mais linguagem coloquial e regional, respeitando os padrões educacionais e tendo em conta a liberdade acadêmica dos professores.

Foi assim que os professores começaram a gravar materiais que pertenciam às suas aulas de forma caseira, chegando à *Radio Sinaloa*, que recolhia as gravações dos professores e vestia esses materiais através da produção de input, output e tudo o que tivesse a ver com o vestuário do material, baseado na programação disponibilizada pela SEPyc e em comum acordo com a *Radio Sinaloa*, finalmente sendo elaborado um programa de 01 hora, de segunda a sexta-feira, dividido em 05 blocos incluindo Educação Física.

María Esther Briseño, com carreira na área de Comunicação e desde 1997 no meio radiofônico, esteve a cargo da Direção-Geral do Sistema de Rádio e Televisão de Sinaloa, até outubro de 2021.

Ela menciona que, atualmente, continuam armando os programas, recebendo essas cápsulas unitárias e montando-as até a criação de um programa completo, cabendo à SEPyc, como a instituição de controle, compartilhar esses áudios com as demais emissoras participantes, ou deixar que cada uma delas realizasse suas produções de áudio.

Ela também menciona que hoje, em muitas ocasiões, receberam esses materiais já com música de fundo, uma atividade louvável para os acadêmicos quando fazem esses materiais sonoros com recursos próprios.

Até hoje, novembro de 2021, a *Radio Sinaloa* continua transmitindo conteúdo. É de se salientar ainda que é a única rádio que está atualmente em vigor, pois consideram que nesta época de Covid-19, este apoio contribui e permeia as deficiências que ainda existem em muitos grupos vulneráveis.

A coordenação deste programa dentro da *Radio Sinaloa* começou com Diana Ochoa, seguida por Georgina Martínez e finalmente por María Esther, que até hoje é responsável inclusive pela produção.

Ela menciona que alguns dos produtores adoeceram com o coronavírus, o que tornou necessário improvisar e iniciar novas atividades, fato que dá orgulho por poder aprender e continuar trabalhando para as crianças do Estado.

Além do programa *Sinaloa Aprender en Casa*, Briseño comenta que, devido à mesma contingência global de saúde, é promovido o programa *Cobaes Estudia en Casa*, uma proposta educacional neste mesmo período que permite que alunos do ensino médio tenham acesso à educação através de cápsulas de 15 minutos distribuídas às 11 da manhã com repetição às 03 da tarde, dois dias por semana.

Quanto aos locais que o rádio cobre, menciona-se que estes sinais de rádio com 5.000 watts de potência chegam de Culiacán à área metropolitana e alguns municípios vizinhos, até atingirem o município de Elota no Sul, mas notando que, neste último lugar, a frequência Mazatlán também chega imediatamente, e esta última atinge Escuinapa. No caso de Mochis, o sinal chega a Guasave e alguns de seus municípios antes de chegar a El Fuerte.

No entanto, as comunidades indígenas não são consideradas na *Radio Sinaloa*, nem é transmitido conteúdo sonoro em outro idioma que não o espanhol, pois, para tratar da questão dos idiomas, é necessário um credenciamento especial e uma licença de RFC e das autoridades competentes, como o IFT, para poder realizar essas intervenções em outros idiomas que não seja o espanhol, e poder alterar o perfil da grade de programação.

Briseño, comenta que existe essa falta de atenção nessas comunidades indígenas do Estado, não por querer, mas porque realmente se trata de chegar a um acordo e não poder dar o salto tão rápido como se fez nesse sentido, ao não estar preparado para esta contingência de saúde.

Porém, destaca que, de uma forma ou de outra, esta forma de prover conhecimento e informação por ondas hertzianas não é exclusiva, mas, ao contrário, busca incluir toda a população, independentemente de sua qualidade de vida, orientação ou raiz, mas sim na *Radio Sinaloa*, ou no Sistema Sinaloense, como meio público, busca a inclusão e responde à urgente necessidade educacional das crianças e dos jovens, tornando-se assim os fatores de mudança.

Anteriormente, nenhum programa como esta proposta era lançado antes da Covid-19, porém, Briseño comenta que existe um programa denominado *El canto del Cenxontle* aos

sábados e domingos, para falar um pouco das línguas indígenas, ajudando e convidando o público a conhecê-las, no entanto, não contempla nenhuma língua materna.

A audiência do programa *Sinaloa Aprende en Casa* não foi medido por meio de algum sistema de *rating*¹⁷ que permitisse conhecer a quantidade de pessoas que estavam ouvindo os materiais transmitidos em questão, porém, eles sabiam que era sintonizado pelos mesmos professores quando perceberam que as produções sonoras, por problemas técnicos, não poderiam ir ao ar ou mesmo pelas mesmas crianças quem contactaram a rádio.

Briseño comenta que o rádio, além de importante, é mais inclusivo do que se possa imaginar, pois chega a lugares com ou sem internet, é um meio que está no México há mais de 100 anos e que se complementa com os atuais meios de comunicação que vão sendo acrescentados dia a dia.

A *Radio UPES* também é colaboradora na divulgação do programa *Sinaloa Aprende en Casa*, ainda que digitalmente, já que está em andamento o recurso para ter antena própria.

O interesse em ter uma frequência modulada é poder abranger mais a sociedade e alcançar uma maior penetração entre os alunos através da frequência 87,1 FM que a Universidade tem em seu poder com autorização de rádio educacional.

O responsável pela programação e por esta emissora é Natanael Raya, especialista em rádio há 20 anos, que nos conta, que quando foi lançado o programa *Sinaloa Aprende en Casa*, a Secretaria de Educação Pública do Estado demonstrava a necessidade de levar a informação às localidades mais marginalizadas.

Foi então, que com o apoio da reitoria, a *Radio UPES* contactou a Secretaria e ofereceu o seu espaço para poder chegar a estas crianças, que através dos pais podiam ter acesso a telefones celulares com internet.

¹⁷ Quanto maior o rating, maior é a quantidade de pessoas que consome o produto.

Dessa forma, a divulgação do conteúdo teve início em maio de 2020, recebendo o material elaborado pelos professores e apresentado sob as diretrizes da SEPyC, ou seja, as programações e os conteúdos a serem divulgados.

Este programa através da *Radio UPES* começava com duas horas diárias, sendo estas distribuídas em duas partes: a primeira era do nível primário, enquanto a segunda hora do nível secundário, porém, uma semana depois de estar no ar, aumentou mais uma hora, finalmente transmitindo das 3 às 6 da tarde, de segunda a sexta-feira.

Este horário foi escolhido como reforço de comum acordo, visto que a *Radio UPES* percebeu que naquela época, ninguém havia programado nenhum tipo de material no rádio ou na televisão pela tarde, pois todos se concentravam no horário matinal, restando as crianças e os jovens que normalmente iam para a escola à tarde, sem atenção.

A SEPyC se encarregou de enviar um calendário por semana, indicando os blocos que pertenciam a cada hora e os professores que faziam o material, sendo assim 4 blocos de 12 minutos cada.

O responsável por programar e tornar os conteúdos do programa *Sinaloa Aprende en Casa* "mais palatáveis ao ouvido" foi Natanael Raya. Marisa Pineda e a então reitora apoiaram com a disponibilidade de espaço, considerando esta iniciativa por parte da SEPyC como impulso de sua rádio educacional e de sua programação.

As comunidades que esta estação atinge ao sul do Estado concentram-se em Mazatlán e Escuinapa, só entrando em Concordía e Cosalá com menor impacto. No Centro, Culiacán e Navolato estão contempladas.

A *Radio UPES* também dentro de sua programação normal tem um programa indígena chamado Ju Ánia Yoreme, que visa levar a tradição Yoreme, especialmente ao norte do Estado de Sinaloa, com questões de pronúncia, escrita, tradições e datas importantes para a mesma área indígena, com destaque para as comunidades de San Miguel, Goro Pueblo e Mochicahui.

Natanael Raya menciona que o interesse em poder cobrir as comunidades indígenas se deve ao fato de que as rádios comerciais não as atendem porque não é um negócio lucrativo para elas, já que essas comunidades são setores que estão sendo marginalizados.

Menciona também que o idioma escolhido é o yoreme por pertencer aos estados de Sinaloa e Sonora, citando que também são falados outros idiomas no estado de Sinaloa, porém, esses são grupos menores, além de falar um pouco sobre o fato de que existem comunidades que preferem aderir a programas governamentais.

Por terem atualmente redes sociais, a medição deste programa foi realizada através das visitas da página do Facebook, pelo grupo WhatsApp onde estavam os professores da Secretaria, já que era a plataforma onde estavam os links das transmissões, pelas ligações recebidas na cabine ou em telefones particulares onde os professores questionavam sobre os módulos pendentes.

O programa encerrou suas transmissões em julho de 2021 para o período de férias, e a partir daí não receberam mais nenhum material para apresentar da SEPyc.

A *Radio UPES*, aproximadamente em 2016, contava com um programa próprio semelhante ao de *Sinaloa Aprende en Casa*, denominado *Alfabetizo y Aprendo Contigo*, porém, era voltado para pessoas mais velhas.

Por se tratar de uma universidade pedagógica, o desenvolvimento do conteúdo e a pauta do material a ser apresentado foram trabalhados com os professores, e Raya ficou com a produção e a parte técnica, porém essa iniciativa foi encerrada porque os jovens alunos e/ou os professores se recusaram a participar da apresentação dos conteúdos e da locução.

Por fim, a *Radio Inapo Yoreme* adere ao programa de governo também para a divulgação dos seus conteúdos, embora de forma diferente, visto que esta rádio funciona através de uma plataforma digital, nascida de um projeto universitário e conseguindo ter uma cabine que tem menos de dois anos de operação.

A iniciativa nasceu de Nelsy Valenzuela, ao cursar a segunda graduação em Educação Básica para o Meio Ambiente Indígena, pois ela nasceu, mora e se considera uma mulher indígena.

Ela comenta que não teve a oportunidade de ingressar nessa carreira como primeira decisão, porém, quando finalmente consegue cursar a universidade nessa segunda carreira, tem a oportunidade de se aproximar do rádio, o que considerou uma ótima ferramenta para divulgar conteúdos que preservem a cultura e a língua a que ela pertence, que era a comunidade yoreme, e assim conseguir atingir a comunidade e mais professores de educação indígena, pois ela percebeu que a preservação dessa cultura estava em declínio.

Foi desta forma que começou um programa de rádio com duração inicial de 30 minutos através da UPES (*Universidad Pedagógica del Estado de Sinaloa*) na *Radio UPES*, porém, essa preocupação a levou a buscar recursos e financiamentos para poder realizar ela própria a rádio indígena e não perder sua continuidade.

Desta forma, encontrou apoio de recursos federais do PACMYC (*Programa de Apoyo a las Culturas Municipales y Comunitarias*) em 2019 por 12 meses, como suporte técnico, para a instalação, um computador com performance, microfones, fones de ouvido e tudo o que for permitido instalar na cabine.

A cabine está localizada na comunidade indígena de Goros 2, no município de Ahome, a cerca de 13-14 quilômetros da cidade de Los Mochis, porém, por ser uma rádio digital, se estende a muitas outras comunidades, como El Fuerte, Guasave, algumas regiões de Etchojoa, localidades próximas aos estados de Sinaloa ou Sonora, pois a população destes Estados conhecia a cultura.

Nelsy menciona que a opção de fazer rádio digital e usar plataformas e redes sociais do YouTube se deveu muito à questão do custo, já que instalar uma rádio tradicional implicava em transmissores, antenas e outros equipamentos ou aluguel de um espaço que ela sozinha não conseguia resolver, porque não existia nenhum apoio governamental ou qualquer instituição que pudesse ajudar a dar continuidade ao seu projeto.

Sendo assim, para lhe dar continuidade, decidiu realizá-lo desta forma, e assim, poder divulgar temas como a língua, a dança, a cultura, a tradição, a gastronomia e tudo o que envolve a vida comunitária dos povos originários de Sinaloa para a região centro, centro-sul, razão pela qual a língua em que os conteúdos são ministrados é o yoreme.

Por ser professora de Formação Cívica e Ética, na escola onde trabalha, e ter um projeto próprio de rádio online, é convidada a participar com cápsulas de formação, entendendo que este meio de comunicação poderia trazer uma educação a pessoas que não contavam com outras alternativas dentro da escola.

Foi assim que Nelsy entra em contato com a SEPyC e faz uma proposta de atenção às escolas de educação indígena, para as quais a Secretaria responde que era desejado, mas ainda não sabiam como viabilizá-lo, pois queriam alcançar uma tradução completa do programa e eles não conseguiram encontrar as pessoas que pudessem fazer essas traduções.

Desse modo, Nelsy é quem faz a recomendação à SEPyC de usar a maior parte da língua espanhol e colocar em alguns momentos palavras ou frases de uso geral na língua indígena, uma vez que obter a tradução de um roteiro de uma aula regular para o yoreme ia ser realmente muito complicado.

Além disso, se não fosse dessa forma, ela argumenta que ninguém iria conseguir entender os conteúdos ao ficar totalmente em yoreme, porque na escola indígena de educação onde ela está sendo formada, e a realidade que ela vive por se encontrar dentro de uma comunidade indígena, mostra que atualmente, esses núcleos populacionais, principalmente as crianças para as quais o programa é direcionado, colocam como sua língua principal o espanhol, deixando como uma segunda língua falada o yoreme.

Ela cita ainda que no Estado há mais línguas, porém, que na verdade era minoria, elas provinham de comunidades indígenas externas, pessoas que chegaram de fora, mas que conseguem se estabelecer no Estado.

Porém, originário do Estado de Sinaloa é o yoreme mayo, já que sua localização geográfica pertence ao norte de Sinaloa e ao sul do estado de Sonora, já que anteriormente, esses dois Estados eram apenas um, o que explica porque a região de yoreme está dividida.

Desta forma, começam com as 8 cápsulas, uma semanal, cobrindo apenas aquelas 8 semanas cumprindo as diretrizes da Escola de Educação Indígena em uma abordagem de conteúdo que considera o espanhol como primeira língua e a língua indígena como segunda língua, trabalhando em questões comunitárias, medicina tradicional, etno-matemática, saudação, família e alguns tópicos genéricos que podem ser usados em tudo o que é elementar e pré-escolar.

O projeto do governo, dentro da *Radio Inapo Yoreme*, foi lançado no ar em apenas uma temporada, com os primeiros 8 programas de 30 minutos cada, durante cerca de um mês e meio, começando em maio e terminando em junho. Porém, para poder continuar com o programa, ele também foi lançado com repetições aos sábados, durando cerca de 3 meses no total.

Essa disseminação de conteúdo foi interrompida devido à complexidade de encontrar pessoas que possam colaborar com a tradução voluntariamente, uma vez que não havia recursos para elas, o que interrompeu uma segunda abordagem e uma segunda temporada.

As reproduções alcançadas para o programa de *Sinaloa Aprende en Casa*, da Rádio Inapo Yoreme, alcançaram 200.300 reproduções, quantidade significativa para ser um programa educacional.

4.3. Análise das informações obtidas: semelhanças e diferenças do programa de governo por meio das emissoras de rádio

Tendo em vista as entrevistas semiestruturadas realizadas com os responsáveis pela Educação Básica da SEPyc e os responsáveis pela realização da divulgação dos conteúdos do programa educativo de *Sinaloa Aprende en Casa* através do rádio, constituídas por 7 questões principais e contando com a ação participativa dos envolvidos para entender a execução e implementação deste programa de governo através das ondas hertzianas, obtivemos as seguintes informações para análise:

Quadro 9. Resumo da divulgação do programa *Sinaloa Aprende en Casa*

Questão	Radio UAdeO	Radio Sinaloa	Radio UAIM	Radio UPES	Radio INAPO YOREME
---------	-------------	---------------	------------	------------	--------------------

1. Frequência radial	89.3 FM	94.5 FM 93.9 FM 92.5 FM	95.7 FM	87.1 FM	-
2. Tipo de rádio	Pública	Pública	Pública	Educativa	Projeto universitário
3. Data de início	Maio 2020	Maio 2020	Maio 2020	Maio 2020	Maio 2020
4. Horário de transmissão	9 – 10 am	12 – 1 pm	11 am – 1 pm	3 – 6 pm	12 – 2 pm
5. Dias de transmissão	De segunda a sexta-feira	De segunda a sexta-feira	De segunda a sexta-feira	De segunda a sexta-feira	De segunda a sexta-feira e repetição dia sábado
6. Horas emitidas por semana	5 horas	5 horas	10 horas	15 horas	12 horas
7. Motivo para usar rádio ou site	Porque o rádio é um meio de comunicação de grande importância na promoção das manifestações culturais dentro e fora da Universidade, através da produção e divulgação de diversos programas radiofônicos	Por ser o rádio um meio de comunicação que tem mais de 100 anos no México, um veículo com grande potencial inclusivo, haja internet ou não, consegue chegar a todos os lugares, e ele é complementado com os meios de comunicação atuais	Devido ao imediatismo da rádio, a sua aceitação a nível nacional e local, grande consumo per capita, com 19 estações para meio milhão de habitantes no local onde se encontra a rádio	Atualmente, a tecnologia é utilizada por perceber que existem comunidades com acesso a um celular com internet, porém, opta-se por ter frequência modulada, para abranger a maior parte da sociedade e ter mais penetração entre os alunos	As redes sociais são utilizadas devido aos altos custos para obter uma radiofrequência e ao pouco suporte financeiro para alcançá-la
8. Idiomas cobertos	Espanhol	Espanhol	Espanhol e yoreme	Espanhol e yoreme	Espanhol e yoreme
9. Razão para seleção de idioma	-	Para poder fazer intervenções em outros idiomas que não o espanhol, são necessárias uma acreditação e uma autorização especial da RFC e do IFT	Na região de Sinaloa e onde ficam a rádio e a universidade, a maioria das pessoas falam essa língua	Porque o yoreme é de Sinaloa, existem outras línguas que se falam no Estado, mas são grupos menores, e o espanhol por ser a língua principal	A língua materna das crianças atualmente é o espanhol, porém é conjugado com o yorem nokki para preservar a cultura que está em declínio e é a língua indígena mais falada em Sinaloa
10. Data de suspensão	Janeiro 2021	Ainda disponível	Julho 2021	Julho 2021	Agosto 2020
11. Duração total do projeto	8 meses	Ate hoje, 1 ano, 6 meses	1 ano, 2 meses	1 ano, 2 meses	3 meses
12. Motivo da suspensão das transmissões	Os professores e a SEPyc pararam de	-	O INE interrompeu o programa e iniciou a	Acabou devido ao período de férias e depois	Falta de apoio voluntário nas traduções e acompanhamento do

	enviar conteúdo para poder transmiti-los no final do ano letivo		transmissão de spots do governo federal. Também os professores pararam de desenvolver conteúdos de ensino básico e iniciaram com os desenvolvimentos de conteúdo para ensino médio	pararam de enviar conteúdo	programa, mas continuando como uma rádio independente com o mesmo propósito do programa governamental
13. Programa semelhante ao programa atual	<i>Cobaes Estudia en Casa</i>	<i>Cobaes Estudia en Casa</i>	Não	<i>Alfabetizo y Aprendo Contigo</i>	Não
15. Horário do programa semelhante	9 am e 4 pm	11 am e 3 pm	-	-	-
16. Dias de transmissões do programa semelhante	Terça e quinta-feira	Terça e quinta-feira	-	-	-
17. Duração do programa em similitude	25 minutos	15 minutos	-	-	-
15. Data de início do programa semelhante	2018	-	-	2016	-
16. Data final do programa semelhante	-	Ainda disponível	-	-	-
15. Razões para suspensão do programa anterior	-	-	-	Falta de apresentadores	-

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Entre questões semelhantes, constatamos que 100% das rádios participam de programa criado pelo governo de forma voluntária, buscando maior aceitação do público por se tratar de programa da SEPyC, com início conjunto no mês de maio de 2020.

Verificamos que o material veiculado pelas ondas sonoras é originado pelo mesmo corpo docente, que leva suas aulas presenciais a uma nova forma de educar, gravando-se em casa pelos meios de que dispõe, como o celular, porém, duas das 5 rádios - *Radio Sinaloa* e *Radio UPES* - realizam intervenções na produção desses materiais, ajustando esse material sonoro para os ouvintes.

Constatamos que 100% das rádios não realizavam medição de impacto do programa de governo, pois essa aferição de audiência é de alto custo, valores que as instituições não conseguem arcar, porém, as mesmas 5 rádios mencionaram que sabem que o programa foi ouvido através dos professores que precisavam dos conteúdos e dos próprios alunos.

O encerramento da transmissão do conteúdo foi realizado em momentos distintos por cada emissora, observando-se entre suas causas as seguintes: duas das cinco emissoras pararam de transmitir devido ao início do período de férias e à falta de envio de conteúdo pela Secretaria ou pelos docentes; mais uma pela chegada da campanha eleitoral e a transmissão de spots do Governo Federal e, por fim, outra pela falta de voluntários na atividade de tradução de conteúdo.

Apenas uma das 5 estações de rádio continua até hoje com as transmissões de conteúdo do programa do governo.

Em relação ao idioma, 80% das emissoras transmitiam seu conteúdo em espanhol com algumas frases ou palavras de cultura geral da língua yoreme, já que se destaca que a língua predominante nas comunidades hoje e principalmente entre as crianças estudantes de educação básica a que se destina este programa governamental é o espanhol.

Dessa forma, as atuais escolas de educação indígena tomam este idioma como principal língua falada e a língua materna yoreme como segunda língua, a fim de preservar a cultura, a língua e os costumes que estão cada vez mais em declínio.

É importante mencionar que desde 1830 se separaram os Estados de Sinaloa e Sonora, que naquela época se configuravam em união, por isso a língua yoreme se distribui nessas duas regiões e com maior população.

Também deve ser mencionado que há mais línguas faladas além do yoreme no Estado de Sinaloa, no entanto, os responsáveis pelas estações apontam que elas são minoria ou pertencem a outros Estados que acabam se situando em Sinaloa.

No entanto, a *Radio Sinaloa* é a única estação de rádio que, até hoje, realiza suas emissões em espanhol na íntegra, justificando que, para poder realizar intervenções diferentes a esta língua, são necessárias autorizações especiais do Registro Federal do Contribuinte e do Instituto Federal de Telecomunicações.

Tanto a *Radio UAdeO* quanto à *Radio Sinaloa* possuem um programa semelhante ao *Sinaloa Aprende en Casa*, denominado *Cobaes Estudia en Casa*, com a diferença de que este último é dirigido de um nível superior ao básico e com um tempo de transmissão mais curto.

No entanto, isso foi também decorrência da atual contingência de saúde global da Covid-19, sendo que apenas uma das 5 rádios participantes (*Radio UPES*) indica que, antes da atual contingência de saúde, tinha um programa com o mesmo propósito, mas voltado para outro público alvo: as pessoas mais velhas.

G% das rádios participantes têm frequência modulada, exceptuando a *Radio UPES*, pois ela se encontra em processo de financiamento para poder levar seu conteúdo online para as ondas hertzianas de forma a cobrir maior parte da população.

Outra exceção é a *Radio Inapo Yoreme* com suas plataformas digitais. Esta estação de rádio tem interesse em ter uma frequência, mas ainda não conseguiu obter apoios financeiros que lhe permitam levar as suas iniciativas culturais, educativas e informativas a uma frequência radial.

Além disso, 100% das rádios participantes indicam que o rádio é o meio de comunicação mais importante para a promoção das manifestações culturais, com grande potencial inclusivo, o que permite o imediatismo da notícia e que atinge grande parte do Estado, em função da potencialidade de sua frequência. Haja tecnologia ou não, ela disponibiliza informação e conhecimento a uma parte maior da população.

Desta forma, podemos compreender que o programa *Sinaloa Aprende en Casa*, como um primeiro esforço, teve seu sucesso em atingir pessoas que se encontravam em situação ou locais de marginalização e que permitiu esse poder inclusivo independentemente de raça, sexo, preferências, cor, níveis econômicos, etc.

O mesmo programa conseguiu se adaptar à realidade de cada aluno e às suas condições durante este período, onde a falta de recursos econômicos e a falta de acesso a conexão, internet ou televisão dificultou o acesso à informação e o conhecimento dessas áreas que são rotuladas como os núcleos mais marginalizados.

Porém, isso também mostra suas áreas de oportunidade, uma vez que encontramos deficiências no sistema, como a falta de comitês técnicos no Ministério Indígena do Estado, um planejamento geral emanado da Secretaria da Educação Pública e Cultura voltada para as rádios que possibilitasse uma união mais forte com as emissoras, uma continuidade do processo de envio e execução de conteúdos de forma centralizada em nível estadual ou local.

Pois bem, apesar de ser esta instituição quem deveria centralizar as iniciativas por uma melhor educação e assumir o controle dos processos que possibilitem o alcance dos objetivos, deixou ao corpo docente a responsabilidade por esta boa iniciativa em grande parte.

É importante destacar que a *Radio UPES* já tinha uma experiência semelhante, visto que tinha um programa dirigido aos mais velhos com o intuito de poder alfabetizá-los.

No entanto, esta iniciativa chegou ao fim pelo fato de que os jovens que se preparavam para ser professores ou os docentes que estavam dentro da universidade em treinamento, temeram o microfone e se recusaram a participar da apresentação dos conteúdos.

Embora pareça uma forma de violência simbólica, por oferecer uma espécie de falsa generosidade, trata-se mesmo da falta de continuidade dos projetos devido, em grande parte, a mudanças governamentais, interesses políticos e novas visões de enfrentamento da realidade.

No entanto, é necessário que o objetivo constitucional da federação de criar as condições que cumpram uma educação universal não se perca.

É necessário um maior financiamento governamental para que, como planeja a SEPyC, se criem espaços e se possa contar com pessoal treinado para profissionalizar o meio de comunicação e, assim, no futuro, criar conteúdo sonoros que permitam chegar indefinidamente às partes altas das colinas, onde se encontram principalmente as áreas sem redes de conexão, internet ou mesmo, em alguns casos, televisão.

CONCLUSÃO

Ao longo do tempo, o rádio tem se mostrado um dos meios de comunicação que pode desempenhar um papel fundamental nas questões educacionais, além da informação e do entretenimento, pois tem sabido aproveitar seu potencial em benefício de tarefas culturais e instituições educacionais do país mexicano desde 1924.

Além disso, ao considerar as suas características importantes e distintivas, tornou-se um ator social que reforça funções políticas na sua conjuntura com a sociedade e a pedagogia, marcando presença nas populações mais remotas e dispersas, e nos momentos e situações mais críticos, como o atual confinamento social, causado pela pandemia da Covid-19.

Desse modo, diante das questões da desigualdade social, iniquidade, exclusão, carência de recursos econômicos, conexão e acesso à internet e ferramentas tecnológicas, a fim de dar continuidade a uma educação fora do formato presencial, o governo do Estado de Sinaloa, ao se adaptar às condições dos alunos da educação básica das comunidades indígenas, decidiu reconvocar o rádio para estabelecer um canal que pudesse conectar os alunos e a escola, retomando assim os processos tradicionais de ensino entre rádio e educação através do programa *Sinaloa Aprende en Casa*.

Embora esta ferramenta de comunicação e a essência deste programa de governo através das ondas sonoras fossem muito boas e promissoras, por seu potencial de promover o desenvolvimento integral das comunidades e do próprio homem, intervir e transformar as condições de opressão, garantir a continuidade do aprendizado e a liberação da falta de oportunidades e políticas geradas nessas áreas consideradas oprimidas, sua execução teve algumas deficiências.

Acredito que as autoridades deveriam se responsabilizar e ter se encarregado da produção, distribuição e execução do conteúdo sonoro para as emissoras de rádio, ter uma mesa técnica de educação indígena para o acompanhamento e controle do programa, bem como bater à porta das radiodifusoras, ou lançar um comunicado nesses meios de comunicação, para poder cobrir uma população maior, principalmente naqueles lugares onde não há outros meios para continuar com os seus estudos.

Entretanto, decidiram deixar a cargo dos professores, que já superavam as barreiras que este mesmo fenômeno social os desafiava, sobrecarregando suas atividades e responsabilidades naturais, ao invés de terem um instrumento que os auxiliasse em suas demandas como facilitadores.

Este foi inclusive um dos motivos pelos quais o referido projeto rompeu sua continuidade, visto que nem todos os professores tiveram o tempo, os meios, o conhecimento, a vontade ou a dedicação de quem aderiu à causa.

Há que se ressaltar que o sucesso, o percurso e as pessoas que foram beneficiadas deste projeto se deveram ao amor dos docentes pela sua profissão e dos responsáveis pelas rádios que se aproximaram e procuraram uma mudança, pois foram elas as que realmente entraram na atividade e não as autoridades como tais.

Estas falhas demonstram como esta iniciativa se veja mais como uma ação de um país subdesenvolvido, pois, embora este projeto e esta ferramenta tenham um grande potencial, esta iniciativa, por sua vez, tem um sabor agri-doce de falsa generosidade, como um ato que dá satisfação e presta contas à sociedade ao dizer que há algo que atende à universalização da educação estabelecida pela Constituição.

Outro ponto que considero importante repensar é a forma de querer manter e preservar a língua indígena predominante no Estado de Sinaloa, o yoreme.

Entendemos que embora existam várias línguas indígenas em Sinaloa, o yoreme é aquela que tem maior importância, por ser a língua que predomina e pertence à região, sendo as demais línguas indígenas encontradas o resultado das comunidades de outras regiões que acabaram se estabelecendo no Estado.

Também é importante destacar que as escolas de educação indígena atualmente consideram que a educação dentro dessas comunidades deveria ser em espanhol, já que grande parte destes núcleos populacionais falam esta língua, principalmente as novas gerações, visto que a língua indígena está em declínio.

Por isso, optam por colocar apenas informações gerais, como frases para reconhecer saudações, despedidas, ocupações ou números em yoreme, mas sem entrar na língua como tal, devido à sua complexidade.

Considero que esta postura, ao mesmo tempo em que busca atender aos interesses mais imediatos daquela comunidade, arrisca-se a cair numa zona de conforto no que se refere à execução e elaboração de conteúdo, deixando de vislumbrar consequências muito mais sérias, como a não-preservação e, eventualmente, a extinção daquela língua indígena e de todo o capital linguístico e cultural que representa uma língua viva.

Além disso, vale questionar se, com esta conduta, não estamos parando de desafiar ao aluno e subestimando a capacidade cognitiva que uma criança tem para aprender múltiplas línguas e novas lucubrações.

Considero que, assim como a educação básica proporciona o estudo da língua inglês, seria interessante propor aulas exclusivas de yoreme através do rádio, a fim de aproveitar seu potencial e consumo dentro desses núcleos populacionais, e desta forma, poder manter esta língua indígena viva.

Por fim, acredito que a pandemia da Covid-19, ao agravar as deficiências do país, abre, ao mesmo tempo, as portas para novas oportunidades de fortalecer e enfrentar os desafios sistêmicos que se exigem na aplicação deste tipo de estratégias e alternativas de educação e no fortalecimento das relações sociais por meio da solidariedade e cuidado do outro, bem como de si, a reconstrução das identidades e do sentido de cidadania.

Pois bem, neste cenário, e aguardando as eventuais futuras etapas da pandemia, novas variantes e as próximas crises ou as que continuamos a enfrentar todos os dias, é importante repensar a educação e ter à mão alternativas como as que afloraram durante o período pandêmico, tais como o ensino à distância e o uso das rádios como ferramenta de ensino.

Mas, acima de tudo, alternativas que priorizem a preparação dos alunos, a compreensão da realidade, a convivência e a ação em tempos incertos e que, ao mesmo tempo, possam favorecer a transformação do mundo através da empatia, do respeito e da

solidariedade que promovem as ações coletivas e de inclusão, sobretudo nas populações mais desfavorecidas.

ANEXOS

ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Nome do entrevistado: Martín Valenzuela Bacasegua

Cargo: Responsável do Departamento de Educação Indígena

Data: 19 de agosto de 2021

Modalidade da entrevista: WhatsApp

Local e horário: Culiacán, Sinaloa, México, 9:55h

Número da entrevista: 01

- Hola profesor Valenzuela, buenas tardes, un gusto saludarle, mi nombre es Lorena Ceniceros, la Lic. María del Rosario Rochín, me compartió su contacto para ver el si usted podría apoyarme con información referente a las Comunidades Indígenas y las estrategias remotas implementadas durante este periodo de pandemia en el sector educativo, específicamente en el estado de Sinaloa, esto para un trabajo de investigación que estoy elaborando.

- Buenas tardes, claro que sí. Si gusta puede dejarme las preguntas que yo le respondo en mis oportunidades.

- Gracias profesor, como acordado, coloco las preguntas a continuación en la espera de su valiosa respuesta. Que tenga buen día y le agradezco su atención.

1. ¿Cuáles son los proyectos o programas implementados por el gobierno en el tema educación para las comunidades indígenas de Sinaloa a través de la radio?
2. ¿Quién coordina y en qué consisten estos programas?
3. ¿Cómo son producidos los contenidos y por quienes son producidos?
4. ¿Cuáles son las emisoras que proporcionan estos programas, en qué consiste, cuál es su programación?
5. ¿En qué idiomas y cuáles son las comunidades indígenas las contempladas para este o estos proyectos?
6. En caso de que no todas las comunidades sinaloenses o que no todas las lenguas sean abarcadas por estos programas alternativos: Cómo se realiza la selección de comunidades o de estas lenguas para ser las beneficiadas con estas alternativas
7. ¿Hay alguna medición de consumo de estos programas? De ser sí, ¿cuáles serían esos datos?

- Buenas tardes, el magisterio de educación Indígena está utilizando los programas televisivos de Aprende en Casa, Ficheros que han sido elaborados por el personal de la coordinación

académica estatal de SEPyC y otros por un colegiado de docentes indígenas, también se están utilizando unos cuadernillos de actividades que fueron elaborados por la coordinación académica de SEPyC que entregan los docentes a sus alumnos un día a la semana.

Algunas escuelas trabajan de manera voluntaria en la modalidad de Centros Comunitarios de Aprendizaje, que es atender a los alumnos de manera presencial y a distancia a los alumnos de manera escalonada y con la aplicación de los protocolos, esta opción la implementó la SEPyC estatal.

Educación Indígena del estado de Sinaloa no cuenta con una programación televisiva, ni con alguna programación de radio que sea propia.

- Profesor, ¿quién financia estas iniciativas?
- No tengo el dato de quién lo está financiando, si es el gobierno del estado o es el federal.
- Muchas gracias por su colaboración profesor.

Nome do entrevistado: Carlos Carlos Parra

Cargo: Coordenador Acadêmico da Subsecretaria de Educação Básica da SEPyC

Data: 30 de setembro de 2021

Modalidade da entrevista: Presencial

Local e horário: Instalações da SEPyC, Culiacán, Sinaloa, México, 10h

Número da entrevista: 02

- Hola, buenos días maestro, Lorena Cenicerros, mucho gusto.

- Buenos días Lorena, bienvenida.

- Primero le quería agradecer por su tiempo y por darme la oportunidad y poder hablarle un poco sobre mi proyecto y mis inquietudes.

Le cuento, estoy realizando una investigación en el área de comunicación en donde hablamos sobre la radio como recurso para las comunidades indígenas en el Estado de Sinaloa durante este periodo de pandemia dentro del enfoque educativo.

Me gustaría, por lo tanto, conocer sobre el programa que se está aplicando aquí en nuestro Estado a través de la radio, tanto sobre sus antecedentes como durante este periodo en específico y lo que me quiera compartir.

- Muy bien. Bueno, para nosotros, como Secretaría de Educación Pública, el inicio de la pandemia fue inicio de cómo llevar a los hogares de los niños la educación, porque fue algo que se basaba en una directriz nacional y que en un principio, nosotros, digamos que, eh, teníamos la expectativa de que todo iba a estar bien, que quizás esto iba a ser muy breve igual como fue el AH1N1, que en realidad no iba a impactar tanto como vivimos ahora, pero, poco a poco nos fuimos dando cuenta que necesitábamos como Secretaría, como básica más que nada otra alternativa al entendernos de todos los niveles que están aquí a un costado que es desde preescolar inicial, secundarias y primarias, tanto federales como estatales.

Entonces en un primer momento, sí estuvo muy bien el hecho que los padres de familia tuvieran cierto contacto con los niños o bien, con los docentes, pero poco a poco empezamos a darnos cuenta que la situación no era para mucho y curiosamente, recuerdo que, en aquel tiempo, le decía a mi jefe, que es el Ing. César Quevedo Inzunza, “bueno, vamos a esperarnos a ver que trae CONAFE”, porque CONAFE traía unas guías que supuestamente estaban adaptadas a la distancia, sin embargo, cuando nosotros nos damos cuenta de esos cuadernillos que supuestamente contenían trabajos extra escolar, pues oh sorpresa, las guías de CONAFE no eran más que una simple infografía de la programación de la parrilla de *Aprende en Casa* nacional, entonces decíamos, “¿esto de que nos sirve?” ¿estos recursos cómo van a funcionar en el medio rural?

Esa fue la primera disyuntiva que nosotros nos enfrentamos como básica y tuvimos la necesidad de jalar a los equipos académicos, los técnicos que están en las mesas académicas para que diseñaran cuadernillos especiales a distancia, ¿por qué? Porque nos dimos cuenta, uno, que, para México, para el Gobierno Federal, para el presidente y la República actual, era muy rimbombante decir que la televisión iba a ser la salvación en pandemia ¿no? Y pues, oh sorpresa, o sea, la televisión no está en todas partes, entonces no llega a todas partes, primero que nada.

Otra, supuestamente sí había una radio educativa, pero tenía muy corto alcance en las áreas metropolitanas muy cercanas al centro del país, hasta acá no llega la señal radiofónica, o sea, no había ese como puente para poder trabajar los contenidos en este caso académicos por radio, sin embargo, como te menciono, para nosotros sí, sí es cierto, en su primer momento funcionó la televisión, créeme, o sea, el docente de básica que estaba obviamente en las zonas conurbadas, las zonas urbanas, pues si, checaba la parrilla, checaba el aprendizaje, le decían a la mamá “ponga al niño a ver la televisión”, “haga tal página” y así fueron trabajando los primeros meses de pandemia.

Sin embargo, teníamos un área de oportunidad muy grande que era la sierra; la Sierra de Badiraguato, la Sierra de San Ignacio, la Sierra de Choix, la Sierra del Fuerte, que eran lugares donde no llegaba la señal, donde no había televisión, ¿Quiénes podían hacerlo? Obviamente los hijos de familia que tenían un nivel adquisitivo un poquito más amplio, en aquellos casos, aquellos niños que tenían, por ejemplo, antena de Sky.

Que hay un canal de televisión educativa, de hecho, los maestros rurales de telesecundaria tuvieron muchos que migrar al Sky, ¿por qué? Porque la televisión también educativa ya no existe como tal en el organigrama de la Secretaría de Educación Pública nacional, entonces por ahí quedó un anexo de lo que antes era televisión educativa ¿no? De lo que antes llevaba la *Red Edusat* en todas las comunidades, entonces ahorita, tu observas telesecundaria y las antenas, pero son antenas viejas que ya no funcionan y que ya no hay una dependencia de mantenimiento, que antes había técnicos aquí por ejemplo en el área de Tecnología Educativa en una unidad que subían a las comunidades a arreglar el codificador, la antena, o sea, en realidad se dedicaban realmente a darle continuidad a ese proceso que viene siendo específicamente la Tecnología Educativa ¿no? La Televisión Educativa.

Yo te puedo decir que yo soy asesor técnico pedagógico de telesecundarias, conozco el corazón de esos programas, desde la génesis, para nosotros la pandemia y creo que para el nivel de los más beneficiados, fue realmente telesecundarias porque en realidad la pandemia vino a hacer a todas las escuelas telesecundarias, porque todos tenían que ver la televisión, porque todos tenían que checar el libro, porque todos tenían que hacer trabajos extra curriculares o extra clases que el maestro les estaba dando a los niños.

Pero me remonto a esa situación, entonces, habría la necesidad de hacer cuadernillos porque CONAFE no nos dio, o sea, en realidad, decíamos nosotros, “bueno, vamos viendo si lo que trae CONAFE es bueno”, porque traía para preescolar, primaria y secundaria, pero ya revisamos y dijimos “no, pues esto es simplemente como la guía del Sky” donde venía la programación y qué va a salir en cada horario, eso no funciona, esto es obsoleto para nosotros, entonces sí hubo una necesidad de, como te digo, jalar a los equipos... hay grandes trabajos, trabajos que aparte, después ya cuando empezamos a trabajar lo que viene siendo el diseño de los cuadernillos, que los maestros empezaron a llevarlos a los camiones, a las comunidades, hubo maestros que hasta a sus casas, más que nada, por ejemplo, en el área de Cosalá, maestros que iban a sus casas a entregar el cuadernillo a los padres de familia, y en ese sentido estuvimos trabajando un buen tiempo y este, después, eh... para nosotros trabajar el tercer piso, este tercer piso tiene mucho que ver, tuvo mucho que ver en pandemia, por que hicimos alianza con Tecnología Educativa que está a lado e inmediatamente empezamos a planear lo que íbamos a hacer.

Primero, había necesidad de hacer radio, ¿por qué? Porque los indígenas, la parte indígena en algún momento que se acerca el secretario a Mochis, a Ahome, se mencionó “oye, pues es que los indígenas están ocupando radio, o sea, aprenden por radio, hay radio hasta allá, alcanza, no hay tele pues.

- ¿Él fue el de la idea?

- Sí, la verdad que sí, a mí me llegan, de repente son sumas de ideas, aquí es una mesa de análisis y de repente empezamos a pensar “bueno, ¿qué hay? ¿qué podemos hacer? Y tenemos, gracias a Dios, más de un año yendo por encima de otros Estados, incluido la directriz Nacional, y te comento porqué, si nosotros nos sentamos a esperar que México nos resuelva, que me dé una línea de trabajo, pues difícilmente ¿no? Di-fí-cil-men-te, entonces, en ningún momento, por ejemplo, tú podrás ver, sí hay parrillas educativas, hay parrillas de contenido, Aprende en Casa, la de la Red Edusat ya a televisión abierta, que antes era una televisión de paga, porque existe y siempre ha existido el Sky.

Entonces, para nosotros fue qué hacemos desde Tecnología Educativa, primero, para poder capacitar a los docentes en temas de plataforma y, dos, generar una plataforma soporte, porque se estaban diseñando muchos materiales, pero no había forma de que tuvieran un nicho, un espacio, y decir “ay, es nuestro espacio como Subsecretaría Básica y cada nivel educativo tiene un nicho, cada nivel educativo tiene su página de internet, cada nivel educativo tiene sus contenidos” ¿sí? Porque aquí no solo era diseño de materiales, como te menciono, de secundarias, como de primarias, como de preescolar, y se suma inicial ya como un modelo educativo, sino también venían unas revistas culturales y de artes, se diseñaron mucho lo que fueron las pausas activas, que fueron muy importante para nosotros, tanto para

el esquema de radio como para el esquema de televisión, por ahí escuchabas el caso de que Romel Pacheco hacía unas activaciones físicas y ahora que estuvo en las olimpiadas, “ah mira mamá, mi maestro de educación física” dijo una niña”.

- Sí (risas).

- Era su maestro de tele pues, porque era una activación física, entonces, nosotros activaciones físicas, tuvimos que también, tropicalizarlas a nuestra entidad educativa, a Sinaloa. Entonces, aquí en el segundo piso te puedes encontrar, todo el segundo piso de la parte baja, tenemos Educación Física y tenemos Artística, entonces, ellos también se suman al proyecto, pero acá abajo, la Subsecretaría a un costado, encuentras Educación Especial, entonces no era solamente los materiales normales o los materiales propios para el grado escolar sino eran materiales especiales para niños con adaptaciones muy particulares en los espacios, en las escuelas, en las aulas regulares. Entonces empezamos a trabajar.

De repente nos llega mucho, y no solo es una iniciativa, sí es una iniciativa de la Secretaría de la SEPyc pero también hay muchos docentes muy creativos, de repente llegaba un docente “oye, ¿sabes qué? Diseñé este material, necesitamos sacarle copias, apóyeme con el tema de la impresión, del engargolado, tenemos que entregarlo a los niños que tienen muchas necesidades en los campos agrícolas”, hacemos las gestiones, entonces, empezamos a trabajar, uno, con los docentes y otro con la parte tecnológica, porque teníamos también como te digo, tener un espacio para poder colgar todos los contenidos.

- ¿Y quién coordina todo eso? ¿Quién está arriba en la jerarquía? Porque ya me dijo que es como una mesa de debates y que todos ponen su granito de arena, pero necesita haber un responsable.

- Claro que sí, el jefe de la SEPyc es el Dr. Juan Alfonso Mejía López. Él ha sido muy creativo, de hecho, al ser el secretario más joven que ha llegado al Estado de Sinaloa, mucho muy inquieto, mucho muy de piso, mucho muy de las escuelas, eso te permite, porque, imagínate, yo aquí estoy ¿no? De repente no te puedes mover a ninguna parte, ¿por qué? Porque tienes que estar, recibo cosas del Nacional, de repente recibo cosas de aquí del Estado y tienes que coordinar, yo tengo que jalar a toda mi gente, “órale, vamos a trabajar este punto”, “vamos a desarrollar este tema” o “vamos a ver esto”.

Te digo, aquí la coordinación académica soy un servidor, de básica, de toda la básica, mi jefa es la Subsecretaría Julieta Hernández Barraza y el secretario Juan Alfonso Mejía, pero digamos que la línea de trabajo la traería el Dr. Juan Alfonso.

- Muy bien.

- Nosotros sumamos, y están los creativos, yo le llamo creativos a la parte de Tecnología Educativa porque al final de cuentas yo puedo tener la idea, pero ellos me desarrollan toda la parte tecnológica y hemos trabajado y hecho muy buena mancuerna. Aquí a un costado, se encuentra el Lic. Daniel Calderón Orduño, que es el Director de Tecnología Educativa y su equipo, entonces, poco a poco, tuvimos que expandirnos incluso, porque tenía un cubículo muy chiquito él, logramos desplazarlos a otro para que dividiera su parte, la parte pedagógica y la parte de diseño.

De hecho, pensamos hacer una cabina de radio, pensamos hacer una cabina también para hacer podcasts y es cosa que ha salido de aquí ¿no? Precisamente de la necesidad de irnos adaptarnos, pero te menciono, así hemos trabajado.

Ahora, ¿cómo llegamos a radio? Fue así, o sea, a radio llegamos en un momento determinado que me dijeron “¿sabes qué? Ocupamos radio, necesitamos programar a todos los académicos” y empezamos con un guion, o sea, con un guion, cortinillas, nos sentamos prácticamente primero para planear los horarios, para planear los contenidos, la duración de los contenidos y de los guiones pues obviamente con las radios que participaban.

En este caso, la radio que se sumó de origen fue la Radio UAIM, de indígenas, de la Universidad Indígena de México que está en Ahome, de ahí se suma también, lo que viene siendo la Radio UAdeO de la Universidad Autónoma de Occidente, se suma después Radio Sinaloa, se suma también Radio UPES y finalmente se suma la plataforma que prácticamente se quedó con el tema educativo que es Inapo Yoreme, y que son las personas que me gustaría que conocieras.

Porque al final de cuentas esta chica te podría ayudar bastante, es una chava con mucho compromiso hacia los grupos indígenas y su plataforma digital es muy bonita y sobre todo con un toque totalmente hacia al resguardo de la cultura.

- Esas radios todavía continúan estando activas al proyecto?

- Desafortunadamente, hubo una veda electoral recientemente, que tuvo que ver con la Consulta Popular, entonces, al principio, les llegó a todas las radios un edicto donde ya no podían transmitir los contenidos educativos.

- Entonces, ahí, después de esa cuestión política, se quedan solamente...

- Se queda finalmente Radio Sinaloa, que fue la que tocó las puertas y se queda solamente la plataforma Inapo Yoreme.

- Nada más?

- Nada más, UAIM se baja.

- ¿Y cómo ustedes seleccionan las radios?, ¿cómo son los convenios?, ¿cómo deciden en qué Estados y en cuáles localidades o qué comunidades abrazar por medio de este programa?

- En realidad tiene que ver mucho con el apoyo... con radio no fue lo que vivimos con televisión pues, por ejemplo, televisión si tuvimos la necesidad de tocar puertas en Televisoras Grupo Pacífico ¿Por qué? Porque en los horarios de televisión nacional hay un desfase de una hora, entonces, habían colocado preescolar en las primeras horas y no daba para el niño, entonces, pegaron de gritos obviamente el nivel de preescolar, el nivel de inicial, entonces nosotros tuvimos que, más bien, con la anuencia del secretario, me imagino que tocó puertas con el Gobernador, se hizo una mesa de diálogo, nos permitieron retransmitir la señal, la programación de Once Tv en este caso a televisión local y en un horario diferente.

Entonces ya pudieron los niños a las 10 de la mañana ver su programación, a las 9 y 10 de la mañana. Eso, por una parte. Pero radio no, radio fue diferente, ¿por qué? Primero tuvimos contacto con una persona, después esa persona invitó a otras, pero en realidad quién levanta la mano fue Radio UAIM, ¿sí? Rapidito levanto la UPES también y Radio Sinaloa y Radio UadeO, o sea, realmente no fue un convenio que hayamos firmado, sino fue precisamente sumarse y solidarizarse por el tema de pandemia ¿no? Y fue así como “ah, vamos a entrar, es un proyecto padre” o “vamos a dejar una hora o dos horas” en algunos casos, en la programación para meter educación.

- Y por qué los programas se dirigen en español, siendo que, en Sinaloa, tenemos más de 30 lenguas indígenas si no equivoco, o 42 según el último dato, y solamente la lengua mayoreme es contemplada ¿y las demás?

Otra de las cosas que también me gustaría saber, y no sé si usted me podría responder, es que la radio indígena está disponible a través de la plataforma de YouTube, ¿no?, pero a través de las ondas de radio, ¿cuentan con frecuencia?

- La única que tiene frecuencia de radio es la Radio UAIM, ellos tienen frecuencia modulada. Inapo Yoreme no tiene frecuencia, es una plataforma digital, como lo que pretendemos hacer nosotros acá, una cabina de transmisión, vamos viendo si necesitamos una antena, en realidad, queremos migrar este tipo de situaciones, nomás porque lo de ahorita, lo de hoy, lo de hoy, es el podcast, ¿no? Queremos entrarle al podcast educativo, también radio, radio pues obviamente es hacia allá a las partes altas de la Sierras donde no llega la frecuencia.

- Sí, porque hay unas localidades donde realmente no hay conexión, ni hay posibilidad de internet, no hay posibilidad de televisión, no hay posibilidad de nada más que de radio.

- Así es, es correcto.

- Pero, ya vi que aquí la radio se maneja a mano solidaria y apoyo al proyecto.

- Sí, sí, solitos llegaron, nosotros no tocamos puerta. O sea, fue un “ah, mira están haciendo y nosotros también queremos sumar”, pero si tocamos puertas solamente con tres que nos reunimos de manera virtual, ya checamos los tiempos, ya pusimos... ya tengo un enlace para radio, que es Yenilí Ortiz y aquí enseguida hay otro enlace que es Roxana Frías, una se encarga de la cartelera, de la parrilla y la otra se encarga de la difusión tipo flyer, donde diariamente están los temas y los expositores de las clases.

- ¿Esa educación va desde el preescolar hasta el nivel universitario en las comunidades a través de radio?

- Inapo, sí. No conozco mucho la UAIM, pero si he escuchado la frecuencia por internet, de hecho, me gusta mucho la música que ponen en la noche, se me hace muy bonita la música de viento, música de tambora, lo sintonizo a veces... yo creo que la Universidad Autónoma Indígena de México, la UAIM, precisamente la extensión que tiene ahí, específicamente en El Fuerte y Ahome, mucho tiene que ver con la programación de radio, pero me imagino que tiene que ver que va más relacionada a su universidad formativa.

Pero te digo, esa es la parte de UAIM, ¿no? La parte Inapo nos está apoyando con la transmisión, tanto de contenidos de secundaria como de primaria.

- ¿Esos contenidos salen de aquí? ¿Se centraliza aquí en la SEP y ya se entrelaza a través de las emisoras de radio?

- Sí, sí, es correcto. Porque mira, como te digo, fue importante para nosotros, uno, digamos que los contenidos son nuestros, o sea, es de básica, ¿sí?, al tener yo mi enlace que es Yenilí Ortiz, ella todos los niveles le reportaban a ella contenidos, teníamos hasta ocho contenidos de cada nivel y ella armaba la parrilla, entonces ella decía los contenidos, sumaba los tiempos, hacía los cortes, entonces, inmediatamente al ella decir “ya tengo la parrilla”, llenaba su Excel y se lo enviaba a Roxana y Roxana ya sacaba la difusión, entonces ya se comunicaba a través de la red tanto la parrilla que era muy importante porque al final de cuentas, el maestro planea en virtud de los aprendizajes y de los propósitos, entonces, a partir de ahí, en la parrilla venía el contenido, el tema que se iba a ver en la radio más el aprendizaje, entonces ya decía el maestro en su planeación “hay que ver tal programa, en tal hora” y también retroalimentaba la clase o les daba otras actividades, entonces, iba en dos sentidos, uno, la parte de difusión y la parte de programación, entonces las dos juntas se llevaban a los niveles y de repente por allá los maestros, los directores, los supervisores, hacían la difusión de su gente, ¿por qué? Porque no fue solamente gente de aquí, personal, digamos maestros muy profesionales que

tenemos en los departamentos, si no que eran docentes, de aula quienes hacían muchos de los programas y supervisores, aparte de que hay gente que le fascinó y sigue haciéndolo, eh, y lo hace con mucho amor y mucho cariño.

- Tienen vocación

- No, es que aparte te voy a decir algo, o sea, surgen nuevas vocaciones, porque estás acostumbrado al pintarrón y realmente a hacer lo mismo como docente, ya la pandemia te tuvo que jalar a plataformas digitales, te tuvo que jalar a diseño e inclusive te tuvo que jalar a ser un youtuber porque algunos se tuvieron que grabar para poder dar la clase y mandarla ¿sí? Y realmente hay muy bueno *edutubers*, que son de educación ¿no? Tenemos muy buenos. Entonces te digo, realmente potencializó al profesional en muchos sentidos.

- Y, ¿miden ustedes eso? ¿Saben si la opción de radio ha sido escuchada o si ha hecho efecto? ¿Tienen alguna métrica para saber eso?

- Sí, yo no la tengo, pero si la tiene Tecnología Educativa, porque Tecnología Educativa fue el puente que tuvimos por radio, nosotros hacia allá y ellos hacia radio, pero sí, yo recuerdo haber escuchado a Daniel que, decía algo así sobre rating y cosas de esas.

Realmente radio, voy a ser franco contigo, si se aprovechó en la parte norte, toda la parte serrana y se aprovechó, no te voy a decir en gran medida, aquí en las ciudades, porque si había maestros, por ejemplo, que si les gustó el proyecto y las escuelas obviamente donde participaban sus maestros también se aprovechó, o sea, se solidarizaban con el maestro y trabajaban también sus audios

- Claro, hay otra pregunta que acaba de nacerme ahora, el uso de la plataforma, el podcast, la televisión o la radio, ¿es a visión del docente, del que está frente al aula? O sea, ustedes les ofrecen los materiales, tenemos impreso, tenemos radio, tenemos televisión, tenemos esto, pero, ¿el docente es quien decide la forma de trabajar al final de cuentas?

- Es correcto, de hecho, fue el éxito que tuvimos, en realidad, la autonomía del docente, pero tampoco podíamos quedarnos con brazos cruzados, ¿no? Porque lo fácil, fácil, para cualquier estado es “ah, ahí tienes la parrilla, agárrate con ella”.

- ¿Y al docente le piden una medición? Por ejemplo, yo como docente tengo, no sé, 100 estudiantes, y ustedes como Secretaría no me exigen, de que, sí mira, está bien, pandemia, tengo tales y tantos materiales, pero del 100% yo quiero que el 90%, por lo menos, por decir algo, continúe estudiando? Porque ahorita en la pandemia, hay muchos que abandonaron los estudios, por qué no tienen acceso a internet, no tienen televisión, no tienen recursos, no tienen nada, y es donde podría entrar la radio, entonces, si el docente decide los medios,

¿existe esa visión del docente de decir, “bueno, mi comunidad, la población en dónde me encuentro no me permite utilizar tal herramienta”, y entonces se adapta a las necesidades reales de cada comunidad?

- No, no existe, mira, para nosotros fue un tema muy delicado el tema de rezago educativo, el tema de evaluar por evaluar nada más, ha sido un tema muy delicado, un tema que ha digamos separado opiniones, tanto en los docentes como en los padres de familia, primero te puedo decir, que como Estado y como Secretaría, hemos estado siempre al pendiente de poder generar estrategias que nos permitan reencauzar esas almas perdidas digamos ¿no?

De cierta medida, porque te puedo decir que desde al año pasado que empezamos incluso a trabajar con lo que son las comunidades de aprendizaje, los centros comunitarios de aprendizaje, que fueron las que se sumaron obviamente indígenas, telesecundarias, primarias altas, rurales, ahora obviamente ya no es ese año y estamos trabajando un esquema híbrido, cuando arrancamos las primeras semanas acá arriba, la organización de ciclo escolar, decía el secretario “bueno, pues ahora si pues ya anunció el presidente de la República un regreso”, un regreso que para nosotros era rojo, para la Ciudad de México estuvo temporalmente en verde, y que rapidito se fue nuevamente a rojo, pero para nosotros era, yo le decía a él, “bueno, el regreso, va a ser el esquema de Centros Comunitarios de Aprendizaje, y es más, las escuelas que van a regresar primero son las escuelas que ya teníamos funcionando antes del cierre, que eran las que levantaron la mano”, pero sí, fueron escuelas, donde precisamente por la necesidad de que no se estaban conectando, de que no había posibilidades y que en realidad, no había otra salida más que ir por ellos, abrir los centros escolares y que enviaran a sus niños, se hizo y logramos rescatar alrededor de 9 mil alumnos que estaban fuera del radar, ya estaban perdidos, entonces, ahorita seguimos con esa lucha, si nos sumamos en cierta medida a la directriz nacional

¿Por qué? Porque una directriz local pues la tumba una nacional, nosotros podríamos decir “ah, van a reprobar a los niños que no trajeron trabajos” o “denle tal porcentaje de posibilidad”, pudimos haberlo hecho, sin embargo, en realidad cuando tienes una directriz nacional pues tumbas cualquier iniciativa local, entonces, seguimos recibiendo niños hasta el día de hoy, obviamente estamos en un periodo que es de reforzamiento, son tres meses, y es lo que yo te comento, que hemos ido a la vanguardia.

Yo tengo amigos en Jalisco, tengo amigos en Puebla y de repente me dice “hey, ¿qué estás haciendo tu allá?” “bueno, pues tenemos este plan, ¿y ustedes cómo van?” y nos hemos encontrado que no todos los Estados giran a la misma velocidad.

Cuando hablaban de tres meses de regularización y o tres meses de nivelación académica, era “bueno, ¿y qué vamos a hacer?” y ahorita te puedo mencionar que estamos haciendo

cosas maravillosas y no solamente para nosotros sino para indígenas también y así hemos estado trabajando en este tiempo.

Rápidamente, antes de irnos a verano, llamamos a los niveles, les dije con todo respeto “ya no quiero más radio” ¿por qué? Porque radio ya tenemos todo un año, los mismos contenidos, la misma programación se pueden volver a repetir, necesitamos materiales que permita al alumno reforzar lo que no vio, que al mismo tiempo esté cursando el ciclo escolar, las primeras dos horas de clases, esté viviendo las temáticas más elementales del anterior y las esté repasando.

Entonces estamos trabajando ese tema para reforzar los aprendizajes, entonces, están haciendo cuadernillos muy especiales y es por mes, ya culminamos lo que viene siendo el mes de septiembre, ahorita están en diseño los que van para octubre, pero te digo, nosotros también nos metimos a la parte indígena, sin embargo, no en la lengua, porque es un tema también fuerte, por ejemplo, para nosotros hacer radio, fue la parte que nos tocó y nos pegó, ¿nos pegó en qué sentido? Que si algunos contenidos de radio se hablaban en lengua materna, sin embargo, como que la cultura instaurada en el maestro rural, de educación indígena, está en toda la clase... es como el spanglish pues, entonces, es español y lengua materna, o sea, no puede ser todo al 100% lengua materna, nunca hubo una clase como tal, sin embargo, si se metieron a trabajar en ese sentido, bastante, y después en este caso, educación física... las activaciones físicas que primero las hacían de manera audiovisual en algunos videos pero también se metieron a radio con pequeñas activaciones de 5 minutos, y algunos docentes indígenas de educación físicas, también tenemos algunos audios que son de esa mistura de lengua materna con español pero en realidad te puedo decir que la plataforma que suma más mucho más a la lengua y suma mucho más a las raíces es Inapo.

- Entonces, entiendo que ahora, como ya está un poquito más libre, consideran los cuadernillos y deciden desistir por la radio y que no iba a funcionar más. ¿Quién financia entonces todo esto, es aquí, financiado por la SEP y C?

- Es que hemos hecho muchas cosas con poquito dinero, no es tanto un tema de que nosotros tengamos que hacerlo, por ejemplo, se tuvo que adquirir un servidor para básica, que antes dependíamos de sistemas que es el macro servidor, pero ya con el sistema de servidor de básicas, ya no te podemos, “ah bueno aquí vamos a generar contenidos, vamos a generar un micrositio y ya estamos pensando cómo te digo, en hacer una plataforma digital, generar un espacio para hacer grabaciones y ya traemos otras ideas, estamos en proceso de transición, ya no hay recursos, de hecho, si te has dado cuenta, yo estoy en un tema de reportar los logros al gobierno que viene, a la nueva estructura, sin embargo, también tengo que reportar los temas pendientes que se quedan al aire, tenemos miedo, gran temor de todos, no tanto de irte, yo por ejemplo, sé que me voy a ir, sé que me tengo que regresar a mi espacio, yo soy asesor

técnico pedagógico en Mocorito, pero el gran temor es que muchas cosas que se estaban haciendo dejen de ser y que llegue gente que en realidad no tenga como dirección o brújula

- Cambian los intereses anteriores y colocan otros propios

- Sí, es que, en realidad, esto pinta para muchas cosas, el hecho de que te menciono que vamos un paso adelante, un paso adelante y un paso adelante, ya está reconocido, el Estado de Sinaloa junto con Tlaxcala y Jalisco.

Yo tengo un hermano muy grande en Jalisco y hemos estado hasta robándonos ideas y de repente le dije “hey, ¿cómo estás?, ¿cómo vas con el tema?” porque están totalmente descuadrados, si tú te guiaras en el nacional, estamos perdidos, por ejemplo, ahorita estamos en monitoreo nacional, estamos por migrar un monitoreo local, las escuelas están reportando todas las incidencias al nacional y el nacional nos envía cada jueves un informe global de cómo va el Estado.

Sin embargo para nosotros, ese monitoreo, a mí no me interesa saber el jueves cuántos niños infectados hay, me interesa saberlo diariamente para poder darle seguridad de vincularlo con alguna jurisdicción de salud, entonces no nos sirve pues, y yo le decía al de Jalisco, “hey como vas”, “apenas estamos diseñando”, nosotros ahorita también estamos diseñando una plataforma local porque queremos migrar el tema nosotros, y de repente nos dice “hey, sacaron cuadernillos”, ahí te van, obviamente ellos sacan los suyos, ellos tienen otra idea, otra situación, pero sí te comento que hemos tenido que meterle mucho coco al tema.

- Todo lo bueno tiene que ser copiado.

- Sí, hay cosas muy buenas que estaban haciendo, de hecho, ellos al primer momento tienen una plataforma que se llama Recrea, la nuestra se llama Todo a mi Escuela, entonces, con contenidos casi similares, ellos trabajaron lo que fue la ficha de aprendizaje, nosotros trabajamos el guion de radio, entonces hemos estado trabajando similar, pero en diferente sentido.

- ¿Maestro, existe una diferencia entre los contenidos que se dan a las comunidades indígenas a los contenidos que se dan aquí en la ciudad o es exactamente el mismo?

- Es exactamente el mismo, son los mismos libros, las mismas directrices, sin embargo, implica mucho el docente, implica mucho la lengua, implica mucho la tradición y realmente la adaptación que le puede hacer el docente a sus clases.

- Ok, creo que ya me quedó mucho más claro y ya nada más para concluir, existía anteriormente un programa similar que pusiera a disposición el material educativo a las comunidades o no había nada y fue a raíz de la pandemia que abrieron los ojos y dijeron: ¿tenemos que hacer algo?

- No había nada, todo fue a raíz de la pandemia.

- Muy bien Maestro Carlos, entonces, le agradezco el tiempo que se tomó para poder realizarle esta entrevista y colaborar con esta investigación tan valiosa, hasta pronto.

Nome do entrevistado: Rosario Eliud Velázquez Barba

Cargo: Responsável da estação de Radio UAIM

Data: 06 de outubro de 2021

Modalidade da entrevista: Videoconferência

Local e horário: Culiacán, Sinaloa, México, 18h30

Número da entrevista: 03

- Hola, buenas tardes, gracias por aceptar mi invitación a esta entrevista. Estoy realizando una investigación sobre el programa de gobierno de *Sinaloa Aprende en Casa* y en su barra programática, encontramos la radio donde ustedes colaboran como una de las radios que participan dentro de la programación. Entonces primeramente me gustaría su nombre y su cargo y después conocer quién impulsa esta iniciativa y por qué.

- Muy bien, bueno, mi nombre es Rosario Eliud Velázquez Barba, soy trabajador de la Universidad Autónoma Indígena de México en la radio, es una estación de radio que tiene apenas 2 años, 95.7 FM acá en el norte de Sinaloa. Te diré que sería el Director, pero no existe esa figura como tal porque hay una serie de cuestiones legales que se tienen que formalizar todavía, pero en ejecución soy el Director, en teoría soy el, digamos, el encargado de la estación de radio, y bueno pues, yo soy licenciado en Ciencias de la Comunicación, trabajador de radio desde hace más de 23 años, 24 años más o menos, trabajando en medios de comunicación

La estación de radio tiene 2 años y en una ocasión llegó a nosotros a través de la Secretaría de Educación Pública y Cultura, la SEP y C, la iniciativa de poder sumarnos al proyecto de Sinaloa Aprende en Casa, pues como todo es sabido, debido a la pandemia, según esta situación del conflicto de cómo vamos de cierta manera apoyar a los niños de Sinaloa para que no pierdan el ritmo en las escuelas.

Bueno, pues este proyecto viene desde SEP y C, SepyC nos invita a nosotros como estación de radio a participar en el norte. Como estaciones públicas había solamente dos en el norte de Sinaloa, Radio UadeO y Radio UAIM, ya en el centro, Radio Sinaloa.

Más allá de las radios comerciales que no participaron en este proyecto, por ahí una estación en radio que creo que se llamaba... radio yoreme... radio Cahíta... no me acuerdo la verdad...

- Inapo Yoreme, ¿no es?

- ¡Inapo Yoreme! Perdón, sí, este proyecto también se unió obviamente en un formato muy parecido, pero obviamente con distintas entidades o radioescuchas ¿no?, o bien, metas, ¿por qué? Bueno, porque la de Inapo Yoreme es una estación de radio que se da a través en línea

y la de nosotros junto con la de UadeO son estaciones de uso público, trabajamos bajo un permiso de trabajo expedido en este caso por el IFT, Instituto Federal de Telecomunicaciones, en este caso sería un permiso de concesión para laborar o explotar de cierta manera el espacio aéreo que le pertenece al final de cuentas al Gobierno Federal, al Estado, en este caso.

Y bueno pues, este proyecto llegó a nosotros por medio de Daniel Calderón, por medio del Maestro Carlos Parra, obviamente hay alguien más arriba que ellos, que creo que es el subsecretario en ese momento, los que se comunicaron con nosotros para ver si podíamos apoyar difundiendo *Sinaloa Aprende en Casa*.

Nosotros en lo que apoyamos fue en prestar nuestras instalaciones, recibir el material que los maestros, en este caso de lo largo y ancho de Sinaloa creaban y nosotros lo que hacíamos era transmitirlos.

Radio UAIM, fue la estación de radio que transmitió 2 horas consecutivas para primaria, principalmente; y 2 horas consecutivas, me refiero a que en una hora aparecían ciertos grados y en la segunda hora otros grados con distintas temáticas, y bueno, nosotros lo que hicimos fue pues ayudarles en las tres temporadas, vamos a decirlo así, distintas temporadas se dieron, no fueron las mismas la primera, segunda y tercera, la tercera fue la más larga de... creo 76 emisiones más o menos, 75-76 emisiones, y tuvimos que detenernos nosotros al final casi en la última semana, porque eh... el INE, en este caso, el Instituto Nacional Electoral, nos pidió que detuviéramos a través de una Medida Cautelar que ellos tienen como estación de radio pública y que dejáramos de emitir todo lo que fuera *Aprende en Casa*, ya sea Nacional o Estatal para darle paso a una serie de spots del Gobierno Federal.

Entonces, estuvimos en las tres temporadas apoyando con la transmisión de los contenidos que creaban en este caso, los maestros de Sinaloa ¿no?

Entonces ese fue más o menos nuestro andar, así fue, lo que hacíamos nosotros era recepcionar a través de Google Drive, en esta plataforma para poder archivar contenidos, nos ponían más o menos la fecha, el horario en que tendría que salir, en una secuencia del 1 al 8, duraban más o menos cada bloque 12 minutos por los cortes que tenemos que mandar nosotros, hay que recordar que todas las estaciones de uso... que todas las estaciones que tengan una concesión están obligadas a identificarse cada 30 minutos mínimamente ¿no?, entonces teníamos por eso nosotros pedir los espacios de radio de 12 minutos para poder enlazar 12 y 12, 24, y tener la oportunidad de 3 y 3 minutos, de poder meter toda nuestra información, ¿cuál era? Spots de la estación de identificación, nuestra continuidad propia, la continuidad obviamente de información de la estación de radio, de las carreras de la universidad, en fin.

Entonces, los bloques fueron de 12 minutos cada uno y nosotros emitíamos 2 horas continuas, ese fue el apoyo en el cual nosotros tuvimos a lo largo y ancho de... digamos, que, del año pasado, desde mayo más o menos hasta hace poco, este, hasta antes de julio, finales de julio, transmitimos pues, todo lo que fue *Aprende en Casa* en dos horas consecutivas.

- Actualmente todavía transmiten o ya salieron?

- No, ya dejamos de transmitir porque primaria, que era el área que nosotros estábamos colaborando dejó de crear contenidos y solamente, creo, está creando contenidos el área de secundaria, entonces, ¿para quién iba dirigido en el norte? Pues muchos, muchos de los contenidos, incluso, hubo una barra de contenidos que se grabaron de forma bilingüe ¿no? Tanto en yoreme mayo como en español, entonces estaban dirigidos a los niños de esta región, una región muy vulnerable del Estado de Sinaloa, como es Mochicahui que está enclavada a la estación de radio de la universidad, entonces, dejamos de transmitir cuando terminó la última temporada que fue la tercera y ya no se crearon contenidos por lo menos para nosotros que estábamos transmitiendo primaria.

- Okay, entonces aquí nada más así para retomar, el que impulsa esta iniciativa es el Licenciado Carlos Parra en compañía con los de la SEPyC, ¿entendí bien?

- Sí, exactamente, bueno sí, ellos son los contactos, obviamente creo que fue del delegado de SEPyC en este caso, me imagino que viene el proyecto desde el secretario de Educación Pública, el subsecretario de Educación Pública y el secretario en este caso de Primaria, o sea, fue una cadena ¿no?

El contacto con un servidor, como encargado de la estación de radio y a quien cuando se vienen lanzan el proyecto y lo presentan ante la rectoría de la Universidad Autónoma Indígena de México fue Daniel Calderón y el Maestro Carlos Parra, los que hicieron la reunión ya con un servidor y con otras personas del norte de Sinaloa, con Luis Ernesto Reyes que es el Director de UadeO, con la maestra Verónica de Inapo Yoreme y así estuvimos en una serie de reuniones y trabajos por estos medios de internet, unos por medio de WhatsApp, otros por medio de Skype incluso, Google Meet y Zoom.

Rigoberto Ocampo y César Quevedo también fueron las personas que se comunicaron con nosotros, son de SEPyC los dos, Rigoberto Ocampo es el subsecretario de Educación Pública si mal no recuerdo y fue el primer contacto que tuvimos, después con César Quevedo y ya después la reunión con el Maestro Carlos Parra.

- ¿Quién coordina entonces en Radio UAIM los contenidos?

- Ah, bueno, un servidor. Somos una estación muy pequeña, te comento Lorena, una estación muy pequeña que solamente alberga alrededor de 4 trabajadores ahorita, obviamente las condiciones no se han podido dar en cuestiones de ingresar más personal ¿no? Un trabajo de personal más amplio, pero un servidor hace la programación musical y en este caso enlaza los contenidos desde esta plataforma, por ejemplo, yo me conecto desde mi computadora a la estación de radio y manejo la computadora como si estuviera enfrente de la consola y la computadora, entonces, los contenidos los maneja un servidor, obviamente, a mí me daban una programación ¿si me explico?

Es decir, hoy miércoles, 6 de octubre, esta es la programación como va a estar ubicada, ¿qué va a ser? Primero matemáticas, segundo, conocimientos del medio, tercero tal, tal, tal, entonces yo sabía que cada una de ellas iba en una hora y las otras 4 en otra hora, ¿no? Por del 1 al 4 la primera hora y del 5 al 8 la siguiente hora, entonces yo hacía la programación con obviamente una previa que me daban desde SEPyC con Roxana, Yenilí, que eran las que nos mandaban los contenidos, entre ellas dos, con esa programación. Entonces lo que yo hago es programar tanto Sinaloa Aprende en Casa y toda la programación de la estación de radio, la hora nacional, la hora estatal, spots de la universidad, spots del INE, spots de las campañas, que son muy rudas por cierto...

Las estaciones públicas y las estaciones de uso comercial estamos obligados a transmitir una gran cantidad de spots en el día cuando vienen las campañas y te diré que transmitimos 96 spots diarios en 18 horas continuas, desde las 6 de la mañana a las 11 de la noche, entonces, es un servidor el que se encarga de toda esa programación a través del software y a través de pilotos automáticos de las estaciones de radio.

Lo que pasa es que, con la pandemia, nosotros también, Radio Universidad Indígena de México, también prescindió de sus trabajadores porque las cabinas de radio son un foco de infección tremendo, uno le habla al micrófono de cerca, llega otra persona y utiliza el mismo micrófono, si en un lugar abierto con un cubrebocas nos hemos infectado de coronavirus pues una cabina de radio era tremenda ¿no? Entonces por eso se dejó de hacer mucho de los programas en vivo y solo hay programación musical con lo que creaba la SEPyC con Sinaloa Aprende en Casa. Entonces, un servidor se encarga de esa área.

- Okay, entonces la producción proviene de la SEPyC, pero ustedes se encargan de la difusión del material

- Exactamente. Nosotros fuimos emisores, mas no creadores. Fuimos emisores y programadores del contenido, no tuvimos ningún inconveniente en transmitir los contenidos que creó SEPyC a través de sus profesores, porque obviamente sabíamos que venían contenidos de manera oficial ¿no? Dentro de los libros, dentro de la programación de las primarias en este caso, y fuimos emisores solamente.

- ¿Y por qué medios ustedes ponen al acceso este material además de su frecuencia radial?
¿Cuentan con plataformas online?

- Bueno, sí, de hecho, pero es simultánea no es alterna, nosotros tenemos también dentro de la universidad... todas las estaciones de radio a partir de la ley del 2015, estamos obligados a tener en línea las estaciones de radio, no de manera con distintas programaciones, sino simultánea, ¿por qué? Porque es un servicio o una oferta del servicio que damos, porque la Ley así nos obliga, la nueva Ley del 2015, antes llamada “Ley Federal de Radio y Televisión y Cinematografía”, ahora se llama “Ley Federal de Telecomunicaciones y Radiodifusión”, cambiaron el nombre y se cambiaron muchos aspectos, y dentro de este, nosotros, todas las radios de uso público y de radio comercial, estamos obligados a transmitir en línea, pero como te digo, es simultáneo, no son contenidos distintos, o sea, no tenemos un archivo o un fondo, o una fonoteca que esté retransmitiendo esos contenidos otra vez, ¿por qué? porque muchos irían a destiempo, ¿qué pasaría si nosotros pusiéramos, por ejemplo, pues no sé, una transmisión que ya se hizo con SEP y C, y por ejemplo, vienen vacaciones ¿no? o bien, tocaran ciertos temas dónde se desfazarían los contenidos como por ejemplo... muchos profesores, lo que yo me di cuenta, Lorena, es que hacían contenidos con temas de la pandemia, por ejemplo, decían “no pues, acuérdense niños que hay que cuidarse, lavarse las manos” y de repente, yo lo ponga en diciembre el año que entra, por ejemplo, y que ya no hay pandemia ¿no?, entonces estaría desfazado.

No sé si tú te has dado cuenta, que, en distintos medios tradicionales de comunicación como televisión o radio, tienen unos cintillos debajo de “esta programación no concuerda con la fecha estipulada” o tal, y tendríamos que fijarnos en toda la programación y tener que ponerles cintillos a todos los programas ¿no? Y estamos hablando que eran 250, 300 programas, entonces ahí nos hallarían poniéndole a cada uno, por eso no tenemos, o no hicimos una serie de retransmisiones de los contenidos, y quisimos empezar a hacerlos... de pasarlos en la mañana y pasarlos en la tarde ¿sí? Para poder llenar un espacio también de radio viva.

Cuando tú tienes una estación de radio musical plenamente, la gente quiere por lo menos que te digan: “hola, son las 6 con 49 minutos, estás en Radio Universidad Autónoma Indígena de México, estamos en vivo, transmitiendo en vivo” ... aunque nomás diga eso ¿no? Como que necesitas eso, y nosotros decíamos, bueno, si no vamos a estar ahí presentes, podemos retransmitir lo que estamos pasando en la mañana, o sea, pasarlo a la tarde, pero ya no nos dio tiempo, por el operador en el primer término, en el segundo, al final de cuentas rectoría me dijo “yo, ya estamos cumpliendo... pero está bien, vamos a dejarlo” y así fue, por eso no lo retransmitimos.

- De hecho, otra de las preguntas que tengo aquí elaborada para hacerle es ¿por qué el interés de la radio en las comunidades indígenas y cuáles son los temas que se abordaron para ellos sobre todo en este periodo de pandemia? Ya me dijiste un poco que hay una mezcla de información en cuanto a noticia y que en cuanto a educación lo manejaron a partir de la SEPyc... además de eso, ¿cuáles otras temáticas ustedes deciden abordar y poner a disposición para ellos?

- Sí, muy bien, cuando se otorgó el permiso de concesión para Radio Universidad Autónoma Indígena de México, bueno, venía con una condición primordial. La primera, somos una universidad intercultural, la intercultural, bueno, es aquel aspecto que convergemos todos ¿no? No importa nuestro color de piel, nuestra lengua, no importan nuestras ideologías, o sea, al final de cuentas somos iguales en un mundo, donde los indígenas ven que la cosmogonía es que tú y yo, el que está a un lado de ti y a un lado de mí, es igual, ese canal de interculturalidad da para eso.

Cuando se da el permiso de concesión de radio, se da para que funja dentro de un ámbito pequeño, de hecho, te diré, somos una estación de 3 mil watts de potencia, una radio pequeña, casi te diría comunitaria, casi, pero las comunitarias son A, nosotros somos una doble A ¿sí? Y las A, que son las radios comunitarias, son radios muy pequeñas, exclusivamente para localidad, o sea, decir “quiero que la comunidad esté enterada de aspectos de mi región, de mi cultura”, te puedo mencionar que muchas de ellas funcionan así, radio Bemba, algunas estaciones de lo que fue el INI o Instituto Nacional Indigenista, entonces, son radios pequeñas para los pueblos indígenas. Esto se da en el marco de una universidad intercultural, pero con la misión de que debe de cubrir principalmente, porque cuando se otorga una concesión, te dicen al público que vas a servir y te dice que es la comunidad de Mochicahui donde hay un gran contenido, un gran número de hablantes o parlantes de la lengua yoreme mayo ¿no? Y aparte, los estudiantes provienen de otras entidades que hablan otras lenguas y que también te vas a encargar de promover en este caso, y de difundirlas.

Entonces, los contenidos que crearon SEPyc fueron muy de acuerdo a la región en la que estábamos, por ejemplo, los contenidos que ellos crearon eran principalmente que conocieran los niños palabras como “cobanaro”, “kaachini”, palabras muy sencillas que utilizaríamos como al diario ¿no? “hola, ¿cómo estás?” “ketchem al lea”, “bienvenidos, muy buenos días”, fueron contenidos que eran principalmente para el conocimiento de la lengua yoreme mayo, esos fueron los contenidos que más creó SEPyc en el área de difusión para la localidad.

A Mochicahui le conocen como el corazón de la etnia, porque Mochicahui y sus pueblos de alrededor es donde más cantidad de yoremes mayos hay ¿no? O habitan, que es la Rivera de las orillas del río Fuerte, obviamente hay que recordar que también están en el río Mayo ¿no? Están en Sonora, entonces esta misma comunidad está del otro lado, pero de este lado, lo

llaman el corazón de la etnia, la gente así la conoce, y ahí está enclavada la universidad por lo mismo, y la radio como consecuencia

- La radio UAIM entonces es un producto público, entonces, la siguiente pregunta era para saber que localidades y cuáles comunidades abarca realmente la emisora y cuáles eran las lenguas que se contemplaban y las razones que ya también lo acabas de decir ¿no?

- Sí, las comunidades por aquí, por ejemplo, están Los Torres, El Ranchito, son pueblos muy pequeños ¿no? Las Higueras de los Natoches, El Teroque, nuevamente el Mochicahui, El Poblado, 5 de Mayo, comunidades como, por ejemplo, El Carrizo, comunidades así de ese tipo ¿no? que están enclavadas en esta área del norte de Sinaloa.

Y es ahí donde principalmente están ubicadas las comunidades éstas donde están, donde viven indígenas principalmente, sigues hacia arriba y también te encuentras muchas ¿no? Pero la estación no llega hasta allá porque ya llegamos a San Blas y ahí empieza a perderse un poquito más al norte porque pues hay una serranía muy amplia y la estación debería de tener por lo menos unos 6 mil watts, o sea, el doble, como para poder brincar esos cerros, recordando que es FM, y las AM las brincan como si nada, pero las FM pues no, se batalla un poquito por su condición, y era abarcar esas comunidades principalmente, llevarles esos contenidos, que los escucharan, teníamos una serie de spots, pues diríamos, publicitarios o preventivos que nos escucharan a tales y cuales horas, por ejemplo, “a las 11 de la mañana escucha *Sinaloa Aprende en Casa*”, nosotros estamos desde las 11 a la 1 del mediodía y ahí después viene la música yoreme, que así está ya enclavado.

Radio UadeO, tenía otra programación, era de 9 a 10 según yo, ellos transmitían a esa hora, nosotros de 11 a 1, entonces, los contenidos, te lo vuelvo a repetir, eran enfocados al conocimiento de tradiciones también y recuerdo haber escuchado, algunos así plenamente, de cuentos tradicionales yoreme, hay una serie de libros por ahí que tocaban la de la liebre, la historia de la danza del venado... cosas que nosotros en la universidad todos los días tenemos ¿no? En la universidad como te digo tienen su ronada, tiene su jinanqui, sus festividades. Acaba de pasar la festividad de San Gerónimo de Mochicahui, frente a la universidad hay una iglesia de 400 años que está en las ruinas, pero ya hace poco lo conservaron, entonces, a un costado tenemos otra enramada donde haces el tradicional paseo de la danza de venado, donde hacen de cierta manera algunos tipos de rituales y pues la gente va, pues no se diga cuando viene Semana Santa, es inmenso, las dos tradiciones ¿no? Los yoris y los yoreme ¿si más o menos sabes que son los yoris?

- La verdad no

- Bueno, ok, aquí se conjugan las dos tradiciones, el yoreme es el indígena que por sangre y tradición y por esencia, se considera perteneciente a esta región, y el yori, somos nosotros

los blancos, los que no somos o los que no estamos dentro de la tradición, de hecho, yori creo que significa “el que no respeta la tradición” algo así, por ahí va, no me creas ya porque se me va más o menos que es lo que significa, pero sí por ahí va... y de cierta manera, se conjugan las dos tradiciones, por un lado están los judíos, con unas máscaras así grotescas como un comic ¿no? te puedes encontrar a Chucky, te puedes encontrar a Bugs Bunny, y con los tenabaris y la vestimenta blanca, y del otro lado están los indígenas haciendo sus cantos, sus rezos, su música en lengua tradicional, te puedes encontrar la danza del venado, los pascolas, el pascola que es el viejo de la tradición, el mantenedor de esas tradiciones, de esas pequeñas máscaras de madera, el pelo de chivo, sus sonajas de metal hecha de hojalata, entonces las dos tradiciones, los judíos el “pum” que escuchas y los instrumentos de las tradiciones indígenas son distintas aunque en la misma Semana Santa los podemos encontrar revueltos, pero el danzante del venado no es igual que el judío.

Entonces todas esas tradiciones, la radio de cierta manera las retoma y hace algunas cápsulas y trata de preservar ¿no? Y cuando se pensó en *Radio UAIM*, la maestra de contenidos en lengua yoreme mayo, pues dijo “vamos a hacer esto porque esa es la región perfecta y exacta para transmitirle a los niños que escuchan *Radio UAIM* y que van a estar ahí, esto” por eso que se crean los contenidos esos

- Y ¿cómo se decide qué comunidades se quieren abrazar y en qué lenguas, como ustedes dicen “en estas comunidades y estos idiomas vamos a lanzar estos contenidos”?

- Bueno, de cierta manera, el área en que vivimos, en donde está enclavada la radio y la universidad, que es Mochicahui, principalmente hay parlante yoreme ¿no? O sea, yoreme mayo. Hay otros parlantes pero que vienen de fuera porque, o se quedaron a vivir aquí y estudian en la universidad, o bien, forman parte de caravanas que vienen al trabajo rudimentario, bueno, al trabajo de campo y que se han mantenido en esas áreas ¿no?

Incluso alguna vez, nos llegó del Instituto Nacional Indígena, el Instituto Indígena de México, que hiciéramos una transmisión de spots que venían en tres lenguas, en yoreme mayo, en guariji y en yaqui, pero se equivocaron de estación de radio, esta era para la Voz de los Tres Ríos que está en Etchojoa, Sonora, ellos son trilingües, tienen obviamente una estación más grande y tienen contenidos en tres lenguas, bueno, en cuatro, albergando el español, ¿por qué? Porque en Álamos, Sonora, están los guarijijos, en la orilla de ahí de Etchojoa están los mayos, los yaquis y del otro lado los yoremes, entonces ellos hablan y tienen programas en tres lenguas.

No sé si ellos habrán hecho lo mismo que nosotros, si habrán sido también un... diremos, un artefacto o un medio para transmitir contenidos como lo hizo en Sinaloa la SEPyc, lo desconozco, la verdad no te lo sabría decir, sería bueno preguntar si lo hicieron ellos, entonces, se manejan contenidos en yoreme mayo porque es la lengua que predomina ¿no?

aunque haya otros alumnos, estudiantes, viajeros, gente que se ha quedado como te digo, por las condiciones de trabajar en el campo o que estuvieron en la universidad y se quedaron aquí porque hay mucho compañero... incluso compañero trabajador que viene de otras comunidades.

Te diré que nuestra universidad alberga en este momento, creo que 27 lenguas del país, o sea, hay estudiantes de 27 regiones que se hablan diferentes lenguas del país, tzotziles, tzetzales, mexicaneros, coras, guarijíos, yoreme, obviamente mayo, yaqui, en fin, porque esa es la interculturalidad ¿no? Converger todos.

- Pero, sin embargo, esas 27 lenguas no las hablan en la radio, solamente una...

- Sí, solamente una, ahora bien te diré que hace la universidad para que esas lenguas se sigan hablando por los hablantes de esa lengua... nosotros tenemos en la universidad un proyecto interno que se llama nido de lenguas, este nido de lenguas, lo que hace es identificar a los alumnos, a los muchachos que hablan alguna lengua y estén estudiando alguna carrera, la que tú quieras, vamos a decir, tzotziles... tzotzil o tsetzal, bueno, pues se identifica que hay 8, entonces les hace un grupo el nido de lenguas para que ellos platiquen la lengua y les da como un espacio, haz de cuenta, es una sala grande donde hay mesas y platican en lengua, ese es la condición y esa es la situación, o sea, lo que se hace es preservar ¿no? Y ellos enseñan a los muchachos que hablan yoreme a cómo se dice o se pronuncia o cómo nombrar el universo... por eso te digo, la cosmogonía de cada cultura indígena en el país, es como nombra sus cosas ¿no? Entonces le decimos yuyanía al monte, pues en otros lados le dicen chutal, o sea, nombramos las cosas de distinta manera, pero seguimos siendo iguales, y esa es la raíz y la base de la interculturalidad, como está construida la universidad, pero lo que se hace son nidos de lenguas, ahí se les invita a que se hable, platiquen y conserven su lengua, diríamos en este caso, como ellos nombran las cosas a través de su propia lengua.

- Los contenidos que son lanzados por la radio, ¿todos son en lengua yoreme o también mezclan el español?

- Principalmente los contenidos son en español y tenemos algunos momentos de spots, rompe cortes, pisadores, identificación, están en lengua yoreme mayo y obviamente estos fueron autorizados por... el maestro que los autoriza... el maestro Yocupicio, porque él es de cierta manera el encargado de la materia de lengua y cultura de la universidad en general, entonces lo ponemos en consideración que cuando se grabe, se grabe de la mejor manera.

- ¿Y por qué esa elección que sea mayormente en español?

- Ah bueno, porque no fue una radio indígena, una radio universitaria, con enfoque intercultural, sí, lo que pasa es que, por ejemplo, si tú escuchas la Voz de los Tres Reyes,

todas las estaciones de radio en México indígenas se llaman “La Voz de...”, “La Voz de los Tres Ríos”, “La Voz de los Lacandones”, la voz de tal, tal, tal, puedes buscar ahí las radios indígenas en el país, son 26... son 21 perdón, son 21 estaciones que desde 1976 están vigentes y cada una habla primordialmente en la lengua en la que fue construida, o sea, en donde fue, y nosotros no somos una radio indígena, somos una radio, te diré, intercultural, o bien, universitaria intercultural ¿sí?

No somos una estación que sea parlante solamente de yoreme mayo, no estamos contruidos de esa manera y por eso podemos poner música pagana, por así decirte, o sea, música que no es indígena pero obviamente la música indígena que nosotros tenemos se transmite en tres horarios, 6 de la mañana, 1 de la tarde y 11 de la noche, abre por así decirlo, el horario oficial, cierra y en mediodía lo ponemos ¿por qué? Pues por obvias razones ¿no? Pero es la música que más suena en el día, tenemos trova, tenemos jazz los fines de semana, tenemos música de cine, música clásica, new age, tenemos mariachi, son jarocho, banda de viento, no tenemos banda con voz, pura banda de viento, esa banda tradicional, ya sea tamborazo zacatecano, ya sea banda sinaloense o bien, las bandas tradicionales mijes.

Hay una región muy importante en Oaxaca, una región mije, que todo el pueblo o la mayoría son músicos y ellos crean bandas mijes, obviamente bandas tradicionales que tocan música solamente de viento y toda la escuela es gratuita.

- Y esos contenidos musicales ¿quién los realiza? La radio mezcla en su programación ¿Cuáles aspectos y quién los produce?

- Ah okay, muy bien, te diré que tenemos un banco de música yoreme mayo que ha sido creada por artistas de la región obviamente, artistas de la región donde vivimos y toda esa música es creada por los músicos de aquí, incluso algunos maestros de la universidad tienen su propia música que nosotros programamos en ese momento porque está cantada en yoreme mayo

- ¿Y se producen dentro de la universidad?

- Sí, sí, sí, sí, se producen dentro de la universidad. Tenemos 136 piezas musicales. Hay música para la Bajada del Salto, el salto en la tradición, temas como “mayo pablo”, “la zorra”, “la yaquesita”, “la paloma”, “pascola” y ponemos quien es el creador si sabemos quiénes son. De hecho, estamos haciendo eso, estamos re etiquetando junto con el maestro Yocupicio para re etiquetar quienes interpretan esas fiestas

- ¿Y cómo realizan ese proceso de producción? Me parece interesante

- Ah mira, la universidad, el año antepasado produjo un disco que se llama “Yorem Jiabsira” que es “De corazón Yoreme” donde se canta el himno nacional, el himno de la universidad... la universidad tiene un himno que se canta, y esa producción fue plena y rotundamente de la universidad, tres voces grabaron todo este material y los rompe cortes como te digo también son en lengua.

Mucha música se produce de manera particular, otra la ha producido la universidad, de hecho, te diré que el maestro Yocupicio es digamos uno de los viejos de la tradición como ellos dicen ¿no? O de los viejitos de la transmisión que se encarga de conservar la música, y nosotros tenemos grupos de músicos dentro del nido de lenguas que se encargan de interpretar las piezas y los sones y que no se pierda la tradición, entonces, algunas producciones las hacen ellos mismos por su propia cuenta, otros las realiza la universidad, algunos han salido de proyectos nacionales ¿no? El Fondo Nacional para la Cultura y las Artes o el Fondo Estatal para la Cultura y las Artes, y han sabido conservar y han sabido crear piezas y han sabido retomar las que ya están para poderse transmitir y la radio pues es ese factor que está ahí para poderles transmitir esos sonidos, y esa es la manera de conservar.

- Y ¿Quién financia todas estas producciones?

- Bueno, las producciones vienen por parte de la universidad y como te digo, algunas han sido por medio de becas personales de algunos de los artistas, ya sea por el Fondo Estatal para la Cultura y las Artes, FOECA o el FONCA, pero cuando la universidad ha realizado lo sustenta la universidad a través de proyectos que dependen del área de la Formación General Educativa, o bien, de la Secretaría misma de la universidad o bien, de la iniciativa de la cabeza máxima como es la Rectoría ¿no? Entonces, todo eso muchas veces pasa por procesos de consejos universitarios, de proyectos viables, o bien, se buscan proyectos, pero al final de cuentas, ahorita está detenida mucho la cuestión por la pandemia. Nos ha tenido a todos detenidos, de hecho, la universidad no ha podido regresar a clases presenciales por cuestión de la pandemia, esperemos que, ya pasando esta semana. La próxima habrá reunión de consejo para ver si ya podemos regresar por lo menos a algunas áreas a trabajar

- En cuanto a la programación de contenidos, ¿cuál ha sido la diferencia de una programación normal a ahora de la pandemia y la inclusión de *Sinaloa Aprende en Casa* dentro de la radio?

- La diferencia fue Lorena que sacamos todas las voces en vivo, los programas que teníamos en vivo, te puedo decir que teníamos uno que se llama *Luz de Esperanza*, otro que se llama *Corazón de Tierra*, otro que se llama *Todos los Pueblos, Todas las Voces*, pues tuvieron que salir de la programación ¿por qué? Porque no los podemos hacer en vivo por lo que te comentaba hace unos momentos, porque es muy peligroso para nosotros entrar a las cabinas ¿no? Entonces no hemos regresado a presencial en cabina hasta que no nos autoricen los del

Consejo Universitario y aun así tendríamos que ver qué programas tendrían que regresar y cómo van a regresar.

¿Qué estamos pensando que regrese o cómo que regresen? Bueno pues, estamos pensando ahora en hacerlo grabado, hacer programas grabados que pareciera que estamos en vivo, entonces lo que si hemos perdido es la radio viva, ósea, la radio que sale con voz viva, de decir “muy buenas tardes, son las 7 con 15 minutos, estamos en vivo” a decir “hola que tal, estamos en este programa donde hablaremos sobre tal temática” eso es lo que nos ha cambiado y nos ha cambiado mucho, de hecho, si tu volteas a ver a la programación de las radios locales comerciales, por ejemplo, Línea Directa, tenía sus locutores uno en su casa, el otro en su casa, el otro en su casa y cuando mucho otra en la radio... si tu escuchas por ejemplo, Radio Sinaloa, están una o dos muchachas en la mañana, Radio UadeO no tiene locutores, hasta la semana pasada, mis excompañeros, porque yo trabajé en Radio UadeO por 22 años, apenas regresaron la semana pasada alternándose a cabina uno un día, Radio UAS, que es otra estación de uso público y que llega al norte de Sinaloa a través del 102.9 aquí, tiene un locutor, solamente un locutor que está en las tardes noches y un programa que se llama... dos programas en vivo miércoles y jueves, de ahí para adelante nada más, todo pura música o cosas que ya se grabaron previamente o programas que ya pasaron a su tiempo, o conferencias que están transmitiendo ellos a través de zoom y lo que hacen ellos es enlazar solamente el sonido de la computadora, entonces eso fue lo que perdimos Lorena, la radio viva y lo que predomina es la música y lo que pasamos de Sinaloa Aprende en Casa pues nos ayudó mucho porque se sentía más viva, más fresca

- Y el programa de *Sinaloa Aprende en Casa*, ¿fue escuchado? ¿ustedes midieron? ¿Supieron si los escuchas realmente contemplaron el programa como una herramienta?

- Sí, te voy a decir una cuestión, desde hace algunos años y la Ley también de Telecomunicaciones y Radiodifusión ya no permite que tu digas si hubo un rating ¿no? Puedes medirlo, pero tienes que pagar, es muy caro pagar un servicio de quién te está escuchando, de cuánto impacto tuviste ¿sí?

La verdad es muy, muy costoso y pues la Universidad no está en esas condiciones ni quizá las estaciones de uso privado o comerciales la hacen, pero sí, por ejemplo, lo que puedes medir y si es verdad, puedes medir el radioescucha en línea, porque las plataformas donde nosotros transmitimos, tienen un conteo de cuántas personas entran, te diré que al principio tuvimos... yo me sorprendí mucho, de contados en línea 50, 40, 35, 25, más o menos de 25 a 40 tuvimos casi siempre, yo sé eran muchos maestros, yo sé que era mucha gente aquí.

¿Cómo medimos acá en Mochicahui? Bueno, mucha gente nos comentó que había escuchado la programación, no te sabría decir la cantidad en número, no tengo el número, lo que sé es que tuvimos horas y horas de transmisión, eran dos horas diarias, o sea que a la semana son

10 horas de transmisión y más al mes son 40 horas y así nos vamos sumando, y sí logramos sentir que la gente escuchó el *Sinaloa Aprende en Casa* que fue el más referente que tuvo ¿no? Y de radioescuchas en línea sí, que si tú dices ¡50! Bueno, pues es un montón, es inmenso, porque no nada más abarca que lo está escuchando uno si no que debe de haber tres o cuatro conectados más, pero la radio viva, la que tu sintonizas, ahí no te podría decir cuánta cantidad nos escuchó porque ese tema si va a ser difícil

- Anteriormente Radio UAIM ya tenía alguna iniciativa similar al programa de *Sinaloa Aprende en Casa*?

- No, no, la verdad que no, nuestra radio como tal, como intercultural, está enfocada en hacer incluso una pequeña radio escuela pero no los contenidos iguales, de hecho teníamos ya un proyecto en puerta para que fueran alumnos de la comunidad, de hecho ahí tengo fotos de los niños que han ido a la estación de radio cuando podían ir, hace un año y medio, y que iban a la estación de radio y que podían conocer la radio y contar sus cuentos y chistes y tal, tal, pero no un contenido como tal que hicieron los profesores que fue un reconocimiento la verdad muy amplio, porque debo reconocer que muchos, no sé si tú eres maestra docente de primaria o de secundaria, el reconocimiento la verdad de que sin saber y sin reconocer el medio como tal, la condición de un medio como la radio... digo, uno ya sabe que es la producción ¿no? Ya sabe lo que es un fade in o un fade out, ya sabes cuando hablar con cierta voz, ya sabes cómo manejar los espacios, como poner un fondo en primero, segundo y tercer plano, o sea, técnicamente, yo supe, me enteré que los profesores no tienen conocimiento, pero aun así lo hicieron y eso fue maravilloso, porque sin el conocimiento de decir, “bueno, yo no soy locutor de radio” pero lo hicieron, y a eso me refiero, fue un gran esfuerzo.

No tenemos un proyecto nosotros así, teníamos como te digo que fueran alumnos y niños a platicar historias y tal, pero los esfuerzos que hicieron los maestros de Sinaloa con *Aprende en Casa* fue enorme, fue muy grande, labor titánica... cuando tuve alguna reunión con ellos, yo les decía “es que el formato” y ellos decían “¿qué es el formato?”, ah bueno, pues el formato es en el que está grabado el audio, bueno, “¿y cuál es el formato?” pues mp3, .ogg, .rar, .wap... y decían “yo no sé qué es eso” ... me llegaban a mí los audios y muchos venían en ac, acc, flag, ogg... que son los formatos de nuestros teléfonos ¿no? y yo les decía “¿y si me lo mandan en mp3?” y ellos me respondían “no sé qué es mp3, lo grabamos así”, “así me salió”, “me ayudó un muchacho a hacerlo”, “vi un vídeo y un convertidor en línea” y pues bueno, fue un esfuerzo muy grande lo que hicieron, lo debo de reconocer, como productor de radio que soy y con los años de experiencia que tengo. Algunos lo hicieron muy bien, por ejemplo, te diré que el maestro Carlos Parra tiene un vozarrón “hola muchachos, ¿cómo están? A continuación, vamos a hablar de...” decía, ¡ah! Me sorprendió ¿no?, y algunos otros maestros me sorprendieron y algunos decían “hola niños, bien-ve-ni-dos, có-mo están...”

- Yo puedo ser esa (risas)

- Muy bien, muy bien (risas) la verdad que, si fueron muchos así y la verdad no tiene nada de malo, solo que se da cuenta uno del esfuerzo del profesor

- Claro

- Sí, porque uno dice, bueno, pues yo soy locutor de radio, ya tengo muchos años haciendo esto, pero el profe no, lo está haciendo por primera vez ¿cómo lo está haciendo? De hecho, mi esposa y yo platicamos “¿cómo le hacen? Han de estar dándose de topes muchas veces ¿no?” y sí, les decía “hay que convertirlos” pero “¿convertir qué?” entonces sí, fue muy grande el esfuerzo de los profesores, pero obviamente, yo creo que, si llegara a haber una segunda, tercera o cuarta parte va a salir mucho mejor de lo que ya salió, porque ya por lo menos hay la experiencia, retomaron cosas que no sabían.

Ahora bien, no hemos hablado de algo muy importante, ¿por qué utilizaron la radio y no utilizar YouTube o alguna otra plataforma? Porque es más tardado el vídeo y dos, Sinaloa, y no Sinaloa, a nivel Nacional, dormimos, comemos, nos despertamos escuchando radio... la radio es fundamental, y en Sinaloa, te diré Lorena, que en Sinaloa la radio es fundamental para lo que hacemos, para lo que nos toca vivir. Nada más escucha esto, Mochis, la ciudad de Los Mochis, donde vivo yo, es una ciudad que tiene... solamente la ciudad, 19 estaciones de radio más Radio UAIM que está fuera que entran a la ciudad o que salen a la ciudad, como gustes, 19 estaciones de radio en FM, somos una de las ciudades más comunicadas del país, aquí la gente consume el radio todo el día, era fuerte, yo me imagino que SEPyc también pensó y dijo “ah bueno, el norte de Sinaloa es importantísimo, vamos a dar el programa, hay que hacerle así y ser una plataforma” y me imagino que deben de haber medido, y te digo, cuando te comento que somos los más comunicados del país... si tú te vas a la Ciudad de México, te vas a encontrar que en su banda hay cuando mucho 54 estaciones de radio en FM, 54, pero ¿para cuantos millones? ¿30 millones de mexicanos? Aquí somos medio millón en Los Mochis y tenemos 19, medio millón para 19 estaciones, o sea, el radio per cápita es amplísimo, entonces la radio es muy viva aquí en Mochis, Culiacán también lo es, pero obviamente más Los Mochis en cuestión de cantidad porque creo que en Culiacán hay 16 estaciones de radio más o menos, aquí hay 19, 20 contemplándonos nosotros, pero para la cantidad no se compara para los 2 millones que hay en Culiacán ¿más o menos? No sé, no te sabría decir, entre 2 o 3 millones y aquí somos medio millón, entonces la radio es muy viva y por eso fue el medio por el cual se podía llevar a cabo la cobertura de contenidos para los niños y los jóvenes.

- Dices que Los Mochis cuenta con 19 radios, pero la de ustedes ¿qué tanto abarca?

- Bueno, es una radio de 3 mil watts, no te sabría decir con número como tal, yo tengo un mapa que me entregaron cuando los peritos un estudio factible de proyección de la estación de radio ¿no? Donde hay un círculo que dice “este es tu radio de acción” que son las

comunidades que abarcan y que te comenté ahorita Carricito, el Ranchito, El Teroque, Las Huertas, Los Torres...

- Perdón que te interrumpa, esas comunidades ¿son todas indígenas?

- No, bueno, hay mucha población indígena

- Y aparte de esas comunidades ¿a qué otras poblaciones abarcan?

- Llegas a Los Mochis, a Topolobampo, a Guasave, llegas a San Blas yendo hacia El Fuerte, por ejemplo, llegas hasta donde llegan los cerros y hasta ahí, pero si agarra, si tú vas a Juan José Ríos, pasas Juan José Ríos, pasas Cortinas y continúas escuchando, te puedes ir hacia Topolobampo, yo ido hasta a Maviri y la pongo para estarla monitoreando, si vas a Ahome aquí, también abarca, si es amplio ese terreno, en Los Mochis en algunas partes no se escucha porque de Los Mochis salen las radios y Radio UAIM quiere entrar, entonces, todas esas empiezan como repeler algunas partes ¿por qué? Porque así trabaja y así funciona, no le sé mucho a este rollo de la electricidad, pero sé porque me han explicado los ingenieros, que así funciona ¿no? Radio UAIM quiere entrar y de Mochis salen 19 estaciones de radio, entonces la señal se va, se entrelazan, chocan, puede que se ensucien unas, principalmente nosotros, ¿no?, si ellos quieren entrar para allá nosotros le ensuciamos a ellos porque nosotros estamos más fuertes en el lugar donde estamos, pero sí en las comunidades que te dije y esas pues, ciudades ¿no? Que Guasave un poco, en el centro de Guasave se escucha, Topolobampo, Ahome, Juan José Ríos y yendo para Sinaloa de Leyva, pues para aquel lado, no hay cerros y pasa la señal más libre.

Pero nuestro lugar de acción es Mochicahui principalmente y sus comunidades aledañas, que hablen... no, no que hablen pero que sean comunidades que estén enfocadas a la tradición yoreme mayo.

- Eliud te agradezco enormemente por tu tiempo y su colaboración por esta información.

- Espero que te haya servido para tu trabajo y que sea válido en cuestión de la información que uno tiene y que ha manejado por muchos años.

- Yo sé que sí, además me gustó mucho conocer como ustedes funcionan como Radio UAIM.

- Muchas gracias a ti también por podernos expresarnos un poco y poderte ayudar.

- Hasta pronto

Nome do entrevistado: Nelsy Valenzuela

Cargo: Diretora da estação de Rádio INAPO YOREME

Data: 09 de outubro de 2021

Modalidade da entrevista: Videoconferência

Local e horário: Culiacán, Sinaloa, México, 11h

Número da entrevista: 04

- Hola Nelsy, que bueno que al fin nos pudimos reunir. Como ya te comentaba por mensaje, estoy realizando una investigación para saber cómo el programa de *Sinaloa Aprende en Casa* le da la posibilidad a las comunidades indígenas de continuar con una educación, y cómo se incluyen algunas lenguas maternas dentro de su programación, entonces, vi que te encontrabas dentro de la barra programática del programa y yo quería saber por qué seleccionaste la radio, la lengua materna, como opera la radio, quien la financia y todos los datos que pudieras darme para entender su operación.

- Te platico para darle contexto del por qué salieron estos programas al aire. La cabina va a cumplir dos años, pero es un proyecto de universidad la verdad, surgió a raíz de que estaba estudiando la licenciatura en Educación Primaria para el medio indígena, es mi segunda licenciatura. Yo soy de comunidad indígena, soy de comunidad indígena y desde que nací, aquí he estado, aquí he vivido, he trabajado fuera pero siempre he sido de comunidad indígena por lo que me considero una mujer indígena, una mujer yoreme, y pues bueno, decido estudiar esta segunda carrera a raíz de asuntos personales, familiares.

Siempre quise ser maestra, no tuve la posibilidad de ingresar a la carrera como una primera decisión y pues cuando sale la oportunidad en la universidad, digo, bueno, pues entramos, y al estar cursando la universidad, se da la oportunidad de tener acercamiento con radio, y dije yo, es un buen momento, una buena herramienta para pues algo de lo que yo tenía en mente que era que el idioma no se perdiera, al menos en mi familia, al menos en mi comunidad, al menos en la escuela donde yo estudié y donde trabajo ahorita, entonces bueno, es una buena herramienta para llegar a más maestros de educación indígena, para llegar a mi comunidad y pues como parte de mi labor como docente del medio indígena, entonces, pues sale la radio, con un programa, inicialmente 30 minutos solamente... íbamos a participar con este programa en la radio de la universidad, en la UPES, en Radio UPES, pero pues la inquietud me llevó a buscar recursos, financiamientos para poder hacer yo la radio indígena.

Entonces es un apoyo de recurso federal, de PACMYC, apoyo a culturas populares, en el 2019 sale el apoyo y pues instalamos la cabina, y en la cabina tocamos sistemas del idioma, de la danza, de la cultura, tradición, gastronomía y todo lo que envuelve la vida comunal de los pueblos originarios aquí en Sinaloa para la región centro, centro-sur, hay algunas otras regiones... comunidades indígenas pero son de fuera que vienen y se instalan al Estado, lo original del Estado de Sinaloa es el yoreme mayo, que su ubicación geográfica es norte de

Sinaloa, sur del estado de Sonora ya que hace mucho tiempo Sonora y Sinaloa era uno solo, por eso es la explicación de por qué la región yoreme está en estos dos lugares.

Y bueno, de eso hablamos en el programa y pues como le damos una atención a lo que fue una propuesta que se hizo fuera para la Secretaría, de también abordar el tema indígena en esta programación de *Aprende en Casa*.

- ¿En el programa se habla la lengua materna solamente, lo mezclan con el español o como se realiza?

- Mi lengua materna es el español, yo crecí comunicándome en español, ahora sí que la lengua originaria o el yorem nokki sería mi segunda lengua porque estoy en ese proceso de... no dominarla como tal, porque sería muy complicado a estas alturas, mi papá si es hablante del yorem nokki, él... incluso su lengua materna fue el español, el aprendió a hablar el yorem nokki ya a los 20... 20 y tantos años cuando empezó a trabajar y a comunicarse con personas mayores que dominan este idioma.

Mis abuelos paternos, ellos sí su lengua originaria era el yorem nokki, entonces, si te das cuenta, la línea, la cadena, va decayendo, mis abuelos hablantes originarios, su lengua materna era el yorem nokki, mi papá lo toma como una segunda lengua materna a los 20 años y yo pues igual, mi lengua materna es el español, pero estoy en el proceso por decisión propia de decir “yo no quiero que se pierda” y a mis 30 estoy retomando este proceso de aprender.

- Y ¿Cómo entras al programa de *Sinaloa Aprende en Casa* o cómo es que ustedes se conjugan?

- La invitación surgió porque también soy profesora de Formación Cívica y Ética, entonces de mi supervisión, de mi escuela, me hacen la invitación para trabajar con cápsulas de formación porque pues saben que trabajo lo de la radio, entonces me pongo en contacto....

Bueno, me hacen la invitación para las horas de formación, pero a través de unos amigos de Radio UPES, donde también ya hemos colaborado, me pasan el contacto y yo me pongo en contacto con la Secretaría, con el encargado en sistemas que es Daniel y en su caso también con Carlos para hacerles la propuesta, “saben qué, está padrísimo lo que es Educación Aprende en Casa, todo lo que vamos a hacer con radio”, yo como maestra de formación con mis cápsulas, pero por qué no también, darle atención a lo que son las escuelas de educación indígena, y ellos me comentan que si existía esa idea de tocarlo pero no hallaban cómo, porque ellos tenían la idea de que las cápsulas de primaria, primaria regular, hacer una traducción literal del programa y no encontraban quién lo tradujera, entonces les digo yo, “si me permites opinar, va a ser un poco complicado traducir como tal el guion de una clase de escuela regular a lo que es el yorem nokki, en primer lugar porque si lo pasas así nadie te va

a entender”, o sea, porque ya en las comunidades indígenas, sobre todo los niños a quienes está dirigido el programa, no son hablantes, su lengua materna es el español”, ese es en un primer momento, ahorita el papel de las escuelas de educación indígenas es manejar la lengua indígena como segunda lengua porque los niños hablan el español, hay algunas regiones que sí, las regiones más alejadas de las comunidades, de los pueblos, de las cabeceras y todo más, que si hablan un poco más de yoreme nokki, pero es una minoría, no tengo los números exactos para decírtelos pero si es la minoría, la mayoría de las escuelas de educación indígena, sus niños, sus estudiantes, el estudiantado son hablantes del español y se maneja la lengua indígena como segunda lengua, ese es el caso.

- Y ustedes como radio ¿en qué parte se encuentran y qué comunidades abarcan?

- Nosotros nos encontramos en la comunidad indígena de Goros 2, en el municipio de Ahome a unos 13-14 km de la urbe de Los Mochis, y como es una radio digital si se extiende a muchas comunidades que atiende o que nos escuchan, no es frecuencia modulada, entonces no puedo decir un radio de tal comunidades, se extiende un poco más pero si tenemos escuchas de El Fuerte, Guasave, incluso fuera del Estado, algunas regiones de Etchojoa, cercanas aquí pues, que conocen de la cultura pero básicamente podría decir que en lo corto, sí todo el municipio de Ahome tiene acceso o nos sigue en la página y en las redes sociales.

- Nelsy, y una cuestión que a mí me inquieta mucho, ¿por qué deciden lanzarse al medio digital y no a la radio tradicional? ¿Por qué ese salto si se encuentran en una localidad donde se supone no cuentan con muchas herramientas tecnológicas o internet y es la radio tradicional la que se supone que abraza más a este tipo de núcleos?

- Por los temas costos. Instalar una radio tradicional implica transmisores, antena, otro tipo de equipo que aquí en la región del norte del estado que tu conoces... ah no, ¿tú eres de Culiacán verdad? (risas)

- Sí (risas)

- Por este lado, por ejemplo, las radios locales, las radios comerciales tienen sus antenas en el cerro de la memoria, que quizá logras ubicar un poco más y algunas otras radios que tienen sus frecuencias moduladas hacen la renta de esas antenas para tener ese alcance, en nuestro caso, esta cabina que vez tú, es sin fines de lucro, solventada por tu servidora nada más, entonces no hay un apoyo gubernamental, no hay una institución respaldándola, no hay INPI, no hay un INPAC, no hay nada, entonces los costos que genera un transmisor, que genera una renta de una antena son muy elevados, que ni en sueños me iba a poder permitir a mí tenerlos, entonces inteligentemente, lo voy a llamar para mí (risas) me apropio de las redes sociales, ahí si no hay costos como tal, llega a la gente, mucha gente en comunidades indígenas tiene el acceso a Facebook, es una realidad, gente cualquiera tiene para internet o

datos como para ver un video, entonces pues por eso, por esa razón son en radio digital y plataformas digitales, porque los costos de una radio tradicional... simplemente no me voy a ir muy lejos a conectar yo la antena y un transmisor, una renta de un espacio de radio tradicional, es muy cara, que no me podría solventar ya que no hay una institución respaldándome.

- Entonces tu iniciativa fue a través de esa invitación que mencionaste o anteriormente ya existía algo similar a *Sinaloa aprende en Casa*?

- No, no, anteriormente no existía ningún tipo de contacto con la Secretaría ni ese tema, te digo, hay una aproximación con Radio UPES, ellos tienen un espacio digital también, colaboro con ellos con un programa, y cuando me hacen a invitación para las capsulas de formación yo le pregunto al encargado que si le puedo a hacer la propuesta y el me pasa el contacto de la secretaria y me dice que yo me encargue, que estaría padre, y fue la plática entre los dos, ya le hablo a Daniel y me contactan con Carlos para pasarle el proyecto, no había como tal un proyecto, así que me pongo a trabajarlo, originalmente son 8 cápsulas, una semanal, se cubrieron 8 semanas, pero yo hago la adecuación, porque le digo que eso de traducir los guiones de las clases que estaban dando perderían su objetivo, iban a estar de más y mejor hacemos lo que se hace en la escuela de educación indígena que es abordarlo como una segunda lengua y trabajamos temas comunitarios, medicina tradicional, etno matemáticas, saludos, familia y temas genéricos que se pueden utilizar en todo lo que es el nivel primaria y preescolar, porque también hay preescolar en indígenas y me dicen que genial, entonces por eso son 8 temas genéricos, de ahí se pueden desprender otras clases, pero se hizo en ambos idiomas, en español y algunas expresiones en lengua

- Entonces Nelsy, tú eres la fundadora, ¿antes de ti no existía nada que preservara las lenguas indígenas?

- No, aquí no, en nuestro estado es la única cabina con estas características, antes de mí no había nadie, no había nada, principalmente fue un programa de radio para la universidad, pero era muy valioso para mí de forma personal y para las comunidades y luego busco patrocinio para apoyo del proyecto, resultando en la convocatoria de IMPAC en el 2019 e iniciando en febrero de 2020.

Este apoyo se planteó para 12 meses, el recurso llegó en 2019 y se pone en marcha en el 2020 y todo lo que va del 2021 que ya estamos por finalizar, ha sido propio. El apoyo solo fue para el primer año como apoyo técnico, para la instalación, la computadora con rendimiento, micrófonos y audífonos y eso.

- Entonces realmente cuando inicia el *Sinaloa aprende en casa* y cuando termina contigo?

- Fue solamente una temporada, las 8 cápsulas, lo manejamos igual que las otras radios que participaron, solo 8 semanas, más o menos mes y medio, iniciando de mayo a junio, y nosotros para darle seguimiento extrajimos el *Sinaloa aprende en casa* y lo lanzamos solo como repeticiones sabatinas, entonces duró como alrededor de 3 meses nada más, ¿por qué? Porque es complicado también quien te puede colaborar con la traducción, quien se anime a hacer el programa porque pues no lo hice yo, yo pedí apoyo de la Secretaria para que me contactara con los docentes capacitados que tuvieran esa disposición porque como te digo no hay recursos para esto, por lo tanto era voluntario, entonces, pues ahí quedo, ya no hubo un segundo acercamiento para una segunda temporada, pero la intención para mi funcionó, y nosotros hacemos lo propio como Inapo Yoreme Radio y no como *Sinaloa Aprende en Casa*.

- ¿Cómo sabes si el programa de *Sinaloa Aprende en Casa* tuvo éxito? ¿Cómo lo median?

- Pues una métrica como tal no, porque es algo complicado en las redes sociales, te podría hablar de reproducciones alcanzadas que en el *Sinaloa aprende en casa* llegaron a las 200, 300 reproducciones, que para ser un programa educativo si tiene algo de auge, simboliza algo para nosotros, pero medir si realmente fue a una comunidad o no, ahí si me daría más trabajo, no hay como hacer esa medición, ya hablándose de la cabina, pues si tenemos arriba de las 2 mil reproducciones dependiendo del tema y te podría decir que lo medimos porque nos dejan el saludo, el comentario, te escucho de aquí, te escucho de acá, te escucho de allá, entonces ahí sí sé que en comunidades indígenas se ve.

- Tú podrías decir que el programa de *Sinaloa Aprende en Casa* cumplió con su objetivo?

- Sí, sí, sí, sí, porque se hicieron comentarios de “ah, que interesante el tema, no lo conocía”, “aprendí” o mensajes privados de “no conocía que fuera así”, entonces para mí, si fue en una sola persona el aprendizaje pues ya simboliza algo.

- Yo creo que en breve me quedó claro todas mis cuestiones, te agradezco mucho de tu tiempo y que linda tu acción hacia las comunidades, te felicito por tu iniciativa y ojalá encuentres un financiamiento que permita poner en marcha esta labor por mucho más tiempo a través de una frecuencia que te permita abarcar más territorio

- Ojalá que sí, porque si no es radio comercial que vaya a generar sí está muy complicado, cuestión recursos es la razón por la que no estamos en FM y hemos buscado alternativas, como la radio 94.7 también por internet por páginas gratuitas, el seno es gratuito, entonces si ingresas, vas a estar escuchando la música tradicional, algunos programas que dejamos ahí, de repente los dejamos una semana, dos semanas, los cambiamos, hablamos de diferentes temáticas y ahí los dejamos 24/7

- Y tu programación normal, ¿cómo es?

- Es semanal, generalmente estoy al aire, por llamarlo de alguna manera en el streaming los días sábados de 20 a 30 minutos, pero si hay algún evento, una actividad o algo relevante, por ejemplo, Semana Santa, pues todos los días prácticamente hacemos una transmisión breve, pero la transmisión es una semanal, y en el seno, 24/7 música tradicional nada de música comercial

También a través de las redes sociales compartimos material visual y audiovisual, donde hay pronunciación, significado de palabras, gramática, etc, nos apoyamos mucho de la norma de escritura yoreme, que algunos están en contra de la norma pero yo estoy a favor porque es una manera de estandarizar la escritura, es que es complicado porque originalmente, el yoreme es oral, familiar, intergeneracional, lo que escuchas pero gracias a eso hubo algunas variaciones, muchas variaciones dialectales, la zona de Guasave, la zona costera también se expresa de una manera a la zona del valle, entonces en el Fuerte se pueden decir algunas palabras que aquí se interpretan de otra manera, entonces ahí lo complicado, por eso es complicado aprenderlo.

Tengo una colaboración con frecuencia, pero es una radio evangelista y también el permiso que le otorgaron a esa radio es cultural, ellos me buscaron para cubrir la parte cultural, pero habían unos problemas técnicos y salimos del aire, nada más creo que fueron como dos semanas las que estuvimos con ellos en frecuencia y se cubrían estas regiones que te comentaba de la zona de Ahome, de San Miguel y esos alrededores, Villa de Ahome y pues ahí nos escuchabas en frecuencia como colaboración, también no había nada de retribución monetaria ni de... o sea, yo no pagaba por ese espacio y ni ellos a mí me pagaban como locutora era una colaboración pero por problemas técnicos salió del aire, unas cuestiones de la antena o del transmisor que tuvo un problema entonces salimos, pero es el único acercamiento FM que he tenido por el momento.

- Ya verás que después abarcarás más.

- Ojalá, ojalá, vamos a ver qué otras cosas pueden suceder

- ¿Oye, perdón, solo no me quedó muy claro el periodo que abarcó el programa de Sinaloa Aprende en Casa ahí con ustedes, dices que fue el primer periodo de pandemia, empezó en que mes? ¿Julio, agosto a noviembre?

- El periodo de pandemia si recuerdas, inició en marzo de 2020 pero Aprende en Casa sale como en abril, unas semanas después, entonces a mí me hacen la invitación para las cápsulas de formación, pero en lo que se diseñó y todo eso, entramos a finales de mayo, fueron las primeras transmisiones y fueron 8, entonces, era una semanalmente, los miércoles si no mal recuerdo con repetición viernes, algo así, entonces fue mes y medio, finales de mayo,

terminamos junio, principios de julio se dejó de transmitir, esos más o menos fueron los meses.

- Fue muy corto

- Sí, fue muy corto, es que la verdad se presentó esos 8 temas genéricos, se presentó el programa, así como tal, y la verdad si fue difícil sacar esos 8 de “profe, ¿ya lo tiene?”, sí fue bien difícil, la producción de aquí no, mi esposo me ayuda con la producción y la edición y todo eso, entonces la producción era lo de menos, era que me grabaran, que escucharan otra voz, no solamente yo hacer todos los programas, no tenía mucho caso, yo quería que fueron los del medio indígena los que participaran y se involucraran, y si fue difícil, entonces Carlos me pone en contacto con mesa... no hay mesa técnica de educación indígena, ahí entran las deficiencias del sistema de educación indígena porque no hay mesa técnica pero me pone en contacto con la persona que tiene educación con todos los docentes y a través de ellos se hace como el compromiso por que si yo los invitaba de aquí, no los sacaba, pero al ver el compromiso que estaba involucrada la Secretaría pues jala un poquito más y ellos participan, entonces fue difícil y ya no hubo un “oye...” ah porque ya en eso se dan vacaciones... es que fue un período bien raro, porque acabamos como en agosto y ya eran vacaciones pero si nos vamos, no nos vamos, que el ciclo no es normal, empezamos más tarde, no empezamos, fue un descontrol total, entonces, en la segunda temporada de *Aprende en Casa*, ya no hubo un “¿vas a seguir?”

- Ya no hubo continuidad

- No hubo continuidad, ni hubo la invitación, ni hubo el acercamiento, quizá porque vieron lo complicado que fue, también porque pues no hay y no se generan recursos extra para esto, entonces también yo, por cuestiones de trabajo, tampoco hice esa iniciativa como la primera vez de “oye, estaría padre” ya no hubo una segunda propuesta de mi parte porque si fue complicado también por la cuestión tiempos para mí

- Ahora sí, te agradezco enormemente por tu tiempo, y al fin pude conocerte (risas) y poder platicar de lo que desarrollaste

- Muchas gracias, ojalá que se pudiera hacer algo, ojalá que más adelante, no pierdo perspectiva, yo continuo trabajando, se han ido abonando cosas importantes y significativas y espero que así siga siendo y me disculpo, porque sí, es que me programo mucho, maestra de primaria, maestra de acá, la cabina de radio, si había días donde se me cargaba mucho y si me daba mucha pena decirte que no y por eso te dije “sábado, ya voy a estar sentada ahí” (risas)

- (risas) No te preocupes, lo importante es que ya nos conocimos y te lo agradezco mucho, que pases un buen fin de semana y buen día

- Gracias igualmente, estamos en comunicación cualquier cosa que se te ofrezca

Nome do entrevistado: Álvaro Robles

Cargo: Responsável da programação de Radio UAdeO

Data: 17 de novembro de 2021

Modalidade da entrevista: WhatsApp

Local e horário: Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 17h

Número da entrevista: 05

- Hola Álvaro, buenas tardes, soy Lorena Ceniceros, miré que radio UAdeO participó en la difusión de los contenidos, y quería ver si usted podría ayudarme con su colaboración para una entrevista.

Le contextualizo un poco, mi trabajo habla sobre el programa de Sinaloa Aprende en Casa durante el periodo de pandemia desde su inicio hasta hoy y como se apoya en la radio para llegar a más lugares con diferencia a los otros medios que fueron la televisión y las plataformas digitales, aunque me oriento más hacia las comunidades indígenas del estado.

Primeramente, me gustaría conocer su participación y que es la radio UAdeO para entrar en contexto

- Uno de los fines principales de la Universidad Autónoma de Occidente (UAdeO) es la Extensión y Difusión Cultural, misma que se especifica en el Artículo 2, Fracción III de la Ley Orgánica de nuestra casa de estudios.

De esta manera, la UAdeO tiene la responsabilidad de proveer lo necesario para la difusión de la cultura, las ciencias y las manifestaciones artísticas, por medio de nuestra emisora universitaria a través de la frecuencia 89.3 FM.

Por tal motivo, la Coordinación General de Difusión Cultural y Extensión Universitaria, ha creado y desarrollado varias acciones desde 1992, cuando en una reunión del Consejo Académico se aprobó la Dirección General de Radio UdeO A.C., como un medio de comunicación de principal importancia en la promoción de las manifestaciones de la cultura dentro y fuera de la Universidad, a través de la producción y difusión de diversos programas radiofónicos.

La instalación de Radio UAdeO fue tarea que inició con el primer Rector de esta institución educativa, Dr. Julio Alberto Ibarra Urrea, existiendo este proyecto desde 1982, año en que se abrió la Licenciatura en Ciencias de la Comunicación en la ciudad de Los Mochis, Sinaloa.

En 1984 se produjo en los estudios de Promomédios Mochis, el programa “Esencia Universitaria”, el cual era realizado por estudiantes y docentes del Programa Educativo de

Ciencias de la Comunicación y se transmitía en XEZA, estación del mismo grupo, con la firme esperanza de que algún día se integrara a esta casa de estudios, en una radio universitaria como la que hoy existe.

Este proyecto se gestionó ante la Secretaría de Comunicaciones y Transportes en cada periodo rectoral, por lo que esta dependencia federal otorgó el permiso para que Radio Universidad de Occidente, A.C. se instalara en Culiacán, Sinaloa, bajo el distintivo: XECUL en el 1040 Khz. de amplitud modulada, con 1000 watts de potencia.

Una nueva solicitud se planteó a la Secretaría de Comunicaciones y Transportes para que la emisora se trasladara a Los Mochis, Sinaloa, debido a que en esta ciudad se encontraban la mayor parte de los alumnos de Ciencias de la Comunicación, además de otros motivos técnicos, ya que la sede de la Rectoría se encuentra en esta ciudad.

Finalmente, la dependencia federal autorizó la instalación de XEUDO en el municipio de Ahome, con 1000 watts de potencia en el 820 Khz. y la autorización definitiva para su operación fue expedida el 11 de agosto de 1994.

Esta experiencia ha permitido desarrollar proyectos académicos acordes a las necesidades de la comunidad universitaria y la población, como la instalación de los Centros Integrales de Comunicación, donde estudiantes y profesores tendrán más apoyo para la producción con calidad de transmisión en Radio UAdeO.

- Ustedes como radio como se unieron al programa de *Sinaloa Aprende en Casa* y cuándo inicia?

- Iniciamos en mayo del año pasado. La SEP y C o una dependencia se puso en contacto con el director general de nuestra radio y se hizo un grupo de WhatsApp donde se subía el programa. Ahí me agregaron y comenzamos a descargarlo para transmitirlo. Detalles sobre qué persona fue y demás, los desconozco.

- Si anteriormente al programa, ya existía un programa similar o este es el primero en salir al aire con esta finalidad.

- Existía un programa similar pero enfocado al bachillerato, en este caso, el de *Cobaes Estudia en Casa*, con 2 emisiones a la semana.

Cobaes Estudia en Casa inició ya hace como 3 años. Abarcaban algunos temas de interés general para los estudiantes. Sobre logros de la institución y eventualmente empezaron a emitir asesorías para las clases. Hubo un periodo también donde produjeron una radionovela.

Su programación es ajena a nosotros y envían su material sólo para emitirlo. Se emite los martes y jueves a las 9 de la mañana y a las 4 de la tarde con una duración aproximada a los 25 minutos.

- Quién impulsa, en qué consiste y quien coordina el programa de *Sinaloa Aprende en casa* dentro en la radio de UAdeO?

- El programa lo descargo yo como Jefe de Producción de la emisora en donde es turnado al área de transmisión para programarse. De la misma forma que el programa en sí, programamos también su publicidad a lo largo del día invitando a los radioescuchas a sintonizar el programa mencionando días y horas.

- Cómo y por quien son producidos estos contenidos?

- Los programas son producidos por la SEPyC y son transmitidos en su totalidad sin ninguna clase de edición.

- Cuáles son las comunidades que ustedes como estación de radio abarcan y si alcanzan a las comunidades indígenas del Estado (en caso de abarcarlas, me gustaría saber cuáles son estas comunidades, por qué el interés de llevar la información aquí y cuáles son las lenguas consideradas para la difusión de los contenidos) Por qué se hace esta selección y cómo?

- Las comunidades indígenas que abarcamos son: Yoreme-Mayo, tarámaris y los tepehuanes (Portal Gobierno del Estado/ El Debate).

Hasta hace un tiempo transmitíamos un programa semanal dirigido a la comunidad Yoreme-Mayo de una hora de duración con contenido 70% en lengua y 30% en español. Esto fue realizado mediante un convenio con una comunidad indígena que se llamaba *Voces Indígenas*.

Nosotros no los seleccionamos para emitir su programa. Fue iniciativa de ellos se acercaron a nosotros y se les otorgó el espacio. Su programa consistía en hablar sobre sus tradiciones y sobre todo lo que es relevante para su comunidad. El programa tenía como 20 años de emisión, hasta que eventualmente ellos dejaron de hacerlo hace un par de años.

El inicio de *Voces Indígenas* se desconoce, pero debió ser casi junto con la radio. Debió empezar como 1996 para terminar en 2019.

- Finalmente, conocer si el consumo del programa fue medido o se tiene de alguna forma conocimiento del impacto que el generó en las comunidades

- No hemos aplicado ninguna clase de medición o encuestas sobre lo relativo al impacto de este tipo de emisiones.
- Cuándo fue el último día de transmisión de *Sinaloa Aprende en Casa*?
- Parece que el último que veo por aquí es el 29 de enero de este año. Ya no emitimos nada porque dejaron de enviarlo. Creo que cuando terminó el ciclo escolar pasado.
- Le agradezco la información, que tenga buen día.
- Cualquier duda, estamos a la orden.

Nome do entrevistado: Natanael Raya

Cargo: Responsável de Radio UPES

Data: 17 de novembro de 2021

Modalidade da entrevista: Videoconferência

Local e horário: Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 19:30h

Número da entrevista: 06

- Hola Natanael, primero déjame agradecerle por hacer posible esta entrevista, pues sé que han estado todos muy ocupados.

Déjame platicarte un poco de lo que estoy realizando para entrar en contexto y ver si me puedes ayudar con la información que estoy necesitando.

Estoy realizando una investigación sobre el programa de *Sinaloa Aprende en Casa* y como a través de la radio comienza a abrazar a las comunidades indígenas. Para eso, miré en la barra programática de gobierno que ustedes colaboran con el proyecto.

Por lo que me gustaría primeramente saber quién eres tú, la radio UPES y cómo entran ustedes a participar con este programa

- Bien, mi nombre es Natanael Raya, soy de Culiacán, Sinaloa, tengo trabajando en radios alrededor de 20 años, actualmente aquí en Radio UPES soy el encargado de programación y el encargado de la radio, mi labor aquí es estar pendiente de las producciones, realizarlas, estar pendientes de nuestra guía, estar pendientes de que nuestra radio esté en línea que es la manera en la que nos encontramos actualmente, esperemos que ya pronto entremos al aire con antena propia y todo, pero mi función aquí en colaboración con mis compañeros es que la radio esté trabajando las 24 horas del día, los 7 días de la semana.

- ¿Que sucede con la frecuencia, actualmente por qué no cuentan con una?

- Radio UPES tiene una frecuencia, estamos esperando el recurso para poder instalar la antena, comprar transmisores y todo, pero todo el proceso administrativo ya está, la Universidad ya tiene en su poder la frecuencia y todo el papeleo, solo que estamos esperando el recurso para poder andar.

- Y cuál es esa frecuencia?

- Sí, la 87.1 FM, es la frecuencia que nos asignaron. La idea es presentar lo que tenemos en línea al aire.

- Cómo ustedes empezaron a participar en el programa para la creación o la difusión de los contenidos a través de la radio?

- El programa de *Sinaloa Aprende en Casa*, lo lanzó la SEP aquí en Sinaloa, pero se vieron en los primeros días con la necesidad de llevar a las localidades la información, fue ahí cuando nosotros entramos en contacto con la secretaría, checar el dato y ofrecer el espacio.

Se valoró y gracias a la tecnología que al momento está al mil por hora, se descubrió que hay comunidades donde un niño o un padre de familia tiene acceso a un celular con internet y así poder llegar a esos niños.

A nosotros la Secretaría nos mandaba diario la información de los maestros. Nosotros movíamos producción y lo presentábamos bajo las directrices que ellos nos decían, la hora a la que entraba el maestro y los contenidos, nosotros no movíamos el contenido, el contenido era meramente de la Secretaría, pero ya la producción, la manera de presentarlo y el horario... el horario, jugó algo muy importante porque teníamos que jugar con las demás radios, las comerciales o Radio Sinaloa para estar presentando y tener la información a la hora que el calendario nos pedía.

La aceptación fue muy buena porque en la universidad se empezaron a contactar las personas y nos decían que no alcanzaban a escuchar otras radios y nos pedían de favor poder reproducir o transmitir informaciones y materiales, entonces, lo que nos llegaba a la cabina lo pasábamos a la Secretaría.

Nosotros iniciamos con el *Sinaloa Aprende en Casa* con 2 horas, 1 hora de primaria y 1 de secundaria, a la semana ya teníamos una carga de 3 horas del programa al día, transmitíamos de 3 a 6 de la tarde, de lunes a viernes.

- Cuándo comenzaron con esas transmisiones?

- Empezamos dos días después que se lanzó el programa, en mayo de 2020, me hablaron diciéndome que el programa ya había empezado, contacté a mis jefes inmediatos, en este caso, la Lic. Marisa Pineda, lo platicamos, lo revisamos con rectoría y rectoría desde un principio, desde que le dijimos del proyecto y que nos estaban solicitando, nos dieron el apoyo el tiempo que se necesitara.

- Natanael, la secretaría los busca a ustedes o ustedes a la secretaría?

- La Secretaría nos busca a nosotros

- Anteriormente en Radio UPES había una alternativa similar a lo que es el programa de Sinaloa Aprende en Casa?

- Radio UPES hace unos 5 años atrás, emprendió un programa que se llamaba *Alfabetizo y Aprendo Contigo*, era un programa interno de la Universidad donde trabajamos con los alumnos y maestros para alfabetizar, pero era dirigido a las personas mayores

- Y cuándo pararon con este programa y por qué?

- Este programa terminó porque esta universidad es pedagógica, se forman jóvenes para ser maestros o maestros en activos que se vienen a capacitar, entonces muchos de estos jóvenes muchos dicen “¿y a mí de que me sirve?” y les da miedo el micrófono, dicen que “vienen a ser maestros y no locutores”. Entonces terminó por que ya no había quien quisiera ser el conductor y presentarlo.

Yo me encargaba de la producción, trabajaba con los maestros y me encargaba de toda la parte técnica de cómo presentarlo, pero ya el contenido, ya eran los mismos maestros de esta universidad que daban la pauta del material que se tenía que mostrar.

- Quién impulsa, en que consiste y quien coordina con ustedes el programa de *Sinaloa Aprende en Casa*?

- La persona que se hizo cargo 100% de *Sinaloa Aprende en Casa*, fui yo. Mi jefa inmediata, Marisa Pineda, con el apoyo que nos dio la entonces rectora Alma, siempre tuvimos el apoyo de la disponibilidad del espacio.

Como nosotros no somos una radio comercial, ni tampoco cultural, sino educativa, la parte de Sinaloa Aprende en Casa, fue como anillo al dedo para nosotros para impulsar nuestra programación, y fue lo que hicimos, ofrecer nuestras instalaciones y trabajar fuera de la oficina, hacer uso de todo el material técnico que tenemos y gracias a Dios, tuvimos buena aceptación.

- Cómo y quién produjo los contenidos de *Sinaloa Aprende en Casa*? ¿Ustedes se encargaron también de ello o la secretaría los envió?

- El contenido la Secretaría, a nosotros nos decían las horas y el nombre del profesor que iba a entrar y nosotros hacíamos nuestra propia producción para presentarlo a la gente.

- Y cómo se adaptaban a la parrilla?

- A nosotros nos llegaba por semana el calendario de la secretaria, por ejemplo, la primera hora, secundarias, entonces, en una hora eran 4 bloques que se metían de 12 minutos, en el primer bloque X maestro, en el segundo bloque Y maestro y así, las otras dos horas, eran de primaria, y pasaba exactamente lo mismo.

Nosotros lo que muchas veces hicimos fue ponerlo un poco más digerible al oído, darle un entorno, porque sabíamos que era algo muy fuerte tener 3 horas consecutivas de material educativo, a cualquier persona lo cansa, ese era nuestro objetivo primordial, que en esas tres horas tú estuvieras interesada, el niño estuviera interesado, el maestro buscara que los niños estuvieran y que fuera digerible para los niños y los jóvenes.

- Ustedes escogieron los horarios o ellos decidían las horas en que debía transmitirse el programa?

- Los horarios se escogieron en común acuerdo, secretaría con la universidad, se acordó que a partir de las 3 de la tarde, porque nos dimos cuenta que a esa hora no había televisión ni radio con materiales, porque todo mundo se enfocó a las mañanas y se olvidó que había turnos vespertinos, niños y jóvenes que iban a la escuela por la tarde que había que atender, niños y jóvenes que se levantaban tarde y no alcanzaban a escuchar el módulo porque se les pasaba, entonces nosotros reforzábamos y hubo una gran aceptación ahí.

- Y cuáles son las comunidades que ustedes como radio abarcan y si incluyen a comunidades indígenas. De ser así, por qué, cómo seleccionan a esas comunidades y qué lenguas manejan para ellos.

- Al sur del Estado nos escuchan Mazatlán, Escuinapa, estamos entrando en Concordia, Cosalá, aquí nos escuchan, pero es más bajo, Culiacán, estamos entrando al área de Navolato, para el norte estamos entrando... a pesar de que somo en línea, existe otra radio ya con frecuencia de otra universidad que le estamos haciendo competencia, si entramos a comunidades indígenas, de hecho, en nuestra programación tenemos un programa indígena que se llama Ju Ánia Yoreme.

Donde ese programa trata de llevar la tradición yoreme que se da sobre todo al norte del Estado, el idioma, pues el yorem nokki, es el que se maneja ahí y entre la comunidad yoreme estamos hablando de San Miguel, Goro Pueblo, Mochicahui, etc, entonces sí, tenemos presencia entre las comunidades indígenas.

- Ese programa hacia estas comunidades indígenas, ¿tiene la misma finalidad que el programa de *Sinaloa Aprende en Casa*?

- No con esa magnitud, pero si toca temas de pronunciación, escritura, tradiciones, fechas importantes para la misma comunidad indígena, etc.

- Y por qué el interés de abarcar las comunidades indígenas y por qué elegir solo el idioma yoreme en sus contenidos, ¿cómo realizan esa selección?

- Se nos hace algo importante porque este tipo de comunidades una radio comercial no los atiende, porque no representa ese negocio lamentablemente, pero así es, como no hay mucho ingreso en ese sector pues se va marginando y también buscamos y apoyamos a la persona que está al frente de este programa al ver los números, al ver que el yorem nokki se está perdiendo, ver que los jóvenes de las comunidades indígenas no hablan la lengua, ya una semana santa no se ven las tradiciones como deben de ser y buscamos dejar un granito de arena y mostrar las tradiciones de nuestro Estado y nuestro pueblo.

- Y por qué el yoreme y no otra lengua?

- Porque el yoreme es de Sinaloa y Sonora, si hay otras lenguas que se hablan en el Estado, pero son grupos más reducidos. Nosotros hemos ido a esas comunidades y pasa el mismo efecto de que la gente teme al micrófono, tienen otro tipo de intereses.

Nosotros desde que salimos de aquí vamos bajo nuestro propio cargo, buscando donde encontrar eco y por decir, X comunidad prefiere unirse a un programa de gobierno y ahí nosotros ya no podemos darle lo que busca.

- Los contenidos del programa que ustedes tienen también lo mezclan con el español o es solo lengua indígena y por qué?

- Es bilingüe. Nosotros... Yo produzco ese programa, pero hay una persona de origen indígena que está al frente, el yorem nokki, lo que he aprendido de él es que no tiene una traducción exacta y esa es la parte de que si queremos que quede algo hay que enseñárselo a los niños y a los jóvenes, pues nos damos cuenta que ahora entre estos niños su primera lengua es el español, entonces si les ponemos los contenidos en pura lengua materna no los van a entender, es como cuando vas a enseñarles a leer.

Entonces se presenta así para aquellas personas que no lo conocen o más o menos lo conocen lo conozcan más y lo puedan entender.

- Los contenidos de *Sinaloa Aprende en Casa* también los reciben bilingües?

- Sí, ya vienen así, de hecho, si se hubiera presentado 100% en yorem nokki, muchos maestros no lo hubieran entendido.

- Y el programa que comentas de Ju Ánia Yoreme, ¿cuándo inició?
- Ese programa tiene de enero para acá, antes teníamos otro que se llamaba Inapo Yoreme, ese programa empezó aquí con nosotros, ¿cómo te diré? no nos separamos, no nos divorciamos, solo empezó a hacer su camino, pero siempre Radio UPES va de la mano con el apoyando en lo que podamos, y ahorita quien está haciendo Inapo Yoreme está haciendo Ju-Annia Yoreme.
- Y a ustedes no les ha costado trabajo lograr la traducción de los contenidos al mezclar las lenguas?
- Mucha! Porque yo en lo personal conozco el yorem nokki de vista, pero no sé significados y se dobló el trabajo porque yo les pedía traducciones completas para hacer las producciones de los contenidos para hacer las producciones de Sinaloa en Casa Indígena, para ver lo que estábamos metiendo y que quedara como debe de ir y no revolver.
- O sea que si ayudaban con las traducciones? Parece que dijiste en que se ayudaban con la traducción para tomar algunas frases.
- Apoyábamos con la realización de los bloques mas no con la traducción. O sea, cuando llega Sinaloa Aprende en Casa también lo transmitió Inapo Yoreme, el normal, vamos a llamarlo así, y después, al tiempo, se integró el Sinaloa Aprende en Casa Indígena, y fue ahí donde nosotros le echamos la mano a Inapo Yoreme en la producción de esas cápsulas.
- Ah, ok. Y ese *Sinaloa Aprende en Casa Indígena* ¿también depende de gobierno o es una propuesta individual?
- Esa fue una propuesta personal de Inapo que pasó a la Secretaría y la Secretaría lo abaló.
- Ese nuevo programa es financiado por la Secretaría o es financiado por Inapo?
- Por Inapo, Inapo se hizo a cargo de él.
- Las transmisiones del programa de *Sinaloa Aprende en Casa* ¿fue medida? Cómo ustedes saben si tuvo éxito o no fue escuchado.
- Nuestra forma de medición fue a través de las páginas de Facebook y por el grupo de WhatsApp con los maestros de la Secretaría, donde muchísimas veces nos pedían los links de nuestras transmisiones buscándonos.

Tuvimos también varias llamadas a cabina o nuestros teléfonos de maestros preguntando por los módulos porque estaban pendientes... De hecho, hubo varias comunidades en el Estado donde se comunicaron a la radio por medio de las redes sociales diciéndonos que habían tenido problemas con su internet, que no nos habían podido escuchar y que, si podíamos volver a transmitir, lo que hacíamos nosotros era pasarles el link y direccionarlos a la página para que escucharan

- Cuándo terminaron de transmitir el programa de *Sinaloa Aprende en Casa* y por qué?

- *Sinaloa Aprende en Casa* lo terminamos ahora en julio para el periodo vacacional y paramos porque ya no nos enviaron material de la Secretaría.

Como te digo, me encargaba de hacerlo ameno al oído, pero no de los contenidos, eso ya dependía del maestro o de la Secretaría.

- Finalmente Natanael, ¿Por qué ustedes teniendo redes sociales deciden por querer contar con una frecuencia de radio?

- Se decide por tener frecuencia para abarcar la mayor parte de la sociedad y tener más penetración entre los estudiantes ya que nuestro permiso es de radio educativa

- Pues creo que con esto finalizamos, me ayudas bastante, una vez más te agradezco por el tiempo porque sé que es difícil acomodar los tiempos. ¡Muchas gracias!

- Para servirle, si se le ofrece algo más y cree que le puedo ayudar, aquí estamos

Nome do entrevistado: María Esther Briseño Cortés

Cargo: Responsável de Radio Sinaloa

Data: 23 de novembro de 2021

Modalidade da entrevista: Videoconferência

Local e horário: Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 22h

Número da entrevista: 07

- Hola Licenciada, buenas noches, le agradezco primero que se haya tomado el tiempo de poder atenderme.

Le platico un poco lo que estoy realizando, actualmente estudio la maestría en donde mi interés es el programa de *Sinaloa Aprende en Casa* dentro de este periodo de pandemia y como las radios han colocado la educación y la información para la sociedad con más necesidad, sobre todo, las comunidades indígenas, por lo que miré su inicial barra programática y observé que ustedes participaban en este proceso.

Es por eso, que me gustaría conocer, como fue el inicio, el proceso, el desarrollo, la producción y la recepción de lo que fue el programa ahí con ustedes, pero, primeramente, me gustaría que me platicara un poco de usted y sobre lo que es *Radio Sinaloa*.

- Soy la Licenciada en Comunicación María Esther Briseño Cortés, hasta hace un mes, hasta hace unos días, estaba yo encargada de la Dirección General del Sistema Sinaloense de Radio y Televisión, que incluye tres estaciones en el Estado de Sinaloa, es una radio pública, que tiene ya este año 15 años de creada.

De alguna manera su barra ha sido muy diversa, en este caso, en los últimos 4 años 10 meses que me ha tocado estar participando en esta aventura, dentro de lo que es radio pública, porque yo siempre he estado en el área de comunicación, comunicóloga de carrera desde aproximadamente el 91 para acá en medios de comunicación y finalmente caigo a partir del 97 en radio, entonces ya tengo un poquito de experiencia en ese camino de la radiodifusión.

En el caso de *Radio Sinaloa*, te comparto que el Sistema Sinaloense de Radio y Televisión, es un organismo público descentralizado que tiene como objetivo la producción y transmisión de contenidos que contribuyan al fortalecimiento del ejercicio de los Derechos Humanos, la libertad de expresión, la formación ciudadana, la información y el acceso a las tecnologías, contribuyendo a respetar los principios de convivencia social, los vínculos familiares, el desarrollo de la niñez y la adolescencia, difusión de valores, uso correcto del lenguaje y la divulgación del conocimiento y la información.

Eso es en realidad lo que es el Sistema Sinaloense de Radio y Televisión, como te comento, nosotros somos una OPB que está adscrita o que depende directamente de la Secretaría de Educación Pública y Cultura del Estado de Sinaloa, entonces, de alguna u otra manera, tiene su personalidad y patrimonio propios. Entonces, nos estamos considerando como eso a partir precisamente del Decreto de Creación que aparece hace poco, en el 2018, y pues estamos en ese camino de construir un sistema fuerte, Lorena.

- Y ¿cómo ustedes se interesan por el programa, o cómo ustedes participaron o cómo empezaron a participar y de qué forma con el programa de *Sinaloa Aprende en Casa*?

- Mira, a raíz de la cuestión de la pandemia, de que se viene todo este problema y que nos vamos al encierro en casa, estábamos viendo cómo podíamos permear como medios de comunicación. En ese entonces, la directora general, la Lic. Diana Ochoa del Toro, inicia pláticas precisamente con la SEPyC y el secretario, y de alguna u otra manera se pusieron de acuerdo y ofrecimos la frecuencia, la producción y todo el quehacer de nosotros como sistema de radio para apoyar a lo que es la educación de la niñez y la adolescencia desde dos vertientes, desde el Sinaloa Aprende en Casa, elaborando desde prácticamente en mayo de 2020 este proyecto, fue rápido, fue todo como cambiando la situación y ayudando a los maestros y maestras del sector educativo para precisamente, conjuntar los esfuerzos y nos vamos con la cuestión de *Aprende en Casa*, que era Nacional y lo hicimos un producto a nivel local, al estilo Sinaloense, con maestras y maestros sinaloenses, justamente para hablarles a nuestros niños y nuestras niñas pues en un lenguaje más coloquial y más regional precisamente en ese sentido, sin dejar de ver mucho los programas que se ven a nivel regional y cumpliendo con todos los estándares educativos, por supuesto, la libertad desde los maestros, en este caso, la libertad de cátedra del maestro y la maestra, y por supuesto esto va a los programas que vienen a nivel nacional.

Entonces, como te comento, en ese momento, los maestros con sus teléfonos se grababan o se siguen grabando todavía de manera caserísima, y pues a vuelo de pájaro, obviamente se toma el Dr. Alfonso Mejía, que es el Secretario de la SEPyC en el sexenio pasado, de volada, fue algo muy muy rápido, y tratando de permear sobre todo la contingencia sanitaria de inmediato. De inmediato se armó un programa de una hora, precisamente dividido en 4 bloques, en 5 bloques, porque se incluye un poquito de Educación Física, ¿no? Decirles a los niños “muévanse así”, “muévanse así”, imagínate, cómo lo dices en radio, ¿no? El lenguaje de radio es muy diferente al lenguaje en tele, entonces, obviamente no teníamos el recurso de la imagen, pero si el de evocar la imagen que es el romanticismo y por supuesto la radio lo hizo brillante, los maestros lo hicieron genial y lo siguen haciendo.

Quiero decirte que, hasta el sol de hoy, seguimos en ese proyecto de *Sinaloa Aprende en Casa*, que, aunque todavía siga siendo en algunos lugares de nuestro Estado de modalidad híbrida, seguimos apoyando a la educación.

- Entonces, ¿aún está vigente con ustedes el programa de *Sinaloa Aprende en Casa*?

- Así es, somos la única estación que se ha quedado todavía con ese apoyo a la juventud y la niñez, como te digo, no nada más con el *Sinaloa Aprende en Casa* sino también tenemos otro programa, y a lo mejor esa es una primicia para ti, que es el programa *de Cobaes Estudia en Casa*, entonces el Colegio de Bachilleres del Estado de Sinaloa, también tiene planteles en todo el Estado y por supuesto que tiene sus cápsulas que, en el caso de Cobaes, se maneja a nivel de cápsulas, son cápsula de 15 minutos y se distribuyen en dos horarios, y los maestros y maestras están bien acoplados en ese esquema también.

- *Cobaes Estudia en Casa*, inició antes del programa de *Sinaloa Aprende en Casa*?

- Fue prácticamente alterno, o sea, fue casi prácticamente naciendo a la par porque finalmente la idea era también apoyar a lo que es el bachillerato, la educación en bachiller.

- También este programa nace a raíz de la pandemia licenciada o fue antes de ello?

- Así es, todas esas acciones fueron precisamente para apoyar la educación de la niñez y la juventud.

- Y cuál es la diferencia que hay entre estos programas?

- Mira, como te digo, es más la duración eh, porque lo que es *Sinaloa Aprende en Casa* es una hora de lunes a viernes, y en el caso de *Cobaes Estudia en Casa*, lo tenemos dos días a la semana, que son martes y jueves a las 11 de la mañana y a las 3 de la tarde que es la repetición, entonces son 15 minutos, es un bloque de 15 minutos en lo que se les apoya precisamente al estudiantado.

- Usted hace un momento mencionó que el programa de *Sinaloa Aprende en Casa* sale en diferentes frecuencias, ¿cuáles son esas frecuencias?

- Nosotros hasta el sol de hoy, como te comento, estamos pasándolo por la 94.5 de tu FM en Culiacán, la 93.9 FM en Mazatlán y la 92.5 FM en Los Mochis.

En estas tres frecuencias que tienen la cobertura estatal hasta donde se vaya la señal y por supuesto a través de nuestra página de internet www.sisirt.gob.mx

- El programa en la plataforma digital, ¿aparece de manera simultánea o es alterna?

- Es simultaneo y también lo pueden checar en la página de la SEP y C que lo tiene también y lo transmite a través de su liga, o sea que, finalmente es un apoyo que sigue todavía adelante

- Para ustedes poder participar con el programa, ¿fue un acercamiento por parte de la Secretaría hacia Radio Sinaloa, o Radio Sinaloa fue quien lo crea local?, ¿cómo sucede todo esto?

- Fíjate que según las experiencias que hemos conversado y hemos platicado, precisamente como te digo, fue un acercamiento de la Lic. Diana Ochoa que ofreció el factor humano, la tecnología, todo lo que es la frecuencia, las señales y la puso a disposición de la Secretaría y por supuesto de Cobaes, entonces los que se unieron a este ofrecimiento por parte de sisirt fue precisamente lo que es SEPyC y felizmente también Cobaes y como medios de comunicación se junta Radio UPES y también Radio UAdeO a este esfuerzo.

Obviamente como te digo, nos quedamos nosotros solos con el Sinaloa y el *Cobaes Estudia en Casa*, seguimos adelante con mucho gusto.

- ¿Ustedes elaboran los contenidos del programa de *Sinaloa Aprende en Casa*, los producen?

- Nosotros los producimos, te comento un poquito el trabajo, los contenidos los hacen cada maestra y cada maestro, hay una dirección que se encarga de sus contenidos, de conjuntar los trabajos de los maestros y las maestras y se hacen los programas en base a la propia escaleta que nos mandan... nos pusimos de acuerdo muy bien con esta situación de la escaleta, nosotros hicimos la producción de entrada y de salida, todo lo que es vestidura y todavía seguimos armando nosotros los programas diarios, semanales... SEPyC y Cobaes nos envían sus audios en frío por así decirlo, con sus cápsulas unitarias, entonces nosotros las vamos armando para que sea un programa completo.

En muchas ocasiones el maestro pues ya improvisó muy bien y empezó a trabajar, y nos da muchísimo gusto con los maestros de SEPyC que ellos finalmente, ya al día de hoy, musicalizados, porque se ponían su música de fondo y ellos hablaban y la verdad que, con sus recursos, ha sido loable, muy encomiable este trabajo que se ha hecho

- Entonces, los maestros inicialmente grababan sus contenidos y ustedes se encargaban de vestirlos, después de esto, ¿ustedes los enviaban a las demás radios participantes o cada radio trabajaba de manera individual?

- Mira, nos pusimos de acuerdo, para que emanaran, precisamente fue la Secretaría quien tomara un poquito el control de esto como tal y ellos enviaran... nosotros hicimos las vestiduras y las compartimos a las demás radios y por supuesto cada quien hacia su producción con esos audios.

- ¿Quién coordina el programa de *Sinaloa Aprende en Casa* en Radio Sinaloa?

- Mira, al inicio de la pandemia, la Lic. Diana Ochoa se lo deja a la Lic. Georgina Martínez, una compañera de radio y después recae en mí y ya lo voy destinando gradualmente y con mucho gusto, este programa me ha tocado incluso hasta producirlo, porque quiero decirte que nos volvimos todólogas y todólogos, entonces a producirlos tal cual, a producirlos todos, y esto porque fueron a veces enfermándose algunos de nuestros productores, ¡y pues teníamos que improvisar y no nos salieron tan mal eh! Me siento muy orgullosa de haberlo podido aprender y seguir trabajando para la niñez

- ¿Licenciada, y ustedes abarcan a las comunidades indígenas como Radio Sinaloa?

- Mira, nosotros llegamos hasta donde baña la señal, hasta donde baña la frecuencia radial, sabemos que es un espectro determinado en cada una de los lugares en donde estamos, entonces en muchas llega y en muchas no, la verdad es que eso ya es muy difícil de tomarlo ¿no? Porque como te comento, ahorita ya con el internet, o con los radios dependiendo de las horas, también del clima... es que son tantos factores para que las ondas hertzianas viajen y lleguen a cada aparato en casa o teléfono, porque incluso en teléfonos nos pueden escuchar.

- Y el contenido que ustedes lanzan por radio, ¿es en español o también combinan alguna lengua indígena?

- Fíjate que hasta el momento solo manejamos el idioma español y tenemos algunas producciones, por ejemplo, tenemos una producción muy bonita que se llama *El canto del Cenizontle*, pero eso son los sábados, pero este programa lo transmitimos sábados y domingos en las mañanas, y también habla un poquito de las lenguas indígenas y ayuda e invita a conocerlas, tratamos de ir con todo eso, pero no tenemos un programa en la lengua tal cual.

- Y como radio que lugares abarcan?

- En Culiacán es la zona conurbada y algunos municipios aledaños, y hasta llegamos a Elota en el Sur, pero también llega de inmediato la de Mazatlán, entonces algunos kilómetros y ya llega la señal de Mazatlán y llegamos entonces hasta Escuinapa, entonces si llegamos a varios sectores, y te cuento porque en el caso de Mochis, si llegamos hasta Guasave por ejemplo y si bañamos algunos municipios más allá de lo que es la ciudad de Los Mochis, no sé si llegamos más lejos antes del Fuerte.

- Cuál es la potencia de las antenas?

- Como 5 mil watts cada una aproximadamente.

- Licenciada, y el programa de *Sinaloa Aprende en Casa*, ¿logró ser medido o cómo se dieron cuenta si fue una herramienta escuchada en este periodo?

- Fíjate que ahí la cuestión es muy importante, dicen que cuando no están las cosas se saben, ¿no?, estuvimos nosotros en los programas y los maestros mismos nos decían, por ejemplo, un día tuve un problema con la consola y no pudimos transmitirlo, entonces nos hablan los maestros o los niños, sobre todo cuando esas cosas pasan y la verdad es que tuvimos un trabajo muy fuerte para sensibilizar precisamente al alumnado, porque tenían también la herramienta de *Aprende en Casa* por la TV, pero por lo general, es el maestro quien nos daba la retroalimentación de que los niños estaban consumiendo la información de esto y nos pidieron que continuáramos con el trabajo.

- Anteriormente, ¿ya existía un programa similar a lo que es *Sinaloa Aprende en Casa* antes de pandemia?

- No, no, no, no, esto sale a raíz de esto, como una estrategia de apoyo en este tiempo de Covid-19, entonces desde que comenzamos con este apoyo no lo hemos dejado de proporcionar, nos significa muchísimo para aportar y para permear en las deficiencias que hay todavía en muchos grupos vulnerables.

- Licenciada, y, ¿por qué no llevarles esa información a las comunidades indígenas? Si Radio Sinaloa tiene frecuencia en Culiacán, Mazatlán y Mochis, ¿por qué no penetrar también a las partes con más vulnerabilidad como las áreas indígenas que tienen menos acceso a la información y al conocimiento, o a los medios en este caso?

- La verdad es que nosotros lo ponemos en el contexto de la Secretaría y es ella quien toma la decisión de los contenidos, lo que pasa es que de todos modos esto no es excluyente, al contrario, lo que busca es incluir a toda la población independiente de su calidad de persona, a su orientación, o raíz, nosotros en Radio Sinaloa, o en el Sistema Sinaloense, precisamente como medio público lo que buscamos es la inclusión porque igual y puede ser lo mismo en el *Aprende en Casa TV* o en el *Aprende en Casa Radio*, que más sería en el TV, porque yo no he sabido de una radio que lo haga tal cual, más que las radios públicas que somos las que hemos respondido a esta imperiosa necesidad educativa por parte de la niñez y la juventud, entonces, hemos sido los factores del cambio y estamos muy orgullosos de eso, al contrario, créeme que si hay una situación en la que nosotros pudiéramos ayudar, siempre hemos sido los que estamos proponiendo la idea ¿no? Y ahí está con mucho gusto esto.

Nada más que para manejar la cuestión de las lenguas, si necesitamos de una acreditación especial y un permiso especial de RFC y por supuesto de las autoridades como el IFT, entonces ya con eso, tendríamos que nosotros enviar esta documentación o estas solicitudes para poder hacer esas intervenciones en las lenguas diferentes al español, porque es un compromiso ¿no? Y por supuesto, ahí ya tendríamos otro perfil en nuestra barra programática, entonces, te comento porque finalmente es un poquito de vacío no por querer,

sino porque realmente hay una cuestión de ponernos en concordancia y no podíamos dar el mismo salto rápidamente como lo dimos en ese sentido.

- Y que todo sucedió en un parpadear de ojos

- La verdad es que a nosotros nos tomó muy desprevenidos esta contingencia sanitaria mundial y que haya estos esfuerzos que han sido galardonados quiero decirte ¿no? Por ejemplo, nosotros tuvimos una nominación al premio pantalla de cristal, es un premio especial que se les da a las radios públicas que han respondido y se nos otorga precisamente a dos programas pero que también tuvieron una respuesta en tiempos de pandemia que otro día te comentaré que nos da mucho orgullo que fue en la cuestión de salud, en la cuestión sanitaria.

Hicimos un programa que tuvo mucho apoyo, que es una llamada a tiempo porque había mucho vacío de información o desinformación como tal, si así lo quieres decir, en lo que era el tratamiento, las curas milagrosas, en el que salgas o no salgas, gente que se tomaba líquidos y así, y ¿cómo esto lo íbamos a tratar? Pues con información de los expertos y las expertas que es el personal de la salud, entonces las autoridades sanitarias nos apoyaban muchísimo en este programa y felizmente, pues como te comento tuvimos esas nominaciones y premios en ese sentido, tanto para esos programas que se dieron durante esta contingencia y eso es un orgullo y un gusto.

- Licenciada, y una curiosidad más, ¿por qué su gusto por la radio?

- Mira, yo creo que es un medio de comunicación no nada más importante, es más incluyente de lo que te puedas imaginar, es un medio que llega haya internet o no haya internet, es un medio que ya tiene más de 100 años en México, estamos cumpliendo los 100 años de la radio en México, imagínate, no va más que a complementarse con los actuales medios de comunicación que se están realmente sumando y de alguna u otra manera si te ayuda y es importante profesionalizar los medios de comunicación, es darles el amor, y por supuesto, la entrega y la pasión, y ya nunca es trabajo cuando te gusta y me fue envolviendo y me atrapé, esa es la verdad.

No es nada más un medio en el que me gusta, sino que también me ha ayudado a sacar adelante la vida, y entonces, como te digo, no es trabajo cuando te gusta, y es muy bonito dedicarse a lo que te gusta y crear contenidos y obtener la respuesta de la audiencia es algo maravilloso, es algo maravilloso, y cómo es que lo vas complementando, el diseñar los contenidos... por ejemplo, en la radio pública es todavía un reto todavía más importante que en la radio comercial, porque estás hablando de cómo llevar la cultura, el conocimiento, la información de manera atractiva, real, veraz y muy comprometida con las audiencias y trato de ser muy respetuosa con nuestras audiencias.

- Creo que con esto me ha ayudado demasiado, le agradezco muchísimo por su tiempo.
- Espero ayudarte, hasta pronto y mucho gusto Lorena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTOS, C. **Desarrollo sostenible de los pueblos indígenas: con ellos, para ellos.**

Disponível em: <<https://blogs.iadb.org/igualdad/es/desarrollo-sostenible-de-los-pueblos-indigenas-con-ellos-para-ellos/>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

BARROS DOS SANTOS JUNIOR, V.; SILVA MONTEIRO, J. C. COVID-19 e escolas no ar: transmissão de aulas por rádio e TV aberta em período de distanciamento social.

Revista UFRR, v. 3, p. 41–48, 2020.

BBC NEWS. **Coronavirus en México: confirman los primeros casos de covid-19 en el país.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-51677751>>.

Acesso em: 4 mar. 2021.

BBC NEWS MUNDO. **Cómo se escuchó en la radio el terremoto de México de 1985.**

Disponível em:

<https://www.bbc.com/mundo/video_fotos/2015/09/150918_audio_terremoto_zabludovsky_radio_1985_cch#:~:text=El sismo derribó las torres,través de la radio XEW.>. Acesso em:

5 mar. 2021.

BBC NEWS MUNDO. **Coronavirus: Brasil confirma el primer caso en América**

Latina. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-51641436#:~:text=El Ministerio de Salud de,detectado oficialmente en América Latina.>>.

Acesso em: 21 jan. 2021.

BOAVENTURA DE SOUZA, S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência: Para um novo senso comum.** São Paulo: Cortez, 2000.

CÁMARA NACIONAL DE LA INDUSTRIA DE RADIO Y TELEVISIÓN. **Cronología de la radiodifusión.** Disponível em: <<https://cirt.mx/cronologia-de-la-radiodifusion/>>.

Acesso em: 4 mar. 2021.

CASTELLS I TALENS, A. La radio indigenista en tiempos neoindigenistas.

Comunicación y Sociedad, n. 15, p. 123–142, 2011.

CASTILLO TZAB, D. DE LOS Á.; MARTÍNEZ LÓPEZ, J. S.; BATLLORI SAMPEDRO, E. A. Los medios de comunicación masiva ante los fenómenos naturales. **Espacios Públicos**, v. 11, n. 21, p. 240–254, 2008.

CELLARD, A. et al. **A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos** Petrópolis, RJ Editora Vozes, , 2008. Disponible em: <<http://www.vozes.com.br>>. Acceso em: 15 mar. 2022

CENTRO NACIONAL DE PREVENCIÓN DE DESASTRES. **Diagnóstico de peligros e identificación de riesgos de desastres en México**. [s.l: s.n.]. v. 1

CHÁVEZ ORTIZ, I. G. La radio como experiencia cultural: un panorama de la radiodifusión en el ámbito internacional y los inicios de la radio educativa en el periodo nacionalista en México 1924-1936. **Signos Históricos**, v. 28, p. 114–148, 2012.

CONSEJO NACIONAL DE POBLACIÓN. **¡En Zona Libre hablaremos de Radio Indigenista!** Disponible em: <<https://www.gob.mx/conapo/articulos/en-zona-libre-hablaremos-de-radio-indigenista>>. Acceso em: 12 jan. 2022.

COORDINACIÓN GENERAL. **Red Edusat**. Disponible em: <<https://aprende.gob.mx/red-edusat/>>. Acceso em: 19 nov. 2021.

CORDEIRO, K. M.; COSTA, R. P. Educação na pandemia do novo coronavírus: mídias e desigualdade. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, p. 81–97, 2020.

CROVI DRUETTA, D.; GARAY CRUZ, M. DE LA L. Comunicación-Educación. Hacia la construcción de un estado del arte. In: **La comunicación en México: una agenda de investigación**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2009. p. 111–134.

CRUZ AGUILAR, E. **La educación transformadora en el pensamiento de Paulo Freire** Universidad de los Andes, 2020. Disponible em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/356/35663284002/html/index.html>>. Acceso em: 20 out. 2021

CUESTA MORENO, Ó. J. Investigaciones radiofónicas: de la radio a la radio indígena.

- Una revisión en Colombia y Latinoamérica. **Ánfora**, v. 19, n. 33, p. 165–183, 2012.
- CULTURAL SURVIVAL. Situación de la radiodifusión indígena en México 2018. p. 99–117, 2018.
- DE ASSIS, F. Por uma geografia da produção jornalística: a imprensa do interior. **Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, set. 2013.
- DÍAZ GV, G. **Radio indígena e indigenista: preservando la cultura**. Disponível em: <<https://criterionoticias.wordpress.com/2017/02/16/radio-indigena-e-indigenista-preservando-la-cultura/>>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- DIRECCIÓN GENERAL DE PLANEACIÓN, P. Y E. E. **Principales cifras del Sistema Educativo Nacional**. Ciudad de México: [s.n.].
- ECOS INDÍGENAS. **Emisoras del Sistema de Radiodifusoras Culturales Indígenas – INPI. Ecos Indígenas. La Voz de la Diversidad**. Disponível em: <<http://ecos.inpi.gob.mx/emisoras/>>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- ESQUIVEL HERNÁNDEZ, G. et al. **El mundo en tiempos de pandemia: COVID-19**. Ciudad de México: Senado de la República Instituto Belisario Domínguez, 2020.
- FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA MÉXICO. **Al menos una tercera parte de los niños en edad escolar de todo el mundo no tuvo acceso a educación a distancia durante el cierre de las escuelas por COVID-19**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/mexico/comunicados-prensa/al-menos-una-tercera-parte-de-los-niños-en-edad-escolar-de-todo-el-mundo-no-tuvo>>. Acesso em: 4 fev. 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia del Oprimido**. [s.l.] Siglo XXI, 1978.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Riso de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GALARZA, T. **Estrategias interactivas en la radio comunitaria educativa**. [s.l.: s.n.].
- GASPARELLO, G. No morirá la flor de la palabra... La radio comunitaria indígena en

Guerrero y Oaxaca. **Nueva Antropología**, v. XXV, n. 77, p. 133–154, 2012.

GOBIERNO DE MÉXICO. **Radio Educación**. Disponible em:

<<https://radioeducacion.edu.mx/acerca-de-radio-educacion>>. Acesso em: 5 fev. 2021.

GÓNZALES DÍAZ, M. **El malinchismo es una enfermedad social de los mexicanos ligada a un complejo de inferioridad hacia lo extranjero**. Disponible em:

<<https://www.bbc.com/mundo/noticias-58095298>>. Acesso em: 6 nov. 2021.

GONZÁLEZ RIVERO, J. L. Aportes teóricos para la construcción de un nuevo orden comunicacional emancipador. **AMEERLJSHA**, p. 40–47, 2016.

GUIMARÃES CORRÊA, L. et al. Entre o interacional e o interseccional: Contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação. **Revista ECO-Pós**, v. 21, n. 3, p. 147–169, 2018.

GUTIERREZ, A. Historia y evolución de la radio. In: **Anda Gutierrez**. [s.l.: s.n.]. v. 1p. 1–27.

HERNÁNDEZ, L. **Desempleo en México en 2022 seguirá arriba de los niveles prepandemia, prevé la OCDE**. Disponible em:

<<https://www.elfinanciero.com.mx/economia/2021/07/07/desempleo-en-mexico-en-2022-seguira-arriba-de-los-niveles-prepandemia-preve-la-ocde/>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

IBERO. **ENCOVID-19: Efectos pforundos de la pobreza aumentarán a lo largo del 2021**. Disponible em: <<https://ibero.mx/prensa/encovid-19-efectos-profundos-de-la-pobreza-aumentaran-lo-largo-del-2021>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DE TELECOMUNICACIONES. **Diario Oficial de la Federación**. Disponible em:

<https://dof.gob.mx/nota_detalle.php?codigo=5603258&fecha=21/10/2020>. Acesso em: 15 set. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DE TELECOMUNICACIONES. **Día Mundial de la Radio 2021**.

Disponible em: <<http://www.ift.org.mx/comunicacion-y->

medios/informate/infografias#body>. Acceso em: 13 mar. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA. **México en cifras.**

Disponível em: <inegi.org.mx/app/areasgeograficas/>. Acceso em: 5 mar. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA. **Presentación de resultados INEGI**, 2021a.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA. Resultados del Censo de Población y Vivienda 2020 (Resumen ejecutivo). 2021b.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA. **Resultados Censo de Población y Vivienda 2020**, 2021c.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA. **Resultados De La Encuesta Nacional De Ocupación Y Empleo** INEGI, 2021d.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA; SECRETARÍA DE COMUNICACIONES Y TRANSPORTES; INSTITUTO FEDERAL DE TELECOMUNICACIONES. ENDUTIH 2020. **Comunicación Social**, v. 2, 2021.

JAVIER LAFUENTE; CAMHAJI, E. **México confirma el primer caso de coronavirus en el país.** Disponível em:

<https://elpais.com/sociedad/2020/02/28/actualidad/1582897294_203408.html>. Acceso em: 4 mar. 2021.

KAPLÚN, M. Procesos educativos y canales de comunicación. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, v. 64, n. 9, p. 1689–1699, dez. 1998.

KAPLÚN, M. **Producción de programas de radio. El guión - La realización.** Quito, Ecuador: CIESPAL, 1999.

LAMAS, E. Gestión integral de la radio comunitaria. **Centro de Competencia en Comunicación para América Latina, FES/Promefes**, v. 1, p. 1–80, 2013.

LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação qualitativa:**

fundamentos e práticas Lisboa Instituto Piaget, , 1994.

MADRID, J. E. Los medios de comunicación y los terremotos de 1985 en México. **Revista mexicana de Comunicación**, 1989.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MEJÍA BARQUERA, F. Historia mínima de la radio mexicana (1920-1996). **Revista de Comunicación y Cultura**, n. 1, p. 1–26, 2007.

NAVARRO, M. F. **Inician clases a distancia, se ensancha brecha digital entre alumnos**. Disponível em: <<https://www.forbes.com.mx/clases-a-distancia-brecha-digital-alumnos/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

NEVES, J. L. PESQUISA QUALITATIVA-CARACTERÍSTICAS, USOS E POSSIBILIDADES. **Cadeno de pesquisas em administração**, v. 1, 1996.

NÚÑEZ, F. **La radio en la educación frente a la COVID-19**. Disponível em: <<https://observatorio.tec.mx/edu-bits-blog/radio-educacion-covid19>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA EDUCACIÓN LA CIENCIA Y LA CULTURA. **Diseño de políticas públicas para apoyar a las radios indígenas y comunitarias en México**. Disponível em: <<https://es.unesco.org/creativity/activities/disen-de-politicas-publicas-para-apoyar-las>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PEIXOTO DE MOURA, C. **PESQUISA EM COMUNICAÇÃO Metodologias e Práticas Acadêmicas**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2016.

PRATA, N.; CAMPELO, W.; PESSOA, S. C. Produções radiofônicas: movimentos e protagonismo em radioaulas na pandemia da Covid-19. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2020.

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO. **México en breve**. Disponible em: <mx.undp.org/content/mexico/es/home/countryinfo.html>. Acceso em: 5 mar. 2021.

RADIO UNAM. **Historia**. Disponible em: <<http://www.radio.unam.mx/historia/#:~:text=la mañana del lunes 14,%2C%20%22operada por universitarios%22.>>. Acceso em: 4 mar. 2021.

RODERO-ANTÓN, E.; BLANCO-HERNÁNDEZ, M. El papel de la radio en situaciones de crisis. *Iniciativas en la pandemia del coronavirus*. p. 193–213, 2020.

ROGERS, H.; SABARWAL, S. Covid-19 : Impacto en la educacion y respuestas de política pública. **Grupo Banco Mundial**, p. 1–56, 2020.

ROMO, C. **Introducción al conocimiento y práctica de la radio**, 1982.

ROMO DE ROSELL, C. Estructura y funciones de la radio mexicana. **La célula**, v. 1, p. 75, 1985.

SALMERÓN, C. La radio: conceptos y funciones. In: **Articulamos**. [s.l: s.n.]. v. 1p. 5.

SAVAGE, M. E.; SPENCE, P. R. Will You Listen? An Examination of Parasocial Interaction and Credibility in Radio. **Journal of Radio and Audio Media**, v. 21, n. 1, p. 3–19, 2014.

SECRETARÍA DE ECONOMÍA. **Sinaloa: Economía, empleo, equidad, calidad de vida, educación, salud y seguridad pública**. Disponible em: <<https://datamexico.org/es/profile/geo/sinaloa-si>>. Acceso em: 17 nov. 2021.

SECRETARÍA DE EDUCACIÓN PÚBLICA. **Visión y Misión de la SEP**. Disponible em: <<https://www.gob.mx/sep/acciones-y-programas/vision-y-mision-de-la-sep?state=published>>. Acceso em: 2 fev. 2021a.

SECRETARÍA DE EDUCACIÓN PÚBLICA. **Boletín No. 102 Inicia SEP estrategia radiofónica para comunidades indígenas del programa Aprende en Casa**. Disponible em: <<https://www.gob.mx/sep/articulos/boletin-no-102-inicia-sep-estrategia-radiofonica>>

para-comunidades-indigenas-del-programa-aprende-en-casa?idiom=es>. Acesso em: 17 fev. 2021b.

SECRETARÍA DE LA DEFENSA NACIONAL. **1 de noviembre de 1937, la Secretaría de Guerra y Marina cambia de denominación a Secretaría de la Defensa Nacional.** Disponível em: <<https://www.gob.mx/sedena/documentos/1-de-noviembre-de-1937-creacion-de-la-secretaria-de-la-defensa-nacional>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SOSA PLATA, G. **Días de radio: Historias de la radio en México.** México: Colección Ojo al gato, 2016.

SOUSA, C. C. DE. Educação e Comunicação: um encontro entre Paulo Freire e o paradigma praxiológico da comunicação. In: **Mídia, tempo e interações sociais: conceitos em circulação.** [s.l.: s.n.]. v. 2020p. 1–10.

UNESCO. **La radiodifusión de onda corta - desafíos y oportunidades.** Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/es/unesco/events/prizes-and-celebrations/celebrations/international-days/world-radio-day-2013/shortwave-radio/shortwave-article/>>. Acesso em: 5 mar. 2021.

UNESCO. **O papel da rádio em situações de emergência e de catástrofe humanitária.** Disponível em: <<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/noticias/dia-mundial-da-radio-2016>>. Acesso em: 29 ago. 2021a.

UNESCO. **Unesco diz que rádio “é a salvação em momentos de emergência e desastre”.** Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2016/02/1540651-unesco-diz-que-radio-e-salvacao-em-momentos-de-emergencia-e-desastre>>. Acesso em: 29 ago. 2021b.

UNESCO. **La educacion en tiempos de la pandemia de COVID-19,** 2020a.

UNESCO. **Rádio: mais forte e mais vibrante do que nunca.** Disponível em: <<https://pt.unesco.org/courier/2020-1>>. Acesso em: 29 ago. 2021b.

VILLALOBOS LÓPEZ, J. A. Radio Programs from Mexico to 100 years of radio in Mexico. **Munich Personal RePEc Archive**, n. 105408, 2021.

W. BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. São Paulo: Vozes, 2002.

ZAMORA, O. **¿Cuál es la realidad de una radio comunitaria indígena en México?**

Disponível em: <<https://www.milenio.com/estados/como-funciona-una-radio-comunitaria-indigena-en-mexico>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ZIEGLES, S. et al. **Conectividade rural na América Latina e no Caribe** IICA, , 2020.